



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

---

**STEFERSON ZANONI ROSEIRO**

**FEIURAS: INSURREIÇÕES DO CORPO NA ESCOLA**

VITÓRIA/ES

2019



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

STEFERSON ZANONI ROSEIRO

**FEIURAS: INSURREIÇÕES DO CORPO NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação, na linha de Docência, Currículo e Processos Culturais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janete Magalhães Carvalho.

VITÓRIA/ES

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Roseiro, Steferson Zanoni, 1990-  
R795f      Feiuras : Insurreições do corpo na escola / Steferson Zanoni  
Roseiro. - 2019.  
138 f. : il.

Orientadora: Janete Magalhães Carvalho.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Escola. 2. Feiura. 3. Resistência. 4. Insurreição. 5.  
Fabulação. I. Carvalho, Janete Magalhães. II. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

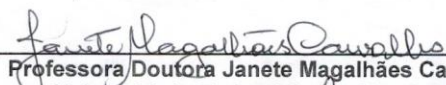
## STEFERSON ZANONI ROSEIRO

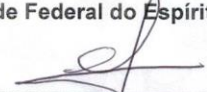
### FEIURAS: INSURREIÇÕES DO CORPO NA ESCOLA

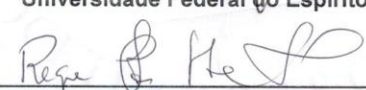
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

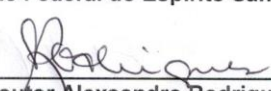
Aprovada em 08 de abril de 2019.

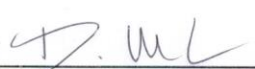
#### COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Regina Helena Silva Simões  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Alexandro Rodrigues  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Davis Moreira Alvim  
Instituto Federal do Espírito Santo

FELIZAZ

*insurreições do corpo na escola*

## Agradecimentos

Minha mãe e irmã são as primeiras na lista. Tudo bem que elas talvez precisassem mais de um pedido de desculpas que agradecimentos. Elas bem sabem o *quanto* importunei e o quanto deixei de fazer um monte de coisas com elas por causa disso daqui. Peço mil desculpas, mas também agradeço bastante por todas as horas em que vocês me ouviram falar sozinho, pelo tempo que gastaram me vendo desenhar, pintar, tentar arranjar algo de diferente para fazer com as crianças e tentar fazer dar certo... obrigado mesmo. Quando tiverem dúvida do quanto eu amo vocês, só saibam que eu amo em igual medida com a qual eu as aporrinho. Haha.

Janete, você é a próxima. Lembro que me aproximei de você logo depois da greve de 2012. E tudo por causa de um trabalho que você tinha passado! Assim que entrei na escola, lembrei-me de algumas leituras que você tinha indicado, mas que não faziam parte do programa. Foi daquele jeito, meio sem pé nem cabeça, que comecei a me encontrar com as filosofias da diferença. Mas, para ser honesto, o que mais lembro de nossa trajetória juntos eram os percursos de carro com você, com nós dois conversando enquanto íamos e voltávamos das escolas em que fazíamos pesquisa. Sempre vou sentir saudade daqueles trajetos em que tudo falávamos. Obrigado pela amizade, Janete.

Alguns amigos muito próximos: Nahun, Nayara, Camilla. Para o infortúnio de vocês, sempre tive muito apreço pela opinião de vocês. Muitas vezes discordando, como vocês bem sabem! Mas, ainda assim, enchendo o saco, pedindo leitura, pedindo escrita, pedindo discussões... estejam cientes de que isso não acaba aqui. Ainda tenho muitas mensagens para mandar para vocês de madrugada ou indo para o trabalho. Ainda terei muitas histórias de escola para partilhar com vocês e exigir partilha de seus causos e descasos. A vocês obrigado.

Às minhas crianças. Aquelas da escola em que fui professor e aquelas da escola – não tão crianças assim – em que fui tudo menos professor. Obrigado por me lembrarem que as coisas jamais ficam do modo que eles querem; obrigado por me lembrarem de fazer estardalhaço.

À banca, é claro, não apenas um agradecimento leviano. Jamais poderia escrever qualquer coisa sem ter você por perto, Regina. Nem sei se você lembra, mas minha

primeira tentativa de escrita de pesquisa foi para você, num relatório muito mixuruca que eu escrevi para o IC que fiz com você por pouco tempo. Aqui, agora, espero que você possa ler o texto e dizer: “ok, talvez esse menino *tenha* aprendido uma coisa ou outra”. Hahaha. Alex, querido, você é amizade e não escondemos isso. Amizade de escrita, de comilança, de discussão. É carinho, é afeto, é presentinho bobo, é fofuquinha... haha. Morremos de rir juntas e a senhora sabe me lembrar como ninguém que a vida é sempre mais bonita que a gente imagina. Davis, gato, eu te conheci ontem e, se me permite, o fascínio foi imediato. Discordamos em bastantes coisas – nossas discussões que o digam! –, mas realmente adoro ver o quanto você se empolga, o quanto você não liga de falar com afeição genuína. Ferraço, lembro quando o vi pela primeira vez e não fazia a mínima de quem você era. Você fazia uma fala em algum lugar e, ali, pela primeira vez, ouvi seu relato da prova e a questão sobre independência. Eu a ouvi muitas outras vezes seguidas, e, curiosamente, em nenhuma delas a história fica repetitiva. Ela é sempre uma lembrança ética da profissão para mim. Por tudo isso, agradeço demais a vocês.

Às professoras e professores que conheço por aí que não têm medo das políticas controladoras que enfrentamos: Alana, Danielly, Igor, Terezinha, Jésio, Lu, Monique, Suzany, Ariadny...

Ao nosso grupo que, este ano, já me aguenta há seis anos (hahaha). Um agradecimento especial às duas leas que nos protegem de ataques e nos apoiam em todos os momentos, não interessa que tipo de ajuda precisamos. Tânia e Sandra, esse especial é para vocês.

À minha família, aos amigos, à turma 31 (algumas pessoas mais que outras, não nego), ao Centro de Educação (minha trajetória até aqui seria bem diferente sem os professores ótimos que conheci durante a graduação), ao PPGE, ao GEPSs e por aí vai.

Meio que a tudo e a todos: obrigado.

Todas as pinturas e desenhos apresentados nesta  
dissertação são de autoria minha e feitas especificamente  
para este trabalho.

Steferson Zanoni Roseiro.



## Resumo

Ao propor indagar como o corpo feio fabula contra os maquinismos do regime capitalístico, esta pesquisa foi realizada em um processo de criação fabuladora com alunos e alunas do Ensino Fundamental II de uma escola pública no município de Cariacica-ES. Tomando a beleza como uma estratégia de controle que se alastra em todos os lugares, propõe-se pensar como a feiura, de outro modo, estabelece alguns processos insurreccionais. Se há, popularmente, uma tendência a produzir beleza nos corpos via mídia, currículos, empresas etc., evidenciam-se nas escolas corpos arrombados por feiuras desestabilizadoras. Metodologicamente, alunos do sexto e sétimo anos se envolveram na composição de personagens estético-conceituais e histórias que visassem fazer ruir as organelas controladoras da beleza. Foram realizados 17 encontros nos quais o objetivo da produção de dados eram justamente as fábulas. Assim, surgiu como resultado um lugar afirmado como *escola de gente feia*. Nessa escola, corpos corriqueiros são interpelados pela baixeza da feiura e, ocasionalmente, acabam também por se render a ela. É nesse contexto que, de encontro com Feioso, a menina “certinha”, a professora rabugenta, a coordenadora simpática, o menino afeminado e o professor “novato” são convidados a insultar a lógica de controle agenciado no capitalismo. Fazendo da feiura um insulto em quatro postulados e valendo-se das fábulas criadas a partir da escola de gente feia, o texto conclui afirmando a feiura enquanto um insulto ao Capital, enquanto uma aposta para as guerras que não cessam.

Palavras-chave: Feiura. Escola. Resistência. Insurreição. Fabulação.

## Abstract

Proposing to question how the ugly body fabulates against the machinery of the capitalistic regimen, this research was produced in a process of creative fable with students of a municipal public Secondary School in Cariacica-ES. Taking beauty for a control strategy that spreads everywhere, it is proposed to think of how ugliness, on the other hand, establishes some insurrectionary processes. If there is, popularly, a tendency to produce beauty in bodies through media, curriculums, companies etc., in schools, bodies that are overwhelmed by a destabilizing ugliness are evident. Methodologically, students from the sixth and seventh grades were involved in the composition of aesthetic-conceptual characters and stories that aimed to topple the beauty controlling organelles. There were 17 meetings where the objective to produce data were the fables themselves. Thus, as a result, there appears a place affirmed as *school for the ugly people*. In this school, the usual bodies are interrogated for the lowness of their ugliness and, occasionally, they surrender to it, as well. It is in this context that, confronting Haggishy, the “goody-two-shoes” girl, the grumpy teacher, the nice coordinator, the effeminate boy, and the “newbie” teacher are invited to insult the logic of the control assembled by the capitalism. Turning the ugliness into an insult in four postulates and using of fables created by a school of ugly people, the text concludes by affirming ugliness as an insult to the Capital, while also a gamble for the wars that do not stop.

Keywords: Ugliness. School. Resistance. Insurrection. Fabulation.

**Nas livrarias da periferia geralmente se vendem lápis, borrachas, canetas, e nas farmácias, escovas de dente, pincel para barba, cremes para o rosto. Tantos artigos de beleza se volumam nesses lugares, como se o verdadeiro problema da humanidade nem fosse a doença, as muitas enfermidades, mas a feiura.**

**Dezsö Kostolányi**

# SUMÁRIO

<b>ABRIL DE 2016.....</b>	<b>13</b>
[escola de gente feia, parte 1].....	14
[espelho, espelho meu].....	18
[escola de gente feia].....	27
[medo fotográfico] .....	33
[um rosto na multidão] .....	37
[de utilidade pública].....	41
[inimigo público n 1].....	44
[codnome:Feioso].....	49
<b>DEZEMBRO DE 2017 .....</b>	<b>52</b>
[corpo&Capital] .....	53
<b>OUTUBRO DE 2018 .....</b>	<b>71</b>
[o insulto da feiura] .....	72
[post scriptum da feiura] .....	86
[escola de gente feia, parte 2].....	87
<b>JANEIRO DE 2019.....</b>	<b>99</b>
[fabulate ergo sum] .....	100
[ ;) ].....	114
[dona Certinha].....	116
[vida pelos corredores] .....	119
[sempre cabe mais um].....	122
[hogwarts] .....	124
<b>FEVEREIRO, ANO DESCONHECIDO.....</b>	<b>127</b>
[imanência, uma escola].....	128
[pequeno apanhado fabulador] .....	131
<b>Referências .....</b>	<b>132</b>

## **ABRIL DE 2016**

Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff foi impedida de continuar na presidência de nosso país. Na ocasião, Michel Temer – ex-vice-presidente – assumiu o posto e tornou-se, para as esquerdas, uma figura insanamente caricata. O curioso nisso não é a própria figura do Temer, mas a sua esposa, que, em abril daquele mesmo ano, virava a plataforma de lançamento da campanha nada disfarçada do Temer. Sob o holofote de *Bela, recatada e do lar*, Marcela Temer virou a figura pública agradável que seu marido foi sempre incapaz de ser. Mais tarde, naquele mesmo ano, Donald Trump, ex-apresentador e dono de parte do *Miss Universo*, tornar-se-ia o presidente eleito dos Estados Unidos da América. Em retrospectiva, chega a ser cômico como dois presidentes tão pouco bem-vistos foram hábeis em vender a beleza para produzir a imagem presidencial desejável!



## [escola de gente feia, parte 1]

Todas as vezes que ponho meus pés dentro de uma escola, faço questão de sorrir diante daquilo que um tanto de professoras e professores chamou de desobediência. Admito que, enquanto professor, nem sempre a desobediência me faz sorrir – não serei hipócrita de dizer que qualquer desobediência me atrai. Todavia, ainda assim, tento olhar para as desobediências com um pouco mais de tato do que é esperado. Não é uma questão de paixão cega pela falta de regras. Prefiro enxergar nesse apreço um pouco mais de sensibilidade pelos nossos limites.

A desobediência, por vezes, é apenas essa força que irrompe ali onde traçamos uma linha muito bem delineada. Não quer dizer que seja sempre algo ruim, mas também não é necessariamente bom. Não é uma questão também de criar um tom romântico para as desobediências.

E, entretanto, é evidente que elas são necessárias.

Talvez seja essa a causa de minha paixão tão curiosa por escolas. É impossível a qualquer corpo cruzar os portões de entrada de uma escola e não topar, em menos de dez minutos, com assaltos de corpos devotos à desobediência. *Numa escola, desobedece-se a todo o tempo.* Às vezes, é-nos até possível pensar a escola como um grande laboratório de desobediência onde se experimenta quais são cabíveis e quais não. Quiçá, professoras e professores seriam quem avalia os abalos sísmicos dessas desobediências testadas nas escolas. Algumas passam, outras não.

Assim, portanto, somos convidados a pensar a escola.

Corpos insurrectos nos mostram, com primazia, algo que por vezes esquecemos: o menino que nunca abriu um caderno na sala não é o que menos presta atenção nas aulas; a menina que se maquia três vezes em sala pode muito bem ser excelente em química e

matemática; o gordo que nunca faz educação física não precisa ser sedentário; a menina que não sabe ler não tem nada de burra. Podemos não gostar das atitudes deles e do risco que eles representam em meio aos outros alunos, mas precisamos admitir ser apenas isso. Temos medo de reconhecer que nem todos precisamos saber de tudo e todas as coisas e que é demasiadamente enfadonho que todos saibamos das *mesmas* coisas<sup>1</sup>.

Por apresentarem um risco demasiado grande para a lógica do individualismo, esses corpos precisam ser desqualificados, precisam ser mal vistos pelos corpos em maior sintonia com os fluxos da maquinaria capitalística.

Assim, portanto, o capital, receoso desses corpos demasiado vívidos, gera códigos infinitos para capturar a vida. Os últimos cursos e obras de Foucault se preocuparam em falar do corpo governável; todavia, é a produção do corpo controlado de Deleuze (2013b) que mais nos interessa. A questão não é exatamente a de como os corpos são governados, mas de perceber como códigos – pré-verbais, afetivos, linguísticos, semióticos etc. – se inscrevem sobre os corpos e permitem fazer agrupamentos, dissociações, apagamentos, trocas e quaisquer outras operações corpóreas possíveis.

Sobrecodificados, os corpos passam a fazer parte do rol da própria maquinaria, tornando-se, eles mesmos, máquinas entre máquinas. Nas escolas, por exemplo, os corpos são tão parte da maquinaria-curriculo, que só se é possível traçar conteúdos e estratégias a partir do que se estabelece entre professores e alunos. Não existe uma máquina-curriculo que funcione independentemente dos corpos-alunos, do corpo-professora, do corpo-coordenadora, do corpo-mãe-pai-avó-tia-primo-irmão, assim como também é impensável não falar da relação com corpos-livros, corpos-teóricos, corpos-políticos etc. Máquinas requerem os corpos para colocarem seus agenciamentos no plano da imanência. Melhor dizendo, um agenciamento só é possível no plano da imanência (DELEUZE; GUATTARI, 2011c). A imanência, por sua vez, é vivida pelos corpos.

E é exatamente de corpos que o capitalismo se alimenta. Nossos pensamentos são povoados por fluxos econômicos, por moedas, pelas contas que devemos pagar, pelas coisas que queremos comprar. Nossas amizades são assediadas por uma competição

---

<sup>1</sup> É preciso indagar algo pouco discutido no campo dos currículos e das propostas de homogeneização curricular, isto é, precisamos indagar qual a lógica que rege o imperativo de um currículo comum a tudo e a todos. Desde o momento da retomada das discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular, discutiu-se muito sobre a negação de diferenças (culturais, sociais, econômicas, políticas etc.); entretanto, quase não se fala que essa proposta de currículo homogeneizado só é possível graças à forte bandeira do individualismo. Em termos práticos, a partir do momento em que os corpos sabem exatamente as mesmas coisas, um corpo é totalmente descartável para o outro. Sabendo exatamente as mesmas coisas, seria desnecessária a partilha de saberes, ou, no mínimo, impensável. Aqui, os corpos serviriam apenas para contribuir para afazeres já estabelecidos para atividades em grupos.

desenfreada e por uma desconfiança velada e insistente. Nossos afetos são anestesiados por medicamentos, por todo um aparato de entretenimento e por ideias burlescas do que é amar – e odiar – as coisas e as pessoas. Mesmo nossos gozos não escapam às engrenagens capitalísticas que, a todo o momento, produzem em nós um tom de excitação considerado “necessário” para viver. No limite, nossas políticas reúnem todas essas estratégias e tentam garantir que nada escape disso, produzindo assim corpos desejáveis a todo esse aparato, sejam corpos físicos, sejam virtuais. O livro ou o filme de *50 tons de cinza* são tão bem produzidos nessa política de corpos quanto o corpo de uma criança de sete anos que já se alimenta de forma “saudável” e pedala todo dia por, no mínimo, uma hora para manter sua saúde a mais próxima do ideal.

Se um corpo vive conforme esses parâmetros, ele faz-se, então, um corpo *belo*.

A beleza, então, não é apenas da ordem de conjuntos estéticos, mas, e principalmente, uma questão de conformidade com os agenciamentos de nosso tempo. Antes da moda *plus size*, poder-se-ia dizer que o gordo representaria, de imediato, um marco da feiura; todavia, tão logo a maquinaria Capital se deu conta disso, ela encarregou-se de capturar a gordura e trazê-la para seu arquétipo embelezante. A velhice, ainda hoje, não cai muito bem aos corpos – basta olhar o aumento no número de clínicas de aplicação de Botox nas cidades –, e, entretanto, é preciso notar o quanto a mídia se tem esforçado para fazer a pele enrugada parecer menos triste. Não, conforme dizíamos, a questão não é apenas estética. O ditado – “a beleza está nos olhos de quem vê” – não deixa de ser verdade; afinal, é bem cabível que um homem heterossexual goste de uma mulher gorda de cabelos curtos com muito mais intensidade que de uma imitação de Barbie; contudo, ao mesmo tempo, a expressão popular faz parecer que enxergamos por nós mesmos, isto é, tenta transferir para o indivíduo um complexo agenciamento.

O corpo belo capitalisticamente produzido não é apenas o da loira magra e jovem. Há muito o Capital aprendeu a dividir seu *outdoor* entre loiras magras, morenas gordas, ruivas trans, mulheres tatuadas e quaisquer outras variações de corpos.

Não, a beleza alia-se a quem vive conforme um conjunto de regras mais ou menos propícias para o ideal capitalístico, em termos tanto de fluxos monetários quanto de continuidade de seus ideais. Na era dos anúncios de internet, não mais é preciso *comprar* e *usar* para garantir os lucros das empresas. Agora, bastam *cliques* em seus *banners* espalhados pelos sites, para que mais e mais pessoas vejam aquilo. Se um YouTuber



ganha 1 real a cada 1000 acessos e YouTubers famosos no Brasil ganham, no mínimo, 400 mil ao ano<sup>2</sup>, dá para imaginar o poder de um *clique* para as empresas.

Se Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014) dizia que ser feio era uma questão de preferência ao analisar a história da beleza no Brasil ao longo do século XX, hoje, onde a beleza é facilmente codificada via pequenos *cliques* e vídeos-tutoriais espalhados pelo YouTube, ser feio é quase uma doença, ou, antes, uma *insurreição*.

Sim, a megamáquina capitalística não dá conta de tudo. Seus agenciamentos falham. Se nos querem *belos*, isto é, controlados, se querem criar planos estriados na imanência para que os corpos tendam a ser regulados, muitos de nós apenas *vazamos*. A beleza se alia ao controle; a feiura, insultuosa, faz ataques com a *insurreição*.

Desse modo é que, pondo os pés numa escola, propusemos pensar não a beleza, mas a feiura. *Quais* feiuras são cabíveis dentro de uma escola? Como elas assaltam o espaço cheio de organelas (currículo, coordenação, sala de aula, conteúdos disciplinares, provas etc.) e fazem suas *vazões*? Como corpos estranhos, desobedientes e insurrectos conseguem irromper – sempre de dentro para fora – a “tranquilidade” dos agenciamentos capitalísticos?

Visando, portanto, *indagar pelas insurreições que o corpo feio fabula nas escolas contra os maquinismos do regime capitalístico*, lançamo-nos nas escolas com a pele atenta ao paradoxo da feiura que ora nada deve à beleza, ora não consegue dela se desvencilhar.

Em 2016, o mundo conheceu Donald Trump, ex-apresentador do *Miss Universo* como presidente dos Estados Unidos da América enquanto no Brasil assumia o presidente que fizera campanha via imagem de sua esposa com a mais típica beleza europeia. Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular estabeleceu critérios para o corpo e sua relação com a aparência e colocou isso como critério educacional. 2018 foi o ano de um confronto político calado nas ruas, nas escolas, nas praças e onde mais pudéssemos falar de um período tenebroso que se anunciava. Nas urnas, perdemos. Mas, agora, em 2019, não temos mais motivos para lutas silenciosas. Restam-nos gritos de guerra para sobrevivermos.

Se há na feiura um *quê* de *insurreição*, não pretendemos estar em nenhum outro lugar. Não por um acaso, firmamos acampamento em uma escola de gente feia.

---

<sup>2</sup> A título de curiosidade, o YouTuber com maior número de acessos no Brasil, Felipe Neto, tem uma renda anual que varia de 1 a 18 milhões de reais.



## [espelho, espelho meu]

Há um corpo em torno do qual esta dissertação gira. Feioso, vulgo Aristeves. Ele é, de certo modo, o ponto-chave da pesquisa e também da escrita. Topei com ele na escola, mas também fora dela. Ele já existia antes de a pesquisa começar – não posso negar isso –, mas completamente diferente do que verdadeiramente encontrei na escola, porque na escola, na verdade, o Aristeves foi outro. Às vezes olho para ele lá na escola e fico rindo sozinho. Vira e volta, ele tira com a minha cara também – acho que não tem vivo corpo com que ele não consiga implicar. E, ainda assim, rio das malandragens que ele lança sobre todos nós. Mesmo não sendo palpável, mesmo não sendo “real”, Aristeves tem esse efeito sobre nós.

Esse é o ponto do qual partimos.

Em 2018, entre julho e dezembro, fizemos 17 encontros alternando entre turmas do sexto e sétimo anos de uma escola de periferia no município de Cariacica-ES, justamente propondo traçar as feiuras nos corpos e seus combates à maquinaria capitalística. Como nosso objetivo se propunha, desde o início, a pensar nas possibilidades de fabulação dos corpos na escola, tão logo nos reunimos, pus na mesa esse jogo de criação.

Como era de esperar, nossas primeiras reuniões foram apáticas. Isso é importante destacar. Não há um modo *fácil* de se aproximar de jovens que já se conhecem e pedir-lhes que contem histórias. Eles rirão de você, farão do deboche a resposta principal. Isso é de conhecimento comum. Ali, nas turmas deles, eu não era professor – isto era quase a única coisa que eu falava no início. Eles me estranhavam e perguntavam para quem eu estava ali. “Veio pra matemática?” E, quando eu lhes dizia que não estava ali dando aula, o bicho pegava fogo. Mantive, entretanto, algumas regras com a coordenação: não deixar rolar putaria, pancadaria, assassinato ou mesmo ficarem pelos corredores. Por um lado, eu fazia um favor à escola; por outro, os alunos me faziam um desfavor.

Foi preciso um saco de bala em cada turma para as conversas começarem.

– A questão não é ficar contando uma história sem fim – eu disse a eles numa das reuniões logo que começamos a pôr em prática as tentativas fabuladoras – Não é tipo aquela aula que o professor fala “um começa a história e outro continua”, tudo bem? Se quiserem, até posso começar a história, aí, se alguém sentir vontade de entrar no meio, ou de mudar alguns elementos da história, ou dar dicas, sei lá... tudo é possível.

– Pode não participar da história? – perguntou um dos alunos. A turma seguiu em risos.

– Tem gente que eu nem quero participando – respondi em igual tom.

A vaia seguiu o humor e, por fim, acabou sendo ele quem deu o tom inicial da primeira história. Em linhas gerais, Feioso nasceu ali, com um aluno do sétimo ano que debochava de mim. Aquele era o tom do Feioso, sempre debochado e “de boa” em ser alvo do deboche.

Assim surgiu a primeira materialidade da pesquisa, a primeira conversa sobre o primeiro personagem.

Foi isso que fizemos por um bom tempo: criar personagens.

Estar na escola, de certo modo, implica criar uma vida dentro daquele espaço. Isso é importante para garantir um grau de realismo, para fazer sentido o que se faz dentro daquele espaço. Os alunos faziam isso a todo o momento. Quando viram que realmente eu não esperava fazer daquele espaço mais uma aula, começamos a conversar sobre coisas simples e, ao mesmo tempo, sobre questões pouco usuais. Por um tempo, tentei abordar a beleza com eles, o que era beleza e coisas do tipo. Foi um fiasco. Optei, então, por tentar discutir a feiura e o resultado também não foi muito melhor. Para todos os lados, beleza e feiura mudavam muito os traços, as condições de emergência e afins. Não havia a menor possibilidade de criar um consenso.

Isso decerto me agradou, mas dificultava o processo de criação.

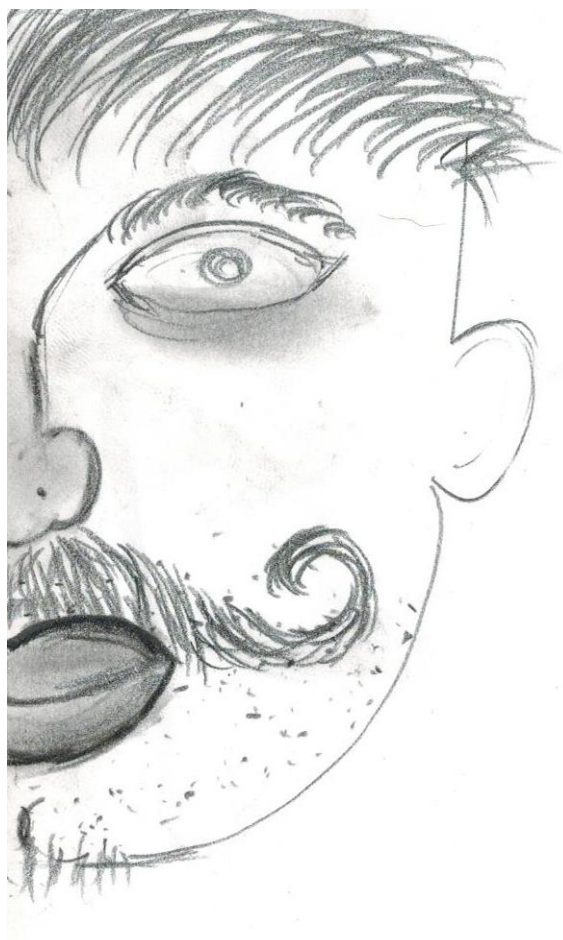
Então propus pensar em feiuras plurais, em personagens diferentes. Se inicialmente a ideia era que Feioso fosse o único personagem feio, as crianças – não tão crianças, na verdade – deram um jeito de me apontar que eu estava errado, que não fazia sentido pensar em um único corpo feio.

Pelas turmas em que eu passava, aqueles rapazes e aquelas moças lembravam-me a impossibilidade de criar um único corpo. Eles mesmos eram corpos ora criança, ora jovens, ora adultos, criando jogos corpóreos de acordo com a urgência da situação e, por conseguinte, lembraram-me a necessidade de também a história acompanhar esses corpos

que nada têm de homogêneos. Feioso é um desses alunos que reprovaram algumas vezes tal qual muitos dos corpos que se colocaram em pesquisa conosco.

Descobríamos, ali, que a feiura faz amizades inesperadas.

Assim nasceram, em vez de um, seis personagens, ao invés de uma feiura, seis feiuras completamente diferentes.



Título: *Feioso* (grafite).

A questão, entretanto, era de colocá-las em prática, em *corpos*.

Assim, começamos a traçar o pano de fundo da história, os contextos, as rupturas, os acontecimentos. Criamos os personagens para encarnar, em cada um deles, um medo claramente capitalístico que, ao longo das histórias, se chocaria com a feiura e resultaria em outra coisa, em uma potência. Ismeli, a coordenadora, foi criada para ser a figura do controle, a que tem medo da desordem e, por isso, vê na desobediência a maior das feiuras. Idril, apaixonada por Feioso, encarnou a própria aparência para fazer desfilas o corpo desejável e indesejável. Saci, melhor amigo do Feioso, foi criado na feiura da pobreza

que, a todo o momento, tenta fazer-se útil para não ser esquecido ou ignorado. Arael surgiu por uma questão totalmente afetiva, o personagem que morre de medo de contato, de se sentir bem junto a outros, crente de um individualismo piegas. Josélia, por fim, teme a velhice, o fim inesperado, o tempo em sua virtualidade.

No plano geral, esses cinco dilemas do controle e da insurreição, da beleza e da feiura geraram justamente as histórias. Não nos bastava que os personagens tivessem formas ou que eles tivessem uma história; eram todos combativos, figuras da resistência, da insurreição, e, portanto, precisavam saber o que enfrentavam.

Arael, por exemplo, foi criado após uma briga. Seu medo de contato-contágio, seu medo por afeto sempre foi muito real. Em certa reunião, com uma das turmas do sexto ano, a situação ficou feia. Para variar, eles não queriam muito conversar, estavam mais interessados em fazer baixaria. Aquela era realmente uma turma difícil. Mas nessa uma vez cheguei a tremer. Dois alunos começaram a se bicar tanto, que um voou para cima do outro. Os dois tinham 16 e 17 anos, homens grandes, bem maiores que eu. Eu não tinha chance de apartá-los. Fiz, então, a única coisa racional: fingi minha indiferença e pedi que me avisassem quando seria a hora certa de chamar a polícia para resolver o caso deles. Mostrei meu celular com o 190 já na tela. “Só me falem quando é para ligar, beleza?”

O medo do desconhecido – disso que não posso controlar – pegou-me em cheio naquela cena. Eu nem sequer me dava conta da armadilha em que me colocava. Temia apenas o sangue escorrendo na boca dos alunos que, em uma cena única, me lembravam que, mesmo insurrecional, a feiura também pode tender à violência, ao precipício, à morte.

Ali, meu corpo foi lembrado do quanto somos agenciados pelas máquinas capitais, mesmo quando tentamos fugir. E, ao mesmo tempo, fui forçado a enxergar o risco delirante da insurreição que não produz, nos seus afetos, um *comum*.

Pensei comigo mesmo: nunca mais volto àquela sala. Ali, claramente, as redes de afeto faziam-se demasiado desconexas.

Mas a gente se surpreende.

– Professor, você não vai mais voltar na nossa sala não?

Quem perguntou era uma aluna daquela turma que pensei nunca mais voltar. Ela, na verdade, me lembra muito a Idril de muitos modos. Não fisicamente, mas no intuito da maquiagem e coisas do tipo.

– Acho que sua turma não me quer muito lá, né?

– Coé, professor, tá doidão? Isso é por causa daqueles dois? Um dos nossos colegas já bateu um *lero* com os dois e eles estão pianinho agora...

Acho que, em minha expressão, a incredulidade pairava forte.

– Poxa, professor, você tinha pedido para a gente criar um personagem, né? Eu sei que a gente não fez nada que o senhor pediu, mas depois que você parou de ir lá, a gente sentiu falta. É sério. A gente até criou o personagem que você pediu. Ele vai ser um professor novo, meio *voadado* e tal, mas gente boa. A galera falou que ele devia ser viado, pode ser? Mas tem medo de ser tocado porque acha que vão acusar ele de tudo...

Os afetos de um comum são possíveis mesmo onde a violência parece restar como única alternativa.

Isto é: a imanência da escola foi tecendo a realidade dos personagens.

Em uma turma do sétimo ano, um dos alunos, sempre que me via, já vinha pedindo bala. Ele era um homenzarrão danado! Certa vez, enquanto escrevíamos a história, esqueci e realmente coloquei uma bala na boca. Uma bala que eu tinha ganhado de outro aluno. Na mesma hora, o rapaz veio cheio de gracinha. Ele me abraçou, cheirou meu pescoço, beijou minha bochecha e disse, na cara dura, que me dava uns *pega*. Eu morria de rir com tudo aquilo. “Viado, tudo isso por uma bala?”, perguntou um dos colegas dele logo antes de tirar do bolso uma bala. Na mesma hora, a turma vaiou o menino-que-deu-a-bala. “Tá querendo, hein?”, implicaram ele. Foi com aquela turma que o Aristeves ganhou a característica de *pegador*.

Em suma, nenhum personagem foi criado ao acaso. De certo modo, cada um deles implica uma pequena insurreição e tenta tirar, ao mesmo tempo, a feiura apenas do lugar da aparência, do conjunto estético de características que podem ou não ser consideradas “bonitas”.

Esse foi o desafio que passamos juntos: *existe feiura além da beleza?*

O trabalho do Feioso foi aparecer em cada uma das histórias e funcionar como corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), isto é, romper as funcionalidades da esperada beleza e fazer com que os medos dos personagens entrassem em colapso. Se Anael tinha medo de pele, era preciso apenas sobrecarregá-lo de abraços para ver que o mundo não se explode quando duas pessoas se tocam; se o medo de Idril é não parecer feia, talvez seja também preciso lembrar que organização em excesso mata a vida; se Josélia teme que a idade a alcance, às vezes basta um sorriso muito travesso para lembrar a ela que juventudes podem habitar quaisquer corpos; se Saci teme o esquecimento, basta uma olhadela, uma implicância e uma promessa para que a pobreza da vida dê lugar à

riqueza de sentidos e forças; se Ismeli teme o descontrole, basta que a própria insurreição a tire do sério para ela lembrar que certas doses de caos são necessárias para manter-se de pé.

A feiura, de certo modo, pode operar no delineamento dos limites do nosso tempo. Não é questão de estética da carne apenas, mas de afirmar uma estética de vida. Por isso, a feiura é tão temida e, ao mesmo tempo, tão visada pelas lógicas comerciais<sup>3</sup>.

Daí, então, a necessidade de criar os vínculos entre a feiura e o mundo, entre as feiuras e a vida. Sendo a feiura um agenciamento de um mundo muito maior do que o do regime estético, seu limite não se reduz a enfrentamentos simples e pontuais. Sendo tanto resistência quanto insurreição, a feiura faz campo para múltiplos combates.

Daí nossa aproximação com o processo criativo da fabulação enquanto método<sup>4</sup>, processo esse que rendeu as histórias aqui apresentadas como produto da pesquisa e também como ponto de partida das discussões. Ao inserirmos aqui as histórias<sup>5</sup> criadas, não damos foco unicamente para os personagens, os cenários ou os problemas. A questão é realmente de embates da feiura. Não bastava, por exemplo, criar a Ismeli como uma coordenadora e não ter como mostrar o plano de composição no qual ela estava envolvida, isto é, não mostrar que, mesmo estando nesse lugar que aspira ao controle, também ela era um corpo afetivo. Era preciso que se criasse a imagem dos professores da escola, dos alunos da comunidade escolar, do bairro, das famílias, para que o plano de composição dela afirmasse os arrombos de vida da feiura.

Para cada personagem, foi criado um conjunto de elementos diferentes para fazerem funcionar os agenciamentos de cada história. Assim é que fomos capazes de dar ao plano de composição criado entre as turmas a vivacidade de um plano de imanência.

Porque este é exatamente o ponto: não criar histórias para que sejam *apenas* histórias, mas *fabular* de modo que as histórias transitem entre o plano da arte e o plano do atual-imediato.

---

<sup>3</sup> A esse respeito, a dissertação de Caio Milito (2013) discute o lugar de destaque nos *feios comuns* em meio à publicidade como alvo favorito para os cosméticos e produtos embelezantes em geral.

<sup>4</sup> Melhor discussão sobre a fabulação pode ser lida no capítulo **[fabulate ergo sum]**.

<sup>5</sup> Aqui na dissertação há um apanhado de 11 histórias. As seis primeiras, apresentadas nesta parte – **[escola de gente feia]**, **[medo fotográfico]**, **[um rosto na multidão]**, **[de utilidade pública]**, **[inimigo público n 1]** e **[codinome feioso]** –, foram as histórias totalmente produzidas com as alunas e os alunos no período de produção de dados da pesquisa. As últimas cinco fábulas presentes da parte **OUTUBRO DE 2018** – **[ ; )]**, **[dona Certinha]**, **[vida pelos corredores]**, **[sempre cabe mais um]** e **[hogwarts]** – foram criadas por mim a partir de ideias e planos traçados com os estudantes durante meu período na escola, que, entretanto, não vingaram dado o limite temporal.

Na comunidade escolar – tanto a fabulada quanto a “real” –, por exemplo, é comum ver o envolvimento de jovens em bebidas alcoólicas logo cedo. Durante o período em que estive na escola, um aluno de 14 anos foi aconselhado a voltar para casa certa vez por estar bêbado na hora da entrada. Ele preferiu permanecer na escola. Nenhum professor indagou o motivo; era escolha dele e um direito; então, ainda que ébrio, ele esteve lá. Não foi surpresa que, naquele dia, uma das conversas que tivemos nas salas foi justamente sobre álcool e o risco social do pudor e da sobriedade. Assim, inclusive, surgia o cenário do episódio **[sempre cabe mais um]**.

Essa, entretanto, não é a única causa em evidência nas histórias.

Na história introdutória, **[escola de gente feia]**, a ausência de professores e a instabilidade do quadro docente ocupam um espaço privilegiado na história. Há certa graça em como os diálogos são traçados, certamente, mas o modo como alunas e alunos enunciaram a vacância docente é de uma força sem igual. Na história do Anael, **[medo fotográfico]**, além do controle dos afetos corporais, vivemos um problema com material escolar, com recursos pedagógicos básicos, o distanciamento quase forçado das escolas periféricas e os livros.

Mas não apenas problemas aparecem nas histórias. Há, em todas elas, indícios de forças contra operantes à maquinaria Capital. Na fábula **[codinome feioso]**, por exemplo, o plano regulado do tempo na escola é rompido em diversos níveis. Em uma cena simples, corpos que outrora se colocaram em confronto passam, logo em seguida, a criar vínculos de amizade, insultando, por conseguinte, toda a lógica de perigo que se instalava sobre as coordenadoras e professoras de prontidão. Nos rastros deixados pela conversa entre Ismeli e Feioso, **[vida pelos corredores]**, vemos não apenas uma trégua entre o controle da coordenação e o pior dos alunos, mas a criação de um espaço propício para nada fazer, um espaço, talvez, da vagabundagem.

Enfim, as histórias não se fecham unicamente em um romance. Aos poucos, denúncias e apostas éticas vão-se formando em cada fábula, carregando em cada corpo uma pequena centelha de insurreição e resistência.

Desse modo, nosso trabalho exigia não apenas histórias bonitas. Poderíamos facilmente fazer um romance entre Feioso e Idril ou Anael ou Saci ou Josélia, todavia, assim, perderíamos a força vital de uma história. Há, decerto, ares românticos entre os personagens e, como destacado antes, o próprio Feioso é um galanteador. Mas, mesmo nesse lugar, há uma função política para tal – a feiura flerta com a vida indiferente do que vê. A feiura é máquina desejanter.



Assim, portanto, é que conversamos sobre o papel das fabulações criadas entre nós na escola. Eu, enquanto no lugar de pesquisador, sabia de uma certa *cobrança* em explicar, em analisar e em dar sentido às fábulas. Afinal, academicamente, pensa-se necessário que tudo seja demasiado explicado, esmiuçado e analisado. Todavia, penso talvez n'outra possibilidade e aqui me arrisquei um pouco: apresentar as histórias criadas apenas por elas mesmas, com os tons simples de uma história desinteressada, tom por vezes quase infantil. Sem nenhuma explicação, sem uma nota de rodapé teórica, sem qualquer intento analítico com as produções, preocupamo-nos em fazer com que cada fabulação não se fechasse em si mesma, que se mantivesse aberta a outras questões que jamais daríamos conta de discutir, mas que se anunciassem em vislumbres ali.

Era um risco decerto necessário.

Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 12), em um diálogo sobre a conversa, dizem justamente dessa nossa necessidade em analisar, em ler como se tivesse sempre algo escondido, algo a ser objetificado. “A boa maneira de se ler”, dizem eles, “é a de conseguir tratar um livro como se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão”, isto é, a boa maneira de se ler seria, talvez, como quem nada quer e, por isso, nada *espera* de uma leitura, de um texto. Aos modos deleuzianos, ler não na intenção de *compreender* ou intervir em algo, mas de modo a sentir a vida.

Nossas preocupações, ao terminarmos uma escrita, eram estas: essa história é capaz de nos fazer rir? De nos fazer lembrar de outras histórias? De nos fazer pensar na peculiaridade dos acontecimentos? *Algo se passa nessas histórias?*

A nosso ver, algo se passa quando, de repente, uma infinidade de Idril nessas turmas se vê nesse lugar de ser demasiado certinha, de ser dependente da aprovação estética do outro; algo se passa quando, certa vez, ao terminarmos uma história, uma garota diz sem pudores que dava uns *pega* no Feioso; algo se passou quando, depois de um tempo, os alunos começam a se interessar pela vida de alguns professores que antes lhes pareciam tão distantes.

Não é uma questão de caçar uma *utilidade* das fabulações. Não, o ponto aqui é fazer uma história durar nos corpos.

Rogo-lhes então: leiam as histórias com a pele de quem ouve uma boa música.

Ali, com o Feioso e a escola de gente feia, insurreição e resistência fazem acordos. Nas histórias criadas, vê-se todo um entrelaçamento entre os campos dos saberes táteis e dos saberes políticos. Por isso, nas páginas a seguir, as histórias são apresentadas sem qualquer intervenção ou nota dita “acadêmica”. São histórias que, decerto, falam por si

mesmas. Envolvem, em todos os casos, questões de pobreza, de viadagem, de embelezamento, de controle dos corpos, de potência dos afetos e a vulgaridade da feiura.

Foi só diante dos personagens criados, das histórias montadas é que me dei conta:

*A feiura é um insulto ao Capital*



## [escola de gente feia]

A rua da escola não é asfaltada. A rua lateral é, a rua de trás é, a rua de cima é, mas não a da escola. Quem mora ali, irritado com isso, tentou disfarçar um pouco: jogaram brita em alguns pedaços da rua, areia em outros. Uma solução plausível. Pena que a rua é – sendo gentil com o termo – íngreme, levemente inclinada em um ângulo de 30 graus. E, curiosamente, a escola fica no meio de uma rua descendo. As ruas asfaltadas? Estão mais para cima. Sabe a solução que os moradores arranjaram? Precisam refazê-las de quando em vez – quando chove, a água desce naquela rua com bastante perspicácia e o lamaçal que se forma ali é ótimo para crianças brincarem e se sujarem todas.

Os porteiros são máquinas-de-olhar-de-cara-feia para o bando de crianças que entra ali com os pés tudo sujo de lama. Uma vez teve até um caso em que uma aluna, toda enlameada, foi mandada embora porque iria sujar demais a escola. O caso foi abafado, é claro, e hoje contam que aquilo foi lorota de adolescente para matar aula.

Seja como for, a rua, decerto, partilha de um complô contra a boa ordem da vizinhança escolar.

Fora isso, a escola até que é bonitinha. Padrão de construção sem vida, de prédio sem estilo, de cores insossas, mas, ainda assim, bonitinha, cuidadinha, limpinha. Tem um grande portão vermelho numa rua e um portão encardido em outra (essa rua é asfaltada!), tem uma quadra coberta, tem uma biblioteca grande e vazia, tem segundo andar e fim. Não tem mais nada. Não tem laboratório de nada, embora existam alguns cacarecos de computador lá que não funcionem já há alguns anos; não tem horta, nem jardim, nem como fazer, porque toda a área da escola foi coberta de concreto em suas variações; não tem corredores coloridos; não tem nem mesmo pátio aberto, porque o único lugar com céu acima das cabeças é a área próxima ao portão de saída e fica bem fechada essa área.

Todavia, sabe o que a escola tem de sobra?

Barulho.

Crianças gritando, adolescentes urrando, professoras e professores fofocando, cozinheiras brigando, serventes rindo, porteiros cantando, famílias batendo boca... não tem como entrar naquela escola, em qualquer momento do dia ou da vida, e não se deparar com alguma orquestra desarmônica.



Título: *Orquestra desarmônica de escola* (aquarela)

Na escola, a cacofonia é tanta que, para desavisados, a escola é uma baderna sem fim. Vira e volta, um professor “novo” entra numa escola e sai de lá, pouco tempo depois, convicto de que escola não é lugar de gente. Num desses episódios – aquela escola ficou famosa pelo número sem fim de desistências de potenciais professores –, uma professora, descabelada, entrou na sala dos professores pedindo arrego.

– *Aquilo* não é humano, não!

Alguns professores trocaram olhares entre si e, não tão discretamente, sorriram.

– Sétimo A?

– Sétimo A – respondeu a coordenadora, correspondendo ao sorriso.

A professora continuou sua marcha.

– Eu não consigo dar aula para eles. Eles não *querem* que eu dê aula – ela falava rapidamente – Não que eu achasse que fosse ser um sonho dar aula aqui... mas eu esperava, ao menos, que alguém fosse querer aprender algo... uns dez! Uns cinco... DOIS, PELO MENOS DOIS! – Em dado ponto, a professora já quase vociferava – Tudo o que eu consegui foi que um deles ameaçasse dar um soco no outro...

– Carlos e Enderson...

– E que uma aluna me chamasse na mesa dela para começar a me dar dicas... DE APARÊNCIA!

– Idril...

A cena, já recorrente para alguns dos professores ali reunidos, durou mais uns 20 minutos. A coordenadora, paciente, ouviu a história toda e pontuou de modo bem eficaz a saída daquela professora da escola:

– Menina, você esperava o quê? – a voz dela era bem calma, e, na verdade, até consoladora – Já olhou ao redor por aqui? Esses meninos aprendem a viver escola com malhação e com filmes. Para eles, escola é vadiação, putaria, arquibancada e salão de beleza. E nem tô dizendo por maldade não... Olhe ao redor! Minha querida, isso daqui é escola de gente feia... crianças que vêm para bagunçar e fazer o inferno aqui, meninas que acham que vão ganhar algum concurso de beleza se passarem um quilo de maquiagem por dia, meninos que acham que bater laje é fazer academia... sou professora aqui há muitos anos, adoro essa escola, mas que só tem gente feia nesse lugar, só tem gente feia. Até os professores desse lugar são uma desgraça aos olhos ou à boa moral. Acha que eu tô aqui há tanto tempo por quê?

No dia seguinte, a professora não apareceu mais. Ninguém soube dizer se era por ter aversão a gente feia, indisciplinada e pobre ou se era por medo de se tornar tudo isso.

A maior parte dos professores que estavam lá jura de pé junto que é a segunda causa. Uma professora alega ter visto que ela não estava *estarrecida* ouvindo a coordenadora falar. Na versão dessa professora, a professora-em-potencial-já-em-declínio estava era se olhando no espelho atrás da coordenadora.

Ela saiu correndo por ter visto rugas já se formando ou qualquer coisa do tipo.

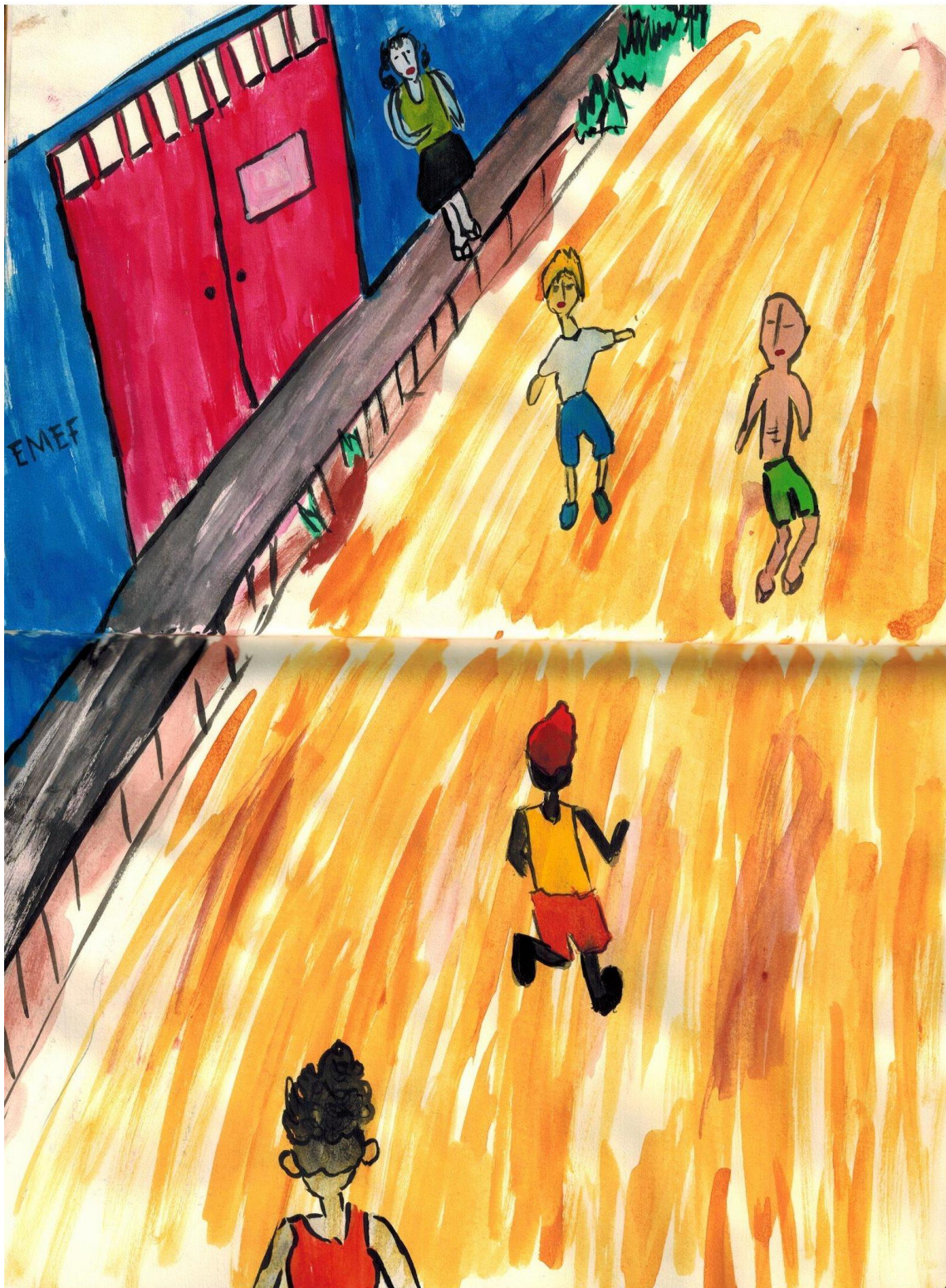
– Nem todo mundo admite sua gostosura, né? – brincou a coordenadora por um bom tempo com as colegas – Eu me dou superbém com a minha, obrigada.

– Você se dá até bem demais, Ismeli – alguns respondiam.

Aquele humor durou aproximadamente duas semanas e foi bem pontual. No décimo terceiro dia da fuga da professora que temia ficar feia, entrou na escola apresentando um termo de contrato um professor que – bem, dizendo de modo simples – combinava com a escola. Isso mesmo, um professor *feio*. Ismeli, assim que bateu os olhos nele, desconfiou de algo no pulo. Ela passou dias sem entender por que andava tão desconfiada com um professor que, no mínimo, parecia ser decente, dias olhando para ele com cara desconfiada até que, num certo dia, – pelo menos um mês depois – entendeu sua preocupação quando saía da escola numa sexta-feira e topou com o professor conversando com ninguém mais, ninguém menos que Aristeves, o pior aluno da escola.

“Essa história vai dar em merda”, foi tudo o que Ismeli pensou.





Título: *Escola de gente feia* (aquarela).





## [medo fotográfico]

Durante os primeiros dias do professor novo, ele se mostrou uma pessoa bem quieta. É verdade, como Ismeli tinha reparado, que ele certamente *pertencia* àquela escola. Baixinho, ele era menor que muitos dos alunos que passavam por ele pelos corredores. E, ao mesmo tempo, chamava atenção extravagante com tudo: com seu andar, com seu modo de falar, com suas roupas, seu cabelo... Onde quer que fosse, o professor-baixinho dava um jeito – apesar de não se esforçar – para acabar recebendo muitas olhadelas nada disfarçadas.

– Professor, você é novo aqui, né? – perguntou uma aluna certa vez, toda maquiada, arrumada. Na verdade, ela estava *tão* maquiada, que a pele inteira parecia rosa – Você é viado, né? Nem precisa responder, todo mundo já sabe. Mas o você gosta de que, “fessor”? De novinhos? Tem um menino na minha sala que tá doido para dar uns pegas em você, se tiver interessado... Ele é aquele alto lá de cabelo azul, tá vendo? Acho que vocês iam se dar superbém...

Assim ele foi recebido no terceiro dia. E, como em todo pequeno drama, o professor foi parar na sala da menina-rosa – e do menino-de-cabelo-azul – logo depois do recreio. Duas aulas seguidas.

– Minha primeira aula aqui com vocês, né? – ele perguntou, já sabendo a resposta. Ele tinha boa memória – Meu nome é Arael, podem fazer as piadinhas que quiserem e, depois de perguntarem algumas vezes, por favor, podem guardar o material que vamos passar o dia de hoje lendo o primeiro livro de *Harry Potter*...

E, de algum modo, as primeiras aulas foram exatamente como ele planejou.

Anael era um professor novo, recém-formado, desses que saem da academia cheio de ideias e, conseqüentemente, sofrem mais perto de outros professores do que com a não realização de seus trabalhos. Ele já tinha ouvido falar das infinitas vezes que as aulas *não* aconteciam como ele planejava e, ansioso que só, já preparava três aulas possíveis para cada aula. Mas, naqueles primeiros quatro dias, ele não teve nenhum trabalho extra. Tomou leitura de cada aluno para saber como eram as capacidades deles nesse quesito e levou um susto ao descobrir que, em todas as salas, pelo menos dois alunos não sabiam nem fingir ler. “*Dois no 6.º A, quatro no 6.º B, três no 6.º C...*”, e, depois de fazer uma conta rápida checando nos seus cadernos os nomes, chegou a um montante: “*Putá merda! Dezessete alunos em seis turmas! Será que é obrigação minha ensinar a eles? Será que eu falo com alguém? Merda, o que eu faço?*”.

O fluxo de pensamentos e “problemas” do Anael seguia nessa direção com certa tranquilidade. Ele se desesperava em uma sala e, por fim, achava que resolvia tudo logo que saía de lá. Ao final do quinto dia, foi para casa e passou um final de semana de rei! Comemorando o primeiro emprego dentro da sua área de formação, Anael garantiu aos amigos e familiares mais próximos uma pequena festinha no final do mês ou quando saísse o pagamento.

Segunda-feira chegou, e Anael, começando seu quinto dia de aula, precisou de apenas um minuto para pensar, seriamente, em desistir daquela escola.

– Pô, baixinho, você é o professor Cu, né? Irado seu nome!

Anael gastou dez segundos para se dar conta de que era com ele que o aluno falara. Alto, magricelo, com mais pelos faciais do que ele conseguiria ter mesmo se ficasse um ano sem se barbear. Anael não conhecia aquele aluno, tinha certeza.

– Anael – respondeu tentando ser simpático e se perguntando se, em algum momento, tinha sido chato o suficiente para já lhe darem o apelido de professor cuzão.

– CARAAAAAAIO! – gritou o aluno dando um abraço no professor e dando um cascudo na cabeça dele – É MESMO PROFESSOR CU! Pô, veio! Nem ‘creditei quando o Saci me falou... Falei que não era possível alguém.

Em menos de um milésimo de segundo, o jovem professor se viu tão vermelho quanto seu cabelo artificial.

– *A-n-a-e-l* – ele repetiu, soletrando e empurrando o aluno com força – *Anael*.

– Calma, calma, baixinho – o aluno respondeu, soltando o professor e usando seu melhor tom apaziguador – não é por maldade não, pode perguntar geral aqui na escola, eu não sou do tipo que fica intimidando os outros não, sou só chato mesmo, tá de boa?

Mas, pô, seu nome é Anael... Anael, cara! Anael, anal, anel, anus... tudo a mesma coisa... ninguém nunca fez essa piada com você não?

É claro que já tinham feito essa piadinha em níveis infinitos com ele, e, para ser honesto, ele nem ligava para o apelido. Poderia ser professor Anus, professor Anel, Ariel ou qualquer outro apelido, ele não se importava. Agora, quando se tratava de contato, Anael morria de medo. Sempre ouvira o quanto, sendo homem, era sempre mais seguro se afastar de qualquer contato com alunas e alunos. Seus professores haviam lhe instruído isso, seus amigos lhe lembravam direto, sua mãe ainda se despedia dele dizendo para tomar cuidado com as acusações e até mesmo sua *avó*, de modo nada singelo, tinha ido ver ele no final de semana antes de começar a dar aula só para falar: “Meu filho, lembra que você é viado nada disfarçado, tá? Não encosta em nenhum menino ou menina ou vão lhe acusar de todas as merdas... e aí a vovó aqui vai ficar irritada e vai lá mostrar o que é assédio de verdade. Você não *quer* ver sua avó de 76 anos presa, quer?”.

E, com menos de um mês de aula, lá estava ele sendo abraçado por um aluno que ele sequer conhecia. Talvez ainda desse tempo dele desistir. Sempre poderia alegar para sua família que dar aula não era para ele, que, na verdade, ele não tinha gostado tanto assim e estava falando aquilo apenas para tentar pegar o gosto.

– Aí, tu tá muito sério – o aluno continuou a falar – Tu ficou mesmo bolado com o apelido? Foi por mald...

– Por favor, meu jovem, pode me chamar do que quiser, só, por favor, certifique-se de não me tocar novamente, ok?

Ok, talvez ele devesse continuar como professor por mais um tempo. Deu uma rápida olhada ao redor e nenhum dos alunos que passavam entrando na escola parecia dar atenção aos dois. Na verdade, ele ainda era novo ali e, somando com sua altura, ele era confundido como aluno vezes em demasia.

Olhou mais uma vez e não se deparou com nenhum celular apontado para eles.

– Agora, vai, vai pra sua fila que eu tenho aulas para dar.

Anael deslizava para a sala de professores quando ouviu o aluno vaiar ao longe:

– Eita! Baixinho esquentado!



Título: “Relaxa, baixinho” (aquarela).



### [um rosto na multidão]

Sabe a garota que se jogou na frente do professor novo e ofereceu, calmamente, o colega de sala dela para dar uns “pega”? Então, prazer, Idril. Sabe a garota que, sem querer, funcionou como catalisador da saída da professora anterior? A professora com medo de feiura? Prazer, Idril.

Por favor, não julguem.

Idril é aquela garota que todo mundo conhece. Não a *rodada*, a outra, aquela que chama bastante atenção por estar sempre arrumadinha, bonitinha e tal. Ela possivelmente tira as melhores fotos da escola, afirma ser a aluna da escola com maior número de seguidores no seu canal de maquiagem e literatura no YouTube e se gaba, com fingida modéstia, de nunca ter ficado para recuperação.

Quando ela tenta *ajudar* os outros, ela realmente visa ajudar, ainda que suas potenciais vítimas favoritas sejam professoras e professores. A professora que deu a louca e saiu correndo logo nos primeiros dias, por exemplo, tinha o péssimo hábito de usar a mesma maquiagem diariamente. E, em alguns casos, o rosto não combinava com a roupa. Tudo bem, ela devia ter feito um curso básico e, realmente, para o dia a dia, aqueles tons de *nude* que ela vinha usando combinavam bastante. Mas Idril logo reparou que a professora queria impressionar a escola, e, menina, para impressionar não dá para ser uma maquiagem tão sem graça. Ainda mais com as roupas magníficas que ela estava usando!

Foi só isso que Idril tentou dizer a ela.

Não era preciso aquela cena toda da professora. Enfim, águas passadas.

O foco da vez era o professor novinho.

Ele tinha 21 anos – já havia sondado. Uma das alunas do 6.º ano fez questão de perguntar e pedir a identidade para confirmar, porque ele parecia muito mais novo. Ok. 21, era baixo, é verdade, e tinha um corte de cabelo bem estranho, com franja e um coque samurai atrás. Mas, fora isso, ele até parecia bonitinho. Talvez desse para o gasto. Foi assim que ela chegou a ele já oferecendo o Saci, porque, como *todos* da escola bem sabiam, o Saci gosta de homens. Sem restrições.

– E aí, prof<sup>o</sup>, já pensou na proposta que te fiz? – ela perguntou ao Anael assim que chegou mais uma quinta-feira – Já tem uma semana, prof<sup>o</sup>, as pessoas precisam se resolver amorosamente, você sabe, né? – e, como o professor não respondeu nada, Idril deu uma risadinha e continuou – Fica tranquilo que o senhor é o tipo dele. Tenho certeza que, mesmo se ele estiver com alguém, quando você falar que quer, o Saci larga o boy na hora por você...

E assim foi por mais uma semana.

Na próxima quarta-feira, 12.º dia do professor baixinho na escola, a garota estava se divertindo editando um vídeo seu em que fazia a maquiagem ideal para a verdadeira Katniss Everdeen. Quando ela começou a ler o primeiro livro da saga *Jogos Vorazes*, de imediato ela discordou da maquiagem dos filmes. Katniss era uma pobretona, não faria o *menor* sentido aquela aparência inicial dela. E, mesmo quando ela foi para os jogos, estava tudo errado. Então, como de praxe, Idril fez uma série de *makes* que melhor representariam o visual adequado para a personagem. Era isso que ela estava editando, feliz da vida, durante a aula de educação física. Ela já estava bem ansiosa, agora, para poder começar, inclusive, o próximo visual que, de quebra, serviria até mesmo para a Jennifer Lawrence em sua atuação de Katniss.

– Idril, que história é essa de você me oferecer para o professor novo?

Idril não precisou nem levantar os olhos.

– Se enxerga, Saci, só tô querendo te ajudar!

– E desde quando isso é ajuda, minha filha? Virou minha cafetina agora, é? Vai começar a decidir com quem saio? Tenho que te pagar algo também? Ou o primeiro programa que você marca é de graça?

Vendo que o drama ia continuar por mais um tempo, a menina optou por voltar a se focar na edição. O vídeo estava ficando muito bom, na verdade. Assim que o amigo sossegasse o facho, ela iria pedir a opinião dele. Saci era ótimo comentador!

– ... e escuta aqui, minha filha, ‘cê tá ligada que ele deve ser um idoso, né? Tá querendo o que, que eu cuide de velhos para levar eles para a morte e dar o golpe do baú?

E 'cê acha que eu vou dividir o golpe com você depois, menina? Tá louca, né? Pirou de vez, tadinha...

E tão logo começou, abruptamente parou. Sem esperar qualquer resposta, Saci simplesmente se jogou do lado de Idril, tomou o celular da mão dela e começou a assistir ao vídeo que estava sendo editado. Como era de esperar, ele riu nas partes que deveria rir, fez alguns comentários maldosos e depois algumas sugestões.

– Ia ser mais daóra se você atribuísse cada *look* a um momento do livro. Você sempre faz isso nos seus vídeos... por que não dessa vez? Parece trabalho preguiçoso assim.

– Vai cagar, Saci.



Título: *Aula vaga* (aquarela).

Depois de mais algumas dicas, o menino devolveu o celular.

– E aí? O que ele respondeu?

– Quem? O professor?

– Não, minha bunda – Saci respondeu irritado.

Idril abriu um largo sorriso.

– Até agora nada, mas, sabe como é, né? Deve estar bancando o difícil.

Convenhamos que você é um gato, Saci, até eu te pegava se você gostasse de mulheres.

Os dois riram um pouco.

– E se você não fosse obcecada pelo Feioso, né?

De um minuto para o outro, os risos cessaram. Era sempre esse o efeito da menção amorosa-inexistente entre ela e o Feioso. Com ele, ela era só mais um rosto na multidão. Cena típica de adolescentes em filmes: os dois se abraçaram e voltaram a fuxicar sobre outros assuntos quaisquer.





### [de utilidade pública]

– Saci, bora jogar.

Eles estavam em uma aula vaga, e, para variar, a turma foi parar na quadra com uma bola. Geralmente, Saci era o primeiro a pular do lado de dentro da quadra, passar a mão na bola e começar a montar os times. Há anos, quando era só uma criança mirrada, ele era péssimo com bola, mas, hoje, era sempre um dos capitães.

– Gato, não vai rolar – Saci respondeu, batendo a mão na barriga – Tô tão cheio, que, se eu der meia corrida, é capaz de a comida voltar.

– Ih, bicha, tá grávida, é? Se tu emprenhar, vai ser difícil dizer quem é o pai, né?

Saci virou a cabeça para o garoto que chegava na arquibancada de bituca. Feioso, claro.

– Nada, Feioso, já falei que o dia que eu ganhar barriga – falou colocando a mão sobre o abdômen e estufando a barriga ao máximo – o filho vai ser de cada jogador que já passou a mão na minha bunda.

– Ou seja, vai ser de todo mundo da escola, né?

Os dois danaram a rir.

Feioso e Saci eram amigos desde muito cedo. Feioso tinha entrado na escola bem antes que Saci, mas, ainda assim, ficaram amigos assim que se viram juntos no pátio. Na época, Saci já era chamado de Saci e Feioso ainda era conhecido por um nome que, claramente, não era seu: Aristeves.

– Fiquei sabendo que tu tá de rolo com o professor Anal, né, viado?

– Pô, Feioso, até tu? Tá com inveja, é?

– Nada, sei que você vai ser sempre minha bandida mesmo, HAHHAHA.

Os dois sentaram e ficaram olhando o jogo. Saci lançou os olhos para a outra ponta da arquibancada e cruzou olhares com Idril, que observava os dois disfarçadamente.

– Tá dando uns *pega* em alguém, Feioso?

– Viado, ‘cê sabe que eu sempre dou um jeito de ficar com uma, com outra, com uns... – Feioso olhou de soslaio para o Saci – Tá a fim do Feioso aqui de novo, viado? Achei que tinha passado seu fogo de ficar comigo, mano – e já foi dando um abraço e fingindo que ia beijar o amigo.

– Se enxerga, viado – Saci deu um empurrão no outro – Tu pode até ser bom no negócio, mas gosto de variedade – e abriu um sorriso travesso – Tem gente por aí perguntando por você.

– Caraió, a gente numa conversa tão boa de putaria e você me vem com amor, Saci?

Os dois riram um pouco.

– Aí, mano, vou pular o muro – Feioso disse já se levantando e tirando a camisa – Tá muito quente pra ficar nesse lugar hoje e esses pés tortos aí tão ruim demais, cara – ele olhou para a quadra – Tu não disse que ia ensinar esses bocós aí a jogar de verdade, mano? Tá difícil, hein...

E assim que Feioso vazou, não coube ao Saci outra incumbência senão ajudar o time. Se os colegas de sala de repente aprendessem a se virar sozinhos sem a ajuda dele, Saci temia voltar a ser só o moleque que tinha sido por muito tempo antes de aprender a jogar futebol: o último a ser escolhido e o primeiro a ser descartado por atrapalhar o jogo. Sem nem pensar muito, já foi tirando a camisa e pedindo a qualquer um que lhe desse a trave. Os dois times quiserem trocar qualquer um por ele no gol na mesma hora, mas Saci acabou optando pelo time mais fraco. “Faça-se útil!”, seu irmão lhe dizia sempre.

– Ai, gente, adoro quando o negócio é doloroso!

Os dois times riram da sua viadagem.



Título: *Jovem Saci aprendendo a jogar bola (aquarela).*



## [inimigo público n 1]

– Todo mundo, sentando.

Os alunos correram para sentar nos seus lugares. Josélia nunca foi flor que se cheire. Ela já dava aula naquela escola havia uns 25 anos e, como todo mundo que estudava lá morava ali a vida inteira, a maioria dos familiares dos alunos teve aula com ela. Curiosamente, ela era uma das únicas professoras em que nenhum dos alunos ousava colocar apelido ou falar com muita gracinha.

– Corrigi as provas de vocês e, como sempre, estou estupefata com tamanha ignorância – disse ela, começando a distribuir as provas uma por uma. – Está em ordem de nota, da menor para a maior. E não, não se preocupem, ninguém tirou uma nota boa de verdade.

Imediatamente alguns sorrisos esperançosos murcharam.

– Estou acostumada com os garranchos de vocês e até mesmo com algumas imbecilidades que são ditas como respostas nas provas, mas, por obséquio, não quando eu dou uma cruzadinha para tentar facilitar a vida de vocês, não *insistam* em achar que eu coloquei o número errado de espaços na cruzadinha. Se eu coloco nove quadrados para “Sistema responsável por transformar o alimento em energia”, eu não *quero* dizer dez quadrados. Se eu coloco nove, é porque bastam NOVE letras para escrever “digestivo”. O que anula a “degustação” em massa daquele cantinho lá de trás que não cola, né?

Apenas uma menina na sala precisou disfarçar a risada em uma tosse “alérgica”.

– Pois bem, como eu ia dizendo antes da Suzany me interromper com sua... tosse...

– JOSÉLIA, MINHA QUERIDA! SENTIU MINHA FALTA?

Todos se viraram para olhar a porta escancarada.



Título: *De repente, Aristeves* (aquarela).

– Caraca, Saci, por que tu não me lembrou que era Josélia agora? Eu teria chegado mais cedo, mano...

Josélia, de repente, estava levemente avermelhada.

– Seu lugar, *Aristeves*.

– Já falei que não precisa dessas formalidades, Josélia. ‘Cê me chama de Feioso que até faço o agrado de aprender mais vezes na sala só para ver essa sua cara bonitinha...

Mas mesmo Aristeves não tinha tanta coragem de manter Josélia irritada por tempo o suficiente. A velha nunca tinha encostado a mão em ninguém, mas alguns poucos que já tinham visto ela verdadeiramente irritada – e Feioso era um desses – sabiam que ela parecia quase a figura de um cão raivoso. Aristeves podia ser chamado de Feioso, mas, puta merda, ela irritada era grotesca.

– ‘Fessora linda do meu coração, cadê minha prova?

– Não tem *como* eu entregar uma prova que nunca foi feita, Aristeves.



Título: *Josélia de bom humor* (aquarela).

– Como assim? A prova não é hoje? – Aristeves parecia genuinamente surpreso.

– Cara, foi semana passada – Saci respondeu bem baixinho – Sexta-feira...

– VÉIO! FOI SEXTA? – Feioso não disfarçou e se virou bruscamente para o amigo sentado atrás de si – Caraaaaaaca! Mano! Eu falei que era pra tu me lembrar! Eu cheguei a estudar pra sua prova, Josélia, acredita? – disse se virando para professora – E esse safado aqui ficou de bitoca na quinta com os boyzinho e esqueceu do *parça* dele...

A professora bufou e respirou longamente.

– Aristeves, vamos fazer o seguinte? Eu termino de entregar as provas e, depois, se você ainda quiser, você faz a prova comigo... oralmente...

– Opa, adoro! – Feioso soltou na mesma hora, erguendo as sobrancelhas para ela.

– Se você acertar duas das três questões, eu lhe dou a média e você *some* da minha frente por, PELO MENOS, mais um mês.

– Caraca, Josélia, não sei se falo que te amo ou se me preocupo com você me querendo longe...

– No seu lugar, eu me preocuparia se eu lhe quisesse por *perto* – ela deu seu mais amarelo sorriso – Agora, continuando, teve gente que teve a *ousadia* de achar que minha matéria e a da professora de geografia são uma só e escreveu, de cima abaixo, “lençol” em todas as oportunidades de falar de um conjunto de células...

Se a turma, antes, tentou não reagir à estupidez dos colegas, decerto, o acordo não foi feito com Aristeves, que, imediatamente, danou a rir escandalosamente.

– ISSO É COISA DO SACI, É COISA DO SACI! – gritava ele, rindo e se contorcendo.

Depois disso, a turma não conseguiu mais manter o controle.

Josélia, claramente, preferiria não ter que lidar com as pestes dos alunos nesses casos. Olhou o relógio enquanto seus alunos riam e, dando-se por vencida, terminou de entregar as provas e passou matéria no quadro. Tentou pegar no pé do Aristeves com as três perguntas mais difíceis que conseguiu formular sobre a matéria que eles tinham estudado e, de praxe, o menino acertou as duas mais difíceis e errou a menos complicada claramente de propósito.

Quando a aula acabou, tudo o que Josélia fez foi pegar um calendário e marcar lá mais um dia. Mais 685 dias e ela se aposentaria.





Título: *685 dias* (aquarela).





### [codinome: Feioso]

Aristeves nem sempre foi chamado de Feioso e, decerto, nem sempre foi o inimigo público número um das professoras e dos professores. Quando ele entrou no primeiro ano, ele era um menino normal, fofo como quase toda criança de 7 anos. Ninguém sabe onde, exatamente, as coisas começaram a desandar, mas, de algum modo, tudo desandou ao mesmo tempo. Em algum momento no terceiro ano, Aristeves já era uma criança impossível, atentada demais, grande demais, magricela demais e insuportável por razões infinitas para todos os seus professores. E isso foi só no seu primeiro terceiro ano! Depois da terceira vez, professora, coordenadora, pedagoga ou diretora, *nenhuma* sabia o que fazer com ele. O menino parecia fazer de tudo para ser detestado pelas professoras e, com isso, nem o conselho de classe no final do ano optava por salvá-lo. E, ano sim, ano também, lá estavam as professoras disputando para ver quem *não* pegaria a turma dele.

Até mesmo as professoras novas já chegavam à escola sabendo de quem fugir. E, se não soubessem, bastava uma semana em sala para se arrependem de seu erro.

Com 11 anos no terceiro ano, em compensação, algo mudou. Aquela terceira vez do Aristeves no terceiro ano funcionou para ele como um novo nascimento. Isso ele lembra muito bem, ainda que recontesse essa história com algumas variações, de vez em quando. Ele estava no refeitório intimidando alguns alunos para roubar biscoitos deles, quando, de repente, um menino negro de cabelo vermelho apareceu na frente dele.

– Eu achava que você era mais intimidador – o menino disse colocando uma mão na cintura – E, de algum modo, achei que você fosse mais bonito. Nos filmes, os valentões que batem nas outras crianças são geralmente bonitos, mas você é só um feioso qualquer.

Daí, do nada, o menino tira um pacote de biscoitos do bolso e entrega ao Aristeves.

– Você é tão magro, que chega a dar dó. Tchau, feioso.

A despedida foi alta o suficiente para o refeitório todo ouvir, incluindo – já e sempre – Ismeli, que olhava atônita para o menininho do segundo ano provocando, sem nem fraquejar, o aluno mais atentado que eles tinham.

Para honrar o moleque que o desafiou – Aristeves teve que reconhecer a coragem necessária para o Tampinha –, passou a atentar ele todo dia. Ismeli e os professores faziam ronda para ter certeza de que Aristeves não iria bater nele, mas, apesar de todas as implicâncias entre eles, Aristeves nunca nem levantou a voz para o menino de cabelo vermelho. É verdade que Aristeves *sabia* que estava sendo vigiado, mas, *pô*, era difícil não ter respeito por um molequinho de 7 anos que encarava um marmanjo de 11 sem nem pestanejar!

– Qual seu nome, moleque?

– O nome não interessa, mas você pode me chamar de Saci.

– HAHHAHAHA, Saci? Por que Saci?

– Sou péssimo no futebol – o menino respondeu com tranquilidade – Eles falam que eu jogando pareço ter só uma perna, de tão ruim que sou, daí virei o Saci.

Depois daquele dia, Aristeves passou a matar todas as suas aulas que coincidiam com as aulas de educação física do moleque só para ensiná-lo a jogar. Depois de um mês, Aristeves teve certeza: o menino era *mesmo* ruim demais com os pés. Aristeves não perdeu a oportunidade para implicar com o baixinho em cada oportunidade.

– *Pô*, tenta deixar um pedaço do chão da próxima vez!

Ou.

– Aí, topei com o Saci ontem e ele disse que joga melhor que você, maninho...

Ou.

– Comecei a procurar uma cadeira de rodas para você ontem, Saci, vi um cadeirante acertar mais a bola que você na TV esses dias.

Em cada ocasião, Saci respondia apenas com o que lhe parecia pertinente.

– Cala a boca, feioso!

E assim é que, sem mais nem menos, Aristeves passou a ganhar um nome próprio que lhe cabia muito melhor. Feioso. No final do ano, Feioso e Saci já eram inseparáveis. E o Saci até tinha começado a conseguir dar uns chutes sem cair! Foi assim que, na última aula de educação física do ano, quando a professora deu a bola para eles fazerem o que quiser, Saci acabou fazendo seu primeiro gol. Os colegas de turma todos sabiam que Saci

vinha sendo treinado pelo Feioso, mas o gol foi tão inesperado, que o próprio Saci levou um susto. Ele correu para perto do amigo, se jogou no pescoço dele e deu um beijo na bochecha do Feioso.

– Eu sei jogar bola!

Mais tarde, naquele dia, Feioso saiu do terceiro ano. Pela primeira vez, tinha sido agradável o suficiente para ser aprovado pelo conselho de classe. No ano seguinte, Feioso reprovou de propósito e, no ano depois, estava na mesma turma que o Saci. Ele ainda era o pavor das professoras, mas, agora, ele era uma dupla.

## **DEZEMBRO DE 2017**

Sem qualquer enrolação, Temer, tão logo tomou as rédeas governamentais, fez de tudo para tomar as decisões autarquicamente. Se vivíamos, no governo do Partido dos Trabalhadores, a ilusão de uma democracia participativa, Temer fez ruir qualquer possibilidade com suas inúmeras tentativas de sobreposição dos corpos da multidão. Fomos todos tornados uma massa qualquer, disforme e, em dada medida, desnecessária. E, como tal, restava-nos apenas ficar ciente das decisões que eram tomadas. Vivemos para ver mesmo representantes da UFMG, antes tão empolgados com a promulgação da BNCC, se calarem e torcer os lábios diante da versão homologada como presente de natal desse documento. Nós, professoras e professores, vimos parar, em nossas mãos, um bloco de papel que, no mínimo, parecia piada. E, para fechar com chave de ouro, lá estava o tão aclamado cuidado de si pervertido nas lógicas do capital.



## [corpo&Capital]<sup>6</sup>

Em abril de 2017, o governo federal, impulsionado pelos sussurros economicistas de Michel Temer, publicou a terceira versão de um documento dito basilar para a educação do país – a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). E, em menos de um ano, esse documento chegou a uma versão final inesperada e foi homologado da noite para o dia, às vésperas do fim do ano.

Honestamente, nada disso nos interessaria não fosse um simples fato: apesar de uma fraca menção, ainda assim, evidenciava-se nas páginas daquele documento o efeito mais requintado dos agenciamentos capitalísticos sobre o corpo. Na terceira versão, o controle era apenas ensaiado e demasiado explícito, aludindo, sem pudores, à preocupação estética do corpo em prol de uma alegada inclusão de todos. Na versão final, entretanto, o refinamento foi mais forte ainda que sublime. Ali, o controle do corpo deixava de ser uma questão de inclusão para ser um *autocuidado*, isto é, para compor a lógica das necessidades básicas da vida.

Após a homologação da Base Nacional Comum Curricular, um excerto sobre a aparência é levemente alterado no documento, deixando de se referir à equidade e à igualdade para passar a compor o campo de experiência “Corpo, Gestos e Movimentos”

---

<sup>6</sup> Neste capítulo consta a revisão de literatura permeada com a análise de contexto atual. Os trabalhos encontrados foram pesquisados no Banco Digital de Teses e Dissertações. Os descritores usados no campo assunto foram *corpo* e *beleza*, visto que nenhum foi encontrado com o descritor *feiura*. Dos 59 trabalhos encontrados, 42 foram descartados por tratarem de campos radicalmente diferentes, por serem de áreas de formação ligadas unicamente à saúde, por tratarem unicamente de trabalhos históricos ou por não atenderem aos quesitos mínimos de criticidade em relação à lógica estetizante vigente. É importante destacar que, entre os 17 trabalhos aqui apresentados, apenas dois (BRAGA, 2013; SANTOS, 2014) são teses de doutorado, enquanto os outros 15 são dissertações de mestrado.

na Educação Infantil. Antes, o ideal era que a experiência escolar fosse “acessível, eficaz e agradável” (BRASIL, 2017, p. 11) a todos, indiferentemente da aparência; agora, por sua vez, deparamo-nos não com corpos que devem ser *tratados com equidade* por serem feios, mas, antes, com corpos que precisam ser ensinados a “adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência” (BRASIL, 2018, p. 45). A lógica na terceira versão do documento era: “*É, existem corpos feios. Tadinhos, nada podemos fazer*”. Agora, nenhum perdão ou tolerância cabe à feiura: “*Que a estética nos livre desses augúrios! Ensina logo pr’esse bando de menino a se cuidar! Ninguém merece esses tribufu!*”.

A transição de um princípio de igualdade para um pré-requisito de existência diz muito sobre as táticas de controle sobre o corpo. Aqui, não mais é preciso reconhecer o corpo fugidio aos controles como corpo-vivente; se não se ajusta, o corpo perde o direito de vida reconhecida.

Nessa nova tática, o regime de controle sobre o corpo é vastamente mais bem distribuído. Mas por que se lançar sobre o corpo? O que há no corpo de tão perigoso?

“O corpo, de fato, é uma invenção teórica recente: antes da virada do século XX, ele não exercia senão um papel secundário na cena do teatro filosófico onde, desde Descartes, a alma parecia exercer o papel principal”, anuncia Jean-Jacques Courtine (2013, p. 12), e, dizendo isso, destaca que a filosofia e as ciências sociais precisaram passar por mudanças epistemológicas e políticas radicais para passar a dar atenção ao corpo enquanto lugar de interesse. Ou, como sugere à luz de Michel Foucault, foi preciso que a própria vida se espraiasse enquanto efeito de governo que as ciências humanas passam a se interessar por aquilo que era objeto das ciências naturais e da medicina: o corpo.

E nada fez isso tão exemplarmente quanto as duas grandes guerras do século XX e as infinitas guerras silenciosas vividas por nós no XXI. Os morros brasileiros não são outra coisa senão grandes laboratórios científicos para todos os tipos de experimentos, desde testes balísticos a experiências farmacêuticas. Toda a periferia sente no ar o cheiro de cidade que se aventura apenas para lhe testar os corpos.

Todavia, os estudos sobre o corpo não são de hoje, produzir *filosofias do corpo* não é algo recente. Poder-se-ia atribuir suas primeiras excursões aos gregos antigos, decerto sendo importante as contribuições cristãs durante a Idade Média e mesmo ao longo de toda a modernidade. Talvez a questão de Courtine seja a de pensar como, a partir

do século XX, o corpo perpassa outros campos de saber para além do cuidado do corpo e de sua gestão política.

Hoje, as políticas de governo da vida parecem ter-se apropriado perversamente da pergunta espinosana eternizada por Deleuze. Se Deleuze se perguntava sobre a potência do corpo, o imperativo de funcionalidade capitalístico (ROSEIRO; SILVA, 2018) também já aprendeu a falar essa mesma língua e se coloca, a todo o momento, a ampliar as possibilidades do corpo humano.

Vivemos o efeito daquilo denominado por Byung-Chul Han (2017) produção desesperada e ininterrupta. É preciso que nossos corpos sejam produzidos continuamente para não vadiarem, para não se perderem das lógicas capitalísticas. As academias de musculação e ginástica mostram isso com esplendor: nada mais dignificante que um corpo cansado, mas *em dia*.

Na lógica capitalística, em cada esquina há um convite embelezante de “instrumentos e serviços criados para aumentar a saúde e embelezar as aparências [que] desencadeiam o surgimento de preocupações em relação ao funcionamento corporal outrora inexistentes” (SANT’ANNA, 2005, p. 12).

Não há motivo, portanto, para a escola se furtar de sua responsabilidade Capital.

Nessa parte do trabalho, propomos pensar o belo e a beleza para muito além das lógicas estetizantes. Os trabalhos aqui apresentados foram vertidos, quando necessário, a discutir sobre o controle, porque é assim que pensamos ser necessário enxergar a beleza. Talvez, aos modos de Paul B. Preciado (2018), seja preciso que olhemos a beleza enquanto um conjunto de poderes farmacológicos atuando sobre a pele infinitamente, como um corpo viciado em T-gel que se aplica de modo a receber euforia.

Idril, decerto, sabe o que é esse efeito inebriante da beleza farmacológica.

Mas essa não é toda a beleza.

O belo agrada, anestesia, encanta, provoca admirações. O belo é saudoso e nunca irrompe pela janela, porque, convidado, é sempre recebido pela porta da frente e a se sentar na sala de visitas ou à porta da direção. Segundo Deleuze (2018), a beleza é apolínea e, por isso mesmo, busca apagar a dor e qualquer sentido não prazeroso. Por isso ela se casa tão bem com a necessidade da excitação infinita capitalística. Beleza biológica ou biologizada, natural ou *in natura*, *biobeza* ou estética comercial. Idril se senta diante de uma câmera e filma cada reinvenção a beleza que seu corpo é capaz de agenciar. O belo, como a arte insiste em enfatizar, leva-nos ao patamar do *sublime*. E que nos perdoem os idealizadores da beleza ou da arte, mas o sinônimo do sublime é a anestesia.

A beleza, pelo viés histórico de Denise Bernuzzi Sant'Anna (2014), tem a ver com as lógicas comerciais e com o quanto se deseja uma vida largamente publicizada. Não para menos, os corpos demasiado belos das capas das revistas podem nunca envelhecer. Porque anestésica, a beleza arranja variações infinitas de formaldeídos, espalha-se com sua publicidade pegajosa e convence outros corpos, por meio de imagens criogenizadas, de sua aparente solução.

A estetização do corpo se tornou regra, mas não por um desejo genuinamente bom de simplesmente fazerem os corpos mais agradáveis ou mais desejáveis. O medo, Brian Massumi (2017) sugere, é de que nossos corpos saibam mais do que nossas cabeças, que, instintivamente, continuemos a nos diferenciar ao infinito a ponto de vermo-nos livres de controles apáticos.

Daí a insistência em nos embelezarmos.

Caio Milito (2012), em sua dissertação, sugere que toda lógica estetizante é uma lógica comercial muito bem desenvolvida e distribuída. A questão não é mais apenas valorizar o que os usuais materiais curriculares dizem/produzem na educação, mas também inserir todo um conjunto de fármacos e cosméticos e reconhecê-los enquanto produtores curriculares no campo escolar. Se os “avanços científicos e tecnológicos se mostram cada vez mais como ferramentas para forjar diferentes possibilidades de colonização destes corpos” (MILITO, 2012, p. 30), é dada a hora de também a escola alimentar o desejo colonizador dos corpos. Os currículos, talvez, estejam aprendendo com aquilo que as propagandas fazem de melhor: produzir uma boa imagem daquilo que se pretende vender. Não basta o reconhecimento da feiura curricularmente falando, nos termos da BNCC, parte-se, preferencialmente, do princípio de que esses corpos não se desejam feios. Acompanhando a lógica publicitária, é-nos possível sugerir que, junto às propagandas, os documentos curriculares passam a “induzir efeitos sob o apelo dos prazeres” (MILITO, 2012, p. 46).

Não para menos, Renata Hermann (2016, p. 43) encontrou em sua pesquisa não apenas *regras* de beleza como, principalmente, “manuais de conduta para ser melhor, viver mais feliz, crescer na carreira ou conseguir o cabelo do próximo verão”. Não basta uma beleza frígida: páginas e páginas de revistas, jornais, artigos avulsos na internet e afins ensinam aos corpos o segredo da felicidade: corpos magros, de bom humor, com curiosidade saudável, com pele bem cuidada, cabelos à vontade – como a autora destaca, “não existe a presença de um corpo que não esteja sorrindo”, afinal, os “‘problemas’”,



quando aparecem, vem em formato de histórias de superações ou guias para sair de uma situação complicada” (HERMANN, 2016, p. 103).

A mudança na legislação curricular não é menor, como uns poderiam sugerir, mas, antes, *estratégica*. Não se trata mais de tomar a estetização do corpo como um ponto transversal que toda a educação poderia trabalhar. Não, nessa nova versão da BNCC, a aparência e o cuidado com o corpo (próprio) é um fundamento.

*A estratégia é combater o corpo ingovernável.*

O corpo deve satisfazer-se, inclusive, à custa da tristeza, do pesar, dos empecilhos. Como Bruna Ferreira (2012, p. 166) propõe a partir de uma edição da revista *Marie Claire* de 2014, nem mesmo o tempo ruim deve ser motivo o suficiente para o corpo se insatisfazer na sua relação amorosa com as atividades físicas. Na ode à excitação do corpo via o prazer do cansaço, qualquer desvio às academias ou às rotinas de ginástica *deve* ser suprida por outras atividades “valorizadas por trazerem satisfação e entretenimento”, como o *slackline* e o *deep running*.

Karen Marcelja (2012), por exemplo, vai perceber que, nesse campo de batalha, a velhice e a indústria farmacêutica se aliam uma vez mais, trazendo, dessa vez, também a propaganda comercial. No momento em que a “beleza, juventude, boa forma e prestígio são alçados à condição de mercadorias” (MARCELJA, 2012, p. 12), também a velhice, com o tempo, pode ser recodificada a esses signos mercantis, basta, apenas, que seja uma velhice bem vivida. “Campanhas de publicidade, por exemplo, já tendem a tratar rugas e fios brancos como sinais de vida bem vivida, e não algo a ser combatido a todo e qualquer custo” (ibid., p. 5). Nesse novo acordo tático, o envelhecimento não é acompanhado da insatisfação com o tempo, com o próprio corpo, com as dores que não podem ser combatidas ou mesmo com os amores e insucessos do corpo em processo de deterioração. Aqui a velhice sequer é sinônimo de lentidão ou de tempo vago; antes, envelhecer pode ser algo bom e lucrativo, pode ser tão prazeroso quanto um bom sexo e requer apenas dedicação para tal.

Na liberdade de encontros, a maquinaria capitalística teme que nos reordenemos, que conversemos, que saibamos que podemos nos ajudar uns aos outros. Então é preciso, como o Comitê Invisível (2013, 2014) prevê, fazer com que acreditemos em uma assídua competição infinita, fazer com que acreditemos em um concurso que jamais poderia acabar.

Inapto a essas regras, o corpo vagabundearia.

Por isso traçamos o ideal de um corpo saudável, de satisfação com nosso próprio corpo, com nosso bem-estar, e, em seu nome, todos os sacrifícios são plausíveis. Como Márcia Ramalho Diniz (2014, p. 13) destaca, *investimos* para que a estética corporal seja “cada vez mais aperfeiçoada, onde academias, cirurgias plásticas, substâncias químicas não liberadas para o consumo humano, creme, choques e agulhas formam uma grande arma para combater a insatisfação física”. Consumimos corpos, produzimos corpos. Consumo metabólico/consumo molecular: em duas medidas, fazemos nosso corpo queimar ou queima nosso corpo em suas lógicas. “E como o corpo, hoje, é visto como um projeto, um devir, um sacrifício para se alcançar o desejo do que se quer ser e se sentir satisfeito, esse projeto nunca é finalizado, já que é uma promessa impossível de ser alcançada” (DINIZ, 2014, p. 48).

Por isso, então, investimos não mais artificialmente, mas molecularmente.

A pele não é mais limite dos investimentos embelezantes. Bem verdade, como Ferreira (2016) observou, há uma grande recorrência de dermatologistas como convidados ou entrevistados nas revistas *Cláudia* e *TPM*, mas também há muito sobre a *pele* sem que haja a presença do saber médico sobre ela. Se, até meados do século XX, embelezar-se envolvia aplicar camadas e camadas *sobre* a pele, hoje nossa tecnologia permite atuar *sob* a pele, ainda que para fazer a própria pele brilhar.

A pele, hoje, pode ser espetada com tintas, com hormônios, com tecnologias de comunicação e localização, com pele alheia, seja humana, animal ou vegetal.

Não para menos, Beatriz Pereira (2016) vai trabalhar com a lógica da produção identitária a partir da inscrição de tatuagens sobre a pele, lembrando, na história presente da tatuagem, como a pele sobrescrita foi marginalizada para os guetos e as prisões, as organizações criminosas e as juventudes inconsequentes, para, mais tarde, ser sobrecodificada pela ode ao consumo do corpo. E, em um momento em que o corpo deve ser valorizado e se torna a máxima de um sujeito, “justificar a tatuagem pela sua beleza não é mais o suficiente, é necessário significá-la” (PEREIRA, 2016, p. 75). “O corpo torna-se um arquivo de si, onde serão recordados situações, pessoas e valores importantes na sua trajetória de vida” (ibid., p. 76).

Por isso, talvez seja tão comum encontrar músicas *hino* no meio *pop*, músicas com uma saudação a si mesmo, à beleza própria, afirmando a própria existência. Basicamente cada ídolo da música *pop* fez sua versão famosa para angariar a existência individual: Christina Aguilera com *Beautiful* e *Vanity*, Lady Gaga em *Born this way*, Kesha com *We R Who We R*, Pussycat Dolls em *When I grow up*, Sara Bareilles em *Brave* – a lista é

infinita e, em suma, elas fazem apenas uma coisa: aprofundam a separação dos corpos e afirmam um esvaziamento do outro. Conforme o Comitê Invisível (2013, p. 19) brinca, “Eu sou eu, tu és tu, e *isso não vai nada bem*”.

E realmente não vai.

A afirmação do corpo individualizado e, acima de tudo, do corpo funcional faz com que a virada ontológica apontada por Denise Sant’Anna na publicidade farmacêutica seja multiplicada em outros lugares. Aos poucos, outros corpos vão deixando de ser um risco para serem passíveis de consumo infinito.

A história da pele negra, por muito tempo destituída de qualquer possibilidade de beleza, passa, no último século, justamente por essa virada: a pele-negra, aos poucos, deixa de ser apontada por sua força de morte para pautar certa vivacidade, ou, melhor, por uma certa produção desejante. Ainda que, como Amanda Braga (2013, p. 189) vai pontuar em uma propaganda de cerveja encenado por uma mulher *mulata*, essa vivacidade seja o caráter *comestível* da pele negra: “Afinal, a *mistura perfeita* é ela, a cerveja, ou aquilo que remexe em sua panela?”.

Tradução: o corpo deixa de ser tratado como um mal para ser visto como lugar em que o trabalho embelezante é possível. Como Renata Hermann (2016, p. 44) nos lembra, “o discurso da convocação ‘democratiza’ e pasteuriza o estilo de vida de acordo com o padrão hegemônico”, vendendo não apenas um corpo mas também toda uma ideia de como é viver plenamente.

Seja via propaganda da *Dolce & Gabbana* (MEMÓRIA, 2012) ou via internacionalização do corpo da Gisele Bündchen (RIBEIRO, 2013), o corpo da mulher é posto sob uma ótica tão intensa, que, no extremo, é capaz de reduzir as próprias condições musculares para se fazerem verdadeiras bonecas humanas (SANTOS, 2014). Seja na plastificação da pele, seja no afinamento da cintura via uso de espartilhos, seja no caminhar sobre passarelas, o corpo bem cuidado aliado à produção da boa imagem de si pode chegar ao patamar da produção heroica. “Afinal, as causas defendidas pelos grandes heróis são, reconhecidamente, justas e merecedoras de crédito” (RIBEIRO, 2013).

E basta olhar jornais para nos depararmos com *heróis* do corpo em todas as partes, sejam eles modelos, fisiculturistas, celebridades, sejam corpos comuns com histórias de superação. A estratégia de combate vagabundagem e à insatisfação ou de excitação permanente – como Preciado (2018) propõe – dizem de um mesmo agenciamento da maquinaria capitalística. E, antes de dizerem de uma regra explícita imposta, esse agenciamento é *desejado* pelos corpos. Virginie Despentes (2016, p. 9) falava que,

enquanto corpo feio, ela sempre foi *mais desejante que desejada*. E, em absoluto, é exatamente isso que a maquinaria capitalística agencia: desejos infinitos, e, em nosso caso de interesse aqui, *desejamos não apenas a beleza mas a funcionalidade corporal apta a ser controlada*. Não vivemos mais (unicamente) regras soberanas, regras disciplinares ou mesmo a biopolítica tal qual Foucault a pensava. A gestão dos corpos *apenas* em um controle biológico não é a única possibilidade. Agamben (2014) também parece pecar, ao considerar que o estado de exceção se espalha como regra única, a vida nua como único corpo produzido em massa. Talvez, junto a Byung-Chul Han (2017), faça mais sentido pensar que vivemos uma época de produção incessante, que nos tornamos famintos pela produção. Talvez até faça sentido pensar, como Han (2017, p. 96) propõe, que o corpo, hoje, “explora a si mesmo do modo o mais efetivo, quando se mantém aberto a tudo”, isto é, quando tudo lhe parece uma oportunidade esperando ser agarrada. Torna-se um *sujeito do desempenho*.

A proposta de manter-se continuamente excitável empreendida pela lógica farmacopornopolítica (PRECIADO, 2018) não funciona via imposição ou mesmo por alternativa única. De acordo com Foucault (2014c), apaixonamo-nos facilmente pelo poder. Por isso, tão irrestritamente nos lançamos no diagrama de forças sobre o corpo e nos deixamos levar pelas mais impróprias sobrecodificações.

O poder sobre os corpos promete o gozo. De antemão ele já avisa que o prazer será curto e requisitará muitas inimizades. Ainda assim, pulamos de cabeça. O gozo competitivo é muito bem inserido em cada fibra de nosso corpo (LAZZARATO, 2011).

Não. Submetemo-nos continuamente às regras da maquinaria por termos nos apegado a elas. Trata-se, hoje, “de tecnologias biomoleculares, digitais e de transmissão de informação em alta velocidade [...] que podem ser injetadas, inaladas – ‘incorporadas’” (PRECIADO, 2018, p. 85) direto sobre a pele ou dentro dela. Ingerimos os mais ricos mecanismos de controle e esperamos que eles cumpram com as promessas anunciadas. Afinal, do outro lado da excitação contínua dos corpos, estaria o risco da revolta, rebelião, da virada abrupta dos corpos.

É enquanto excitado que o corpo continua a trabalhar, continua a produzir, continua a consumir sem se preocupar – em longo prazo – com os pesares dessa excitação contínua.

E esse dispositivo é tão bem arquitetado, que não há corpos sobressalentes.

Sequer a sexualidade escapa à discursividade estetizante. Como Paulo Lopes (2014, p. 55) brinca, trazer o “corpo sem rosto, mas de ‘barriga sarada’, de tatuagens

decoradas e de insinuações eróticas” conquista o corpo homoerotizado. E, como o autor observa, patologias bem curiosas são atribuídas a esses corpos demasiado desejantes da erótica carne escultural: dismorfobia, síndrome de Peter Pan, Complexo de Cinderela... Chega a ser cômico que, justamente ali onde os corpos são quase vulgares na expressão dos agenciamentos desejantes, é que patologias referentes à produção e consumo do corpo apareçam de modo tão evidente. A insatisfação do corpo é uma penúria tão agourenta, que, na revista *JUNIOR* analisada na pesquisa, uma coluna fixa intitulada *Beleza* ocupava algumas páginas da revista. A armação capitalística é tão cínica, que, como o autor fala, mesmo a “possibilidade de fuga ao padrão de beleza é capitalizada” (LOPES, 2014, p. 76).

O controle é tão grande, que não importa como os corpos entram em contato uns com os outros, a captura para se manter um corpo controlado ocorre entre bichas, viados, gays, lésbicas, trans, travestis, bissexuais, *queers*, interssexes, assexuados, heterossexuais etc. E o mecanismo de captura é tão louco, que, por vezes, o controle corresponde ao que Zamboni (2016) chamou de *gay* (corpos conservadores que vivem relações homoafetivas), mas, no limite, também pode ser a bicha afeminada que simplesmente entra na lógica estetizante monetária. Não adianta gritar “cu” ou falar palavrão para fugir ao controle, e, nalguns casos, essa mesma regra vira controle.

Não há meio termo possível para a fuga, tudo pode ser capturado. Ou, melhor, só existe termo de luta quando a situação de captura é traçada. É ali, no momento real do controle, que é possível criar as estratégias insurrecionais.

Não para menos que o corpo negro, o corpo deficiente e também o corpo gordo adentram as discursividades embelezantes. Marcela Betti (2014) apresenta, no lugar da gorda-insatisfeita, a figura do *mulherão* que passa a crescer no discurso da resistência e que, aos poucos, é comprada pelo discurso da moda. *Mulherão* esse que, contra a imagem da gorda-dócil, é a *mulher que se ama*.

Apesar de não entrar na discussão, é justamente nessa intercessão que algumas marcas, como a *Aerie* – concorrente da *Victoria's Secret* –, passam a optar por *modelos reais* nas suas campanhas publicitárias<sup>7</sup>. Modelos reais que, segundo esperam, não mais envolvem apenas os corpos anoréxicos e tragicamente plastificados, mas modelos com pessoas de beleza produzível com investimento estetizante mais *home made*. E, sendo *home made*, é facilmente reproduzível.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/01/marca-opta-por-modelos-reais-em-contrapontos-as-magerrimas-da-concorrencia/>>. Acesso em: 06 de junho de 2018.

Questionando justamente como esse novo aparato do *real*, Ankerkrone (2015), por exemplo, põe em roda de conversa com mulheres gordas como a identidade *plus-size* passa a ser produzida via telenovelas. Não apenas corpos engajadas nas apostas de si, mas, principalmente, corpos acuados nas tramas da produção capitalista estetizante; corpos tão reais, que, como um deles parece deixar claro, é totalmente dependente da relação com as novelas para sua existência – “*Se eu não assisto à novela, fico por fora dos assuntos!*” (ANKERKRONE, 2015, p. 75). As novelas vão ganhando tanto espaço, que, juntos, os adereços embelezantes e as modas assaltam os corpos nas conversas. O “real” e as novelas se casam e ensejam nos corpos o apreço pela roupa, pela aparência, pela expectativa estética. E, curiosamente, dão também passagem às debochadas falas das gordas que se sabem bastante exploradas. Como um corpo-gordo-desfilante fala sobre os abusos: “*As roupas para gordinhas de uns anos para cá melhoraram muito, no design, tecido, aparência, mas os preços ainda são muito altos!*” (ibid., p. 84).

Assim, nessa aliança entre satisfação do corpo e fácil reprodutibilidade é que, por exemplo, Denise Sant’Anna (2014), Georges Vigarello (2006) e Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2014) vão falar de uma democratização da beleza que não apenas foi contrabandeada (e sucateada) para o interior das nossas casas como também passa a compor nossas conversas, nossos planos, nossas estimativas.

A questão, como Idril mostra muito bem, é que, apesar de “democratizada”, a beleza ainda abre portas para corpos pelo simples fato de que a aparência bem cuidada implica um certo respeito imediato. Por isso, Umberto Eco (2007) diz que a beleza, em muitos casos, sempre esteve do lado do “poder”, do lado de quem mostrava ter maior riqueza ou título nobiliárquico. Não que reis e rainhas fossem obrigatoriamente belos – o oposto parece mais verdadeiro –, todavia a influência nos jogos de poder parece ter desenvolvido um chamariz para que suas imagens fossem associadas à beleza. Não muito longe disso, por exemplo, Damares Alves, atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, disse em 2015 que as feministas são feias (PÕE NA RODA, 2019). Não feliz, pôs-se a dizer logo que elas, grupo de mulheres conservadoras e religiosas, são lindas.

Beleza e controle casam-se com frequência, mesmo após a dita “democratização” da beleza.

Assim é que Gilles Lipovetsky e Jean Serroy vão concentrar-se em analisar os processos de “embelezamento” do capital “O capitalismo não goza da melhor das imagens”, os autores destacam logo na primeira página do livro *A estetização do mundo*

(LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 11). De modo quase consensual, as esquerdas – sejam elas situadas em quaisquer pontos – tendem a apontar as atrocidades da máquina capitalística e, conseqüentemente, sua depreciação. Não dizemos o contrário, que fique registrado, todavia há algo que nos incomoda nesse prelúdio genericamente aceito: *o capitalismo não goza da melhor das imagens*. E questionamos, junto aos autores, a premissa de que a máquina Capital é, irrevogavelmente, uma máquina que destrói as estéticas do mundo. Sim, é claro, existem estéticas que não lhe são pertinentes e, por isso, ele as destrói, mas, antes de destruir minando, destrói corroendo-lhes os sentidos. Fazendo valer uma pergunta que os autores se fazem: o capitalismo efetivamente “[...] se reduz a essa máquina de decadência estética e enfeamento do mundo?” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 13).

E, em forma de curto-circuito, é-nos imperativo dizer um sonoro *não*.

A maquinaria capitalística não se propõe dar fim às estéticas porque precisa delas mesmas para se expandir sem limites. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy observam em seu estudo que, antes de haver uma diminuição das estéticas no mundo, há, hoje, uma aparente democratização delas. Pode-se “visitar” o Japão em qualquer cidade no mundo indo a um restaurante japonês elegante; é possível conhecer a arquitetura de qualquer cidade dando um *search* no Google Maps ou em documentários infinitos pela internet; conseguimos ler um *best-seller* que saiu na Bélgica em menos de um mês graças às megaeditoras que traduzem quase que instantaneamente.

Em suma, a questão não é de dizer que o capitalismo é uma máquina decadente que enfeia o mundo. Os agenciamentos capitalísticos, na verdade, tendem a multiplicar as estéticas do mundo. A questão que, entretanto, não podemos evitar é se essas estéticas são ou não nocivas a outras estéticas do mundo.

Decerto as estéticas capitalistas são nocivas a algumas estéticas. Afinal, mesmo a feiura é, em dada lógica, uma *estética*.

Devemos, portanto, tomar cuidado com o modo como enunciamos a maquinaria capitalística. Ser-nos-ia muito fácil tomar a máquina capitalística como uma máquina do esvaziamento das belezas, como uma máquina que destitui os sentidos do sensorial e da felicidade em prol de uma moral rígida e ogra. O nome disso é conservadorismo, lembramos Suely Rolnik (2018). E mesmo o conservadorismo cria sua imagem estética reinante, como Marcela Temer e a imagem de “Bela, recatada e do lar” tão bem nos lembram. Embora conheçamos hoje, em 2019, uma vertente brasileira radicalmente conservadora do Capital pelo viés do governo, mesmo países, agências, bancos, instituições e empresas

secularmente enraizados na lógica capitalística passaram a refutar o conservadorismo descarado das políticas nacionais. Quando o inimigo ataca tão declaradamente, quando ele se põe de prontidão no lugar do carrasco, nossas defesas se armam de imediato. Diante da loucura política criada no governo de Jair Bolsonaro, as respostas a seus ataques foram imediatas, ainda que fracassadas. Quando mesmo instituições privadas consideradas de elite respondem às políticas de extrema direita do presidente eleito (UOL, 2019), temos certeza de que as políticas já ultrapassaram, e muito, o nível de ofensividade aceita.

De acordo com Suely Rolnik (2018, p. 81), estamos diante de figuras patéticas que não são outra coisa senão “laranjas [usados] para fazer o trabalho sujo de expulsão de cena dos políticos progressistas, preparando o terreno para a tomada de poder pelo capitalismo financeirizado”. Logo em seguida, potências econômicas juntar-se-ão ao discurso de rejeição dessas figuras políticas. Na verdade, como a própria manchete acima anunciada, vemos *já* os primeiros passos desse movimento. A questão que talvez devesse pairar sobre nossas cabeças, então, é o que faremos quando esses laranjas não forem mais o problema, mas a financeirização total e perversa.

Apesar de incompreensível para nosso governo, a máquina Capital não visa à destituição, mas, antes, ao *controle* completo, à servidão maquínica para além do corpo individual, do corpo meramente assujeitado, e, para isso, ela não se vale de um ataque sem fim ao corpo. “Os códigos não agem primeiro através da linguagem verbal e de suas funções de representação”, antes, as produções operam para além e aquém do indivíduo, justamente para produzir o corpo. “A eficácia semiótica do discurso não verbal é formidável, porque afeta e se dirige primeiramente ao corpo” (LAZZARATO, 2014, p. 113-114).

Um conjunto de grandes máquinas estéticas pré-verbais e pré-individuais asseguram a estetização sem limites do mundo. Estetizações tão esdrúxulas quanto comerciais, bem verdade, mas, ainda assim, enriquecidas de efeitos sonoros e visuais, carregadas de *desejo*.

Eis, justamente, o princípio do que Lipovetsky e Serroy (2015) denominariam capitalismo transestético, isto é, a força produtora de semióticas não verbais como princípio operante do Capital tal qual o enfrentamos hoje. A estética, os autores lembram, sempre esteve atrelada à produção de uma vida bela, de um modo de viver que extrapole o mais imediato da vida. A antropofagia indígena é, decerto, um exemplo do movimento estético da vida além da vida imediata com seus rituais de preparo do corpo-que-comer e



do corpo-comido. A estética tem a ver com a vida e, em dada medida, é também com ela confundida.

E, apesar do discurso reintrojado por Foucault da *vida bela* ou da *vida como obra de arte*, há, no mínimo, uma perversão capitalística operando nessa confusão sem medida de estética e vida. Ou, como Lipovetsky e Serroy (2015, p. 33) sugerem, se, em algum momento, a arte afastava-se do corpo para se fazer presente em rituais, com o imperativo produtivo do Capital esse afastamento parece sumir. Ou, como destacam sem pudores, “[...] com o capitalismo criativo e transestético o que se instala é menos o recuo do belo do que um excesso de arte, uma animação estética sem fronteiras, uma cosmetização ilimitada do mundo”.

Assim, vamos afirmar, em diálogo entre Maurizio Lazzarato (2014) e com Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), que a Máquina Capital não apenas trabalha assiduamente na estetização do mundo mas também propõe o belo como semiótica assignificante controladora. “Pela primeira vez, as massas têm acesso a um tipo de consumo mais lúdico e mais individualizado, a um modo de vida mais estético (moda, gadgets, lazer, jogos, músicas gravadas, televisão, férias) outrora privilégio das elites sociais” (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 328), mas também, pela primeira vez, foi-lhes cobrado um corpo condizente com essas marcas estetizantes da carne. Há, conforme Milito (2012, p. 13) destaca, “um surpreendente mecanismo de incitação ao consumo” que “sugere a beleza física como pré-requisito para se alcançar o sucesso”. Não importa se, com códigos bem expressos ou com semióticas pré-linguísticas, há um aparato que incita “o consumo de seus símbolos, suas representações e sentidos produzidos” tanto quanto suas “ideias, sonhos, planos, estilos de vida” (HERMANN, 2016, p. 103).

Na impossibilidade de tornar-se mais belo, como Georges Vigarello (2006, p. 142) sugere, paira a sombra do fracasso. “A responsabilidade de cada um aumenta no caso de alguma inacessível beleza, ‘impotência’ mesmo, atribuída às decisões de um tema tomado de parte a parte responsável por sua aparência e liberdade”. Isto é, em uma era em que os custos do aprimoramento estético da carne são baixos e a oferta é escandalosamente ampliada, quão impotente deve ser o corpo que se recusa a embelezar-se?

“O embelezamento diz respeito, pela primeira vez, a um corpo mental e conscientemente representado, submetido, até na sua sensibilidade, às injunções da vontade” (VIGARELLO, 2006, p. 165). Por isso, sem nenhum medo, os programas

televisivos investem tanto sobre o corpo e apresentam os infinitos modos de se agradarem. O corpo precisa estar afinado com a cientificidade sobre ele mesmo.

Eis, então, como Gabriela Rebouças (2016) analisa, o jogo entre o desleixo no cuidado do corpo e o exagero do corpo exageradamente embelezado. Mais do que apenas o corte de cabelo e a barba, os salões de beleza viram pequenas clínicas estéticas, acrescentando “nos serviços prestados a limpeza de pele, massagem, depilação, o tingimento de cabelo, barba, bigode e sobrancelha, extração de pelos dos ouvidos e do nariz, podologia, feitura e limpeza das unhas dos pés e das mãos e hidratação dos cabelos” (REBOUÇAS, 2016, p. 71). Entre o Ken e o catador de lixo, o corpo-músculos é cada vez mais convidado a se aprumar, a se arrumar. “*A preocupação da mulher com sua aparência, com o seu corpo sempre foi muito maior do que a do homem, né?*”, destaca um corpo-homem transeunte de salões de beleza. Não apenas o corpo feminino é alvo das vastas propagandas estéticas-comerciais como também os corpos masculinizados, testosteronados. O homem também precisa se sentir um “*humano completo que ocupa seu lugar [...], que cuida da vida, que tem amor por si mesmo*” (ibidem, p. 41), diz outro corpo num salão de beleza masculino. Afinal, “quanto mais se gasta com os cuidados corporais mais bem quistos os indivíduos são pelo bom gosto no que diz respeito à preocupação em manter uma imagem agradável” (ibid., p. 77).

Aqui já não há mais enrolações: é preciso investir para ter um corpo bonito. E não falamos de qualquer investimento, de um investimento unicamente monetário. O investimento do corpo belo – ou melhor, o investimento na *beleza* – é um investimento vitalício que, de algum modo, é acompanhado pela lógica de uma felicidade também vitalícia. A partir do filme *King Kong*, Virginie Despentes (2016, p. 96) fala da bela moça que, agarrada à fera, é usada para derrubar a feiura – “A bela não pode impedir os homens nem de capturar a fera nem de matá-la” – e, derrubando-a, põe-se à sombra da proteção e segurança advinda da beleza. A beleza – o *belo corpo* – “serviu apenas para capturar o animal. A animal” (ibidem, p. 95).

E, em suma, é disso que falamos: as estéticas capitalísticas produzidas para o corpo não funcionam unicamente para produzir um ideal eugênico de corpo, mas também articulá-lo à indústria farmacêutica e a sua eficiente anestesia generalizada. A beleza, como Virginie Despentes tão comicamente anunciou, pouco lhe serviu. Ou melhor, para muitas coisas serviu, por exemplo, para fazê-la mais *mulher* de acordo com todos os ideais societais (leia-se machistas); serviu-lhe, ainda, para ensinar a desviar-se da rota de ação e da expressão da irritação. *A beleza acalma em igual medida que excita.*

Ainda estamos certamente enfrentando uma forma de controle social, mas desta vez é uma questão de *controle leve*, um tipo borbulhante de controle, cheio de cores, usando as orelhas do Mickey e os decotes de Brigitte Bardot em oposição à arquitetura fria e disciplinar do panóptico ilustrado por Foucault (PRECIADO, 2018, p. 227).

Vanberto Rossi (2014) encontrou não apenas marcos históricos da administração dos corpos pela medicina e pela biologia mas também um grande fluxo discursivo na produção do corpo que, mais tarde, viria a compor a influência midiática. Conforme destaca, mesmo que esses discursos não determinem os corpos, gostos e estilos em si, minimamente eles fazem circular as narrativas dos corpos cabíveis de ser enunciadas. Não para menos encontramos, nas academias ou em lojas especializadas, tanto químicos os mais variados para melhor rendimento do corpo quanto produtos que funcionam unicamente para a exibição de resultados.

Na pornotopia do corpo controlável, o regimento, às vezes, é simples: *excita-te que nos excitamos de ti*.

Paul Preciado (2018) e Denise Sant'Anna (2014; 2016), apesar de bem distantes um do outro, mapeiam justamente a mudança quase ontológica da farmácia e da propaganda. Sant'Anna (2014) percebe, em um conjunto de propagandas farmacêuticas, uma transformação radical no modo como as revistas do início do século XX tratavam as leitoras e os leitores. Ela destaca, com o uso de imagens, o quanto a farmácia e seus produtos tendiam a produzir estranhamentos mais com a imagem da morte, da fraqueza e da morbidez, até que, mais interessada por seu público, ela é levemente alterada: ao invés de imagens sombrias, as embalagens medicamentosas e suas propagandas começam a oferecer soluções e felicidade no lugar do sofrimento. A popularização farmacêutica, curiosamente, acompanha o barateamento da imprensa nacional e a maior divulgação publicitária nesses espaços. O ideal do corpo belo, magro e independente começava a se lançar em imagens de mulheres sorridentes, de felizardos homens independentes ou bem casados, de crianças rechonchudas e energéticas. A partir dos anos de 1930 e, com mais força, a partir de 1950, a imprensa em larga escala foi responsável por inverter a própria lógica da propaganda que, durante anos, foi veiculada com riscos de morte e de perigos da vida para uma pegada mais benfeitora, para aludir às bonanças da beleza do corpo.

Em meados do século passado, as revistas femininas adotaram um tom amigável e descontraído. A mensagem “você pode corrigir os defeitos

de sua aparência e ficar bela” substituiu definitivamente a frase “a senhora poderá disfarçar os problemas da idade”. Correção, e não mais o simples e provisório disfarce. “Você”, e raramente “senhora”. As conselheiras de beleza pareciam, a partir de então, confidentes, amigas com quem cada leitora podia contar sem constrangimento algum (SANT’ANNA, 2014, p. 102).

As mudanças da visão da farmácia, entretanto, não se restringiram à propaganda. Durante a reforma educacional promulgada por Anísio Teixeira (VIDAL, 2000), entre 1931 e 1935, também das professoras passou-se a esperar um ideal de corpo e de imagem respeitáveis, passando elas por “exames de vestes, de peles e pelos, seguindo anotações de peso, estatura e perímetro torácico” (VIDAL, 2000, p. 74). Diante de tanta estima da imagem professoral, também o cinema foi cogitado para a construção desse corpo a servir de exemplo para as futuras gerações. Os processos de seleção para as escolas de formação de professoras cariocas eram tão acirrados, que familiares e moças criavam estratégias diversas para atender aos requisitos, indo desde os básicos artifícios para enganar o peso (seja colocando peso nas roupas, seja ingerindo manteiga pura por alguns dias para eliminar o indesejável) até o recurso extremo de retirada novas certidões de nascimento para atender melhor à idade.

Não obstante, a reforma capixaba de educação seguiu, com a assessoria Pedro Deodato Moraes (SIMÕES; BERTO, 2016), o padrão de escolas para a saúde que em muito se aproximou da *pedagogia científica* proposta pelo italiano Ugo Pizzoli. Pizzoli (1909) que, de modo extremamente minucioso, estabelecia todos os possíveis registros da vida e do corpo dos estudantes, incluindo nisso condições hereditárias dos parentescos; a “resistência orgânica” dos estudantes; a saúde, a moral e aspectos do desenvolvimento físico e intelectual; e questões referentes ao ambiente desse desenvolvimento. Para o italiano, as próprias imagens dos educandos já lhe diziam de suas capacidades, de seus limites e possibilidades. Ao longo do livro, mais de 50 desenhos são colocados para exemplificar formatos do rosto, do nariz, do crânio, da posição do cabelo, do tamanho e profundidade da caixa torácica etc., além de tabelas que estimavam, na relação com o peso, suas forças físicas e sua capacidade vital. A questão do corpo era tão forte, que, como Regina Helena Simões e Rosiany Campos Berto (2016) evidenciam, Pedro Deodato de Moraes chega a definir a saúde do corpo como marco divisor entre o animal e o humano.

É justamente nesse jogo que Paul-Beatriz Preciado (2018) vai situar a drástica revolução dos agenciamentos capitalísticos do corpo: a economia-mundial encontra sua

máxima funcionalidade na concomitância da produção de hormônios sintéticos, na variedade de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais e na difusão global de imagens pornográficas em suas mais infinitas escalas de excitação. Quando a farmácia encontra seu mais forte modo de se difundir e atender sem ver a quem, a atual regra capitalística se torna inesgotável e inquestionável.

Assim, ainda que emagrecer e embelezar-se fosse “um objetivo presente sobretudo entre os *jóvens abastados do meio urbano*” (SANT’ANNA, 2016, p. 69, grifo nosso) nos anos 30, aos poucos as narrativas das propagandas passavam a atribuir aos corpos sua própria possibilidade de liberdade. Explicitamente, “os cuidados com o corpo pessoal – incluindo seu peso, sua saúde e aparência – tornaram-se a comprovação de suas autonomias, adquiridas ou que precisavam sê-lo” (ibidem, p. 78).

Para não deixar nem eiras, nem beiras, dizemos isso claramente: é essa “liberdade” e “autonomia” do corpo que, hoje, são cobradas de nós em todos os momentos, em todos os lugares sob o pretexto de saúde e do bom funcionamento do corpo e da sociedade.

A frase volta: *excita-te que nos excitamos de ti*.

Nos dizeres de Preciado, o corpo precisa estar sempre *excitável*, seja o sentido em uma capacidade de excitar a si mesmo, seja em sua possibilidade de excitar o outro. Há, como Hermann (2016, p. 102) parece indicar, um dispositivo bastante heterogêneo que faz parte de “uma engrenagem capitalista que mostra o caminho do gozo, da felicidade e do sucesso”, e, nesse meio, podemos tanto encontrar as revistas femininas, como a autora aponta, como também propagandas em jornais, na televisão, em livros de literatura juvenis, em reportagens ou mesmo no ideal traçado em livros didáticos.

A lógica capitalística é uma cena típica entre meninos de escola: um cospe e todos os outros se esforçam para fazer o cuspe ir mais longe. Quando um vence, os outros comemoram com ele por apenas três segundos. Não mais que isso. Mal se goza a vitória, a competição já recomeçou. Seja lá qual for o utensílio ejaculador.

Às vésperas do segundo turno da eleição presidencial, é nesse cenário estúpido de quem cospe mais longe que Vladimir Safatle (2018, p. 15) sugeriu pensar a política como “uma questão de circuito de afetos e de estruturas de visibilidade”. Isto é, diante de um cenário cada vez mais catastrófico no qual corpos podem ser dizimados simplesmente por não obedecerem ou existirem, somos convidados a pensar a política enquanto nossa capacidade de ser afetado pelo que enxergamos e sentimos.

Querem-nos vacinados e contidos, mas, virais, queremos apenas viver, encontrar corpos saudáveis para nos espalharmos e fazermos questionar toda a beleza. Feioso volta

à conversa e sua existência parece debochar, respeitosamente, da definição corpórea de Alexandre Fiordi de Carvalho. Se para este o corpo é uma “plasticidade a ser trabalhada conforme a economia de poder”, Aristeves parece não compreender nada de economia. Ou, no limite, parece fazer certas economias de poder inoperantes.

A questão talvez seja, então, a de se indagar pelo que compõe o plano das feiuras.

Se a feiura, como dissemos antes, não é apenas o oposto da beleza, o que resta à feiura?

## **OUTUBRO DE 2018**

No dia 07 de outubro de 2018, ocorreu o primeiro turno das eleições brasileiras. O boom da vez, decerto, foram os candidatos presidenciais. Não é preciso dizer quem saiu em disparada, visto que, hoje, vivemos a primeira era do presidente eleito. Todavia, ali, um dia após o primeiro turno, foram estudantes que chegaram à escola, no dia seguinte, perguntando o que iríamos fazer. “Professor, o que nós vamos fazer? Vamos deixar assim mesmo? Não pode, né?”. A menina que perguntou é filha de pais que elegeram o atual presidente, mas, de modos incompreensíveis para a própria prole que a gerou, ela satisfaz-se com certa desgovernança, com certo desgosto. Temos, aqui, a afirmação da feiura.



### [o insulto da feiura]

Em 2007, Umberto Eco fez um compêndio elementar sobre a feiura, intitulado *História da Feiura* (ECO, 2007). Em seu trabalho, ele não apenas se preocupou em traçar como a feiura foi tratada, definida e criada ao longo da história da humanidade, como também apresentou recortes dela a partir de textos literários, filosóficos e obras artísticas. E, conforme o autor destacou em sua introdução, a feiura nem sempre – ou mesmo quase nunca – teve relação explícita com a aparência, com os traços do corpo. Na verdade, como fica bem evidente ao explorar as obras visuais estampadas nas páginas do seu trabalho, a feiura em muito se deveu a contextos políticos, às emoções, às amizades ou à economia. “Muitas vezes, as atribuições de beleza ou de feiura eram devidas não a critérios estéticos, mas a critérios políticos e sociais” (ECO, 2007, p. 12).

Isto é, nem sempre, ao longo da história, o feio foi o corpo grotesco, o deformado, o magro, o gordo, o anão, o gigante etc., ainda que a feiura estivesse no bobo da corte, na cigana, no andarilho, no pobre. É que, onde o feio habita, há sempre um mundo ideal, há sempre a perfeição a ser alcançada e, porque feios, representam simplesmente “a imperfeição do universo físico em relação ao mundo ideal” (ECO, 2007, p. 25).

Tradução, a feiura é verdadeiramente imanente e não deseja outra coisa.

Por isso, então, partimos do pressuposto de que a feiura, antes de qualquer coisa, tem a ver com as *resistências*.

Davis Alvim (2011), inspirado em leituras deleuzianas, defende em sua tese que a resistência não presta continência a nada. Bárbara, a resistência espalha-se pelo plano liso muito antes de qualquer forma de controle e, portanto, em nada deve à definição do



dicionário, isto é, resistência reativa. Na mesma direção, Michael Hardt e Antônio Negri (2016, p. 99) lembram que, “por paradoxal que pareça, a resistência é anterior ao poder”.

Esse caráter de resistência bebe diretamente de Gilles Deleuze em suas escritas com Félix Guattari. Podemos encontrar, por exemplo, no platô *10.000 a. C. – A geologia da moral (Quem a Terra pena que é?)* toda uma discussão sobre o plano liso da Terra que foge sem parar, flui com intensidades ora demasiado fortes, ora ridiculamente lentas (DELEUZE; GUATTARI, 2011a). A resistência deleuzo-guattariana não se inscreve *sobre* algo, é sobre ela que outras forças se inscrevem. São superfícies sem organelas, sem investimentos de poder – “Ela é a superfície sobre a qual se inscreve todo o processo de produção, sobre a qual são registrados os objetos, os meios e as forças de trabalho” (DELEUZE; GUATTARI, 2011c, p. 187).

Os corpos, quando capazes de transitar nessa lisura, carregam um *entre* para serem capazes de sentir os afetos da Terra, da vida fugidia. Janete Magalhães Carvalho (2019, p. 50) fala: “Queria tocar um lugar. Mas um lugar me toca”.

É o liso fugidio que nos toca. E isso é a resistência deleuziana, a resistência que não se preocupa em produzir códigos. Ela é pré-código, pré-símbolo, pré-corpórea; é apenas desejo.

O poder se inscreve sobre a resistência.

No nosso caso, o poder é o controle sobre os corpos.

Em dada passagem do texto, Alvim lembra que o produto do poder se incita por relatividade e, portanto, é incapaz de existir por si só. Assim, decerto, é a beleza criada no campo dos signos capitalísticos. Mas a feiura, essa que foge sem parar, é a parte cortada pela máquina desejante do Capital. A máquina-estética-capitalística opera atribuindo funcionalidades ao corpo, assim cortando a carne indigesta do corpo ingovernável para lhe atribuir signos relativos reiterados como *beleza*.

Se se entende a *beleza* enquanto essa linha que se inscreve sobre a terra lisa, percebemos que, antes de qualquer controle estético, há infinitas possibilidades estéticas na qual a feiura pode ser largamente encontrada em meio a tantas outras. Se vemos na beleza os traços sedimentares de políticas duras – isto é, se entendemos que o *belo* surge a partir de definições controladas e regulamentadoras –, logo notamos o *feio como possibilidade* da materialidade dos corpos. Antes de qualquer tecido estriado se lançando sobre uma terra, havia tão somente feiuras para todos os lados. Feiuras e outras existências inquietas.

Ante qualquer cara de asco ou desgosto, talvez fosse necessário experimentar a feiura para dar-se conta do longo gozo que esses corpos produzem.

Preciado (2018), narrando sua juventude em internato para meninas, contava o quanto, mesmo horrenda, mesmo cheia de traços detestáveis para as boas meninas, ela nunca conseguiu passar um tempo hábil solitária. Sua feiura era cobiçada por todas as boas meninas educadas pelas irmãs espanholas.

Na literatura, o retrato de Dorian Gray deveras horripilante evoca duas reações bem peculiares nos dois que o veem. Basil, o pintor, fica horrorizado e incrédulo diante de sua pintura e não reconhece as macabras transformações da carne de Dorian como um efeito de suas atrocidades. “O que isso significa?”, Basil exclamou. E, diante da resposta mórbida do eternamente belo Dorian, o pintor tenta explicar as monstruosidades jogadas sobre a tela, falando da umidade da sala, de algum veneno presente nas tintas. “O horror, fosse o que fosse, não havia estragado completamente sua beleza maravilhosa” (WILDE, 2012, p. 182). Dorian decerto concordava com o amigo pintor nesse ponto: mesmo depois de toda a feiura se instalar sobre a tela, ainda assim, noite após noite, Dorian se instalava naquele quarto para olhar o feio ocupar seu corpo. Ele media, minuciosamente, os efeitos da feiura na carne.

Os olhos, dizemos, não foram capturados por uma beleza maravilhosa ainda presente na tela. Antes, captaram justamente o feio e toda a sua força desestrutural.

O jornal *O Rio Nu*, de 1909 (apud SCHETTINI, 2011, p. 335, grifo nosso), estampava assim esse gosto desgostoso em um artigo:

E como o homem é um animal essencialmente crapuloso, gosta disso, sente um desejo furioso por aquele corpo – embora imperfeito, mas que todos podem ver –, encanta-o a *ideia* de possuir a carne, mesmo réles, mas que toda a gente conhece.  
É a irresistível tentação do charco, da baixeza – *só os abismos atraem, dão-nos vertigem.*

Aqui, nessa passagem do jornal, vemos melhor o efeito da feiura. O feio não é aquele corpo responsável pela morbidez, pela angústia psicanalítica. Não vamos apostar numa feiura piedosa, caridosa. Antes, ela é o corpo da vertigem, da implicância, de certa insensatez, da travessura, do desejo.

A feiura não é apenas a figura do Feioso em seu corpo-implicante, mas também Idril eternamente apaixonada pelo feio. Idril carrega em seu corpo Lady Josiane, de *O Homem que Ri* (1928), e sua nobre beleza fatalmente atraída pelo belo, pela baixeza. Essa

atração, antes de causar-lhe dor ou desespero, provoca um gosto inesperado pela vida. “Sinto-me aviltada perto de ti, que felicidade! Como é tedioso ser alteza! Decair é repousante. Estou tão saturada de respeito que preciso de desprezo [...] Amo-te não só porque és disforme, mas porque és abjeto” (ECO, 2007, p. 286).

Chegamos então a um segundo postulado sobre a feiura: a feiura é de uma insurreição sem igual.

Partimos aqui da premissa de que a paz não apenas é ilusória como sua existência mancharia os corpos com a não vida. “Abandonar a ideia de paz é a única paz verdadeira” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 45). A paz, garantem, não é sinal de bondade, mas antes “ou uma profunda burrice ou uma completa má-fé”, visto que a “recusa tática do confronto é ela mesma uma astúcia de guerra” (ibid., p. 168).

Paradoxalmente, essa afirmação é demasiadamente ética.

Diz-se, hoje, de uma cultura de paz com tanta ênfase que chega a evocar brilho nos olhos ou lágrimas peroladas. Contudo, diante da paz, nada mais fazemos que aquiescer. O corpo pacífico é o corpo de resposta impossível, de concordância eterna. A nosso ver, isso nada mais é que a produção do vazio de vida. Porque isso é o produto de uma paz pretendidamente verdadeira: a não vida ou, no mínimo, uma vida pacificada, uma vida controlada.

No fundo, a rejeição da guerra só exprime uma recusa infantil ou senil em admitir a existência da alteridade. A guerra não é a matança, mas sim a lógica que regula o contato de potências heterogêneas. Ela é travada por todos os lados, sob inúmeras formas, e na maioria das vezes por meios pacíficos. Se há uma multiplicidade de mundos [e de estéticas], se há uma irreduzível pluralidade de formas de vida, então a guerra é a lei de coexistência nesta terra (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 167).

Pacificada, faltaria à vida a coragem da discordância, de rir mais alto, de incomodar o outro. Ou melhor, não faltaria a *coragem* e sim a possibilidade qualquer de dissonância.

E caso ainda reste alguma dúvida, lembremos apenas ser em nome da paz que nos morros se ouvem disparos de fogos de artifício sem nenhuma luz brilhante no céu. Nos termos da Rolnik (2018, p. 71), deparamo-nos com esses autodeclarados pacificadores que não são senão “traficantes de receitas de uma paz redentora”.

De certo modo, espera-se que se lance sobre os corpos um *mugen tsukuyomi*<sup>8</sup> tal qual um certo vilão de mangá queria lançar sobre a humanidade. Presos na ilusão, viveríamos sonhos eternamente felizes e imutáveis. A vida dentro do *tsukuyomi* infinito não permitiria deriva, jamais deixaria de ser a mesma que já conhecemos. A bem da verdade, veríamos apenas coisas boas, e, entretanto, a vida não mais conheceria mutações, devires – tradução, a resistência, sempre fuga, deixaria de existir. Estaríamos todos capturados por organelas isoladas e incomunicáveis, vivendo o sonho da paz irrestrita: “Os laços desse mundo com o destino foram cortados”, anuncia o vilão, “Todos... a sua dor... o seu sofrimento... o seu vazio... eles foram desligados de tudo isso”. Eis que a defesa de uma paz tirana é a mesma aclamada no ocidente por todas as organizações mundiais que declaram sua preocupação com o humano: o fim da guerra, o fim da dor, o fim da morte. Qualquer corpo a questionar isso é respondido tal qual aquele vilão falava: “Quem é você para interferir na felicidade dos outros?” (KISHIMOTO, 2014, p. 13).

Viver em um sonho é o que se diz dos corpos capturados pelo *tsukuyomi*.

Para infortúnio dos pacifistas, vemos na feiura um quê de insurreição. O corpo feio não quer paz. Na verdade, é contra ele mesmo que a paz é proclamada. Feioso bem o sabe. Por onde Feioso passa, Ismeli fica já com as orelhas atentas, esperando sempre a perturbação de algo, o fim dos acordos táticos. Ao entrar na aula da Josélia – pelo menos dez decibéis mais alto que o esperado –, a paz momentânea foi ruída por um cumprimento acalorado. Josélia possivelmente criara esperanças enquanto via na sala a ausência de Feioso. E, de repente, irrompe Feioso em sala acabando com todos os falsos acordos silenciosos. Agora alunas e alunos não mais precisam disfarçar seus risos. Com Aristeves em sala, os conflitos são postos às claras.

Na insurreição não há esperanças.

Insurrectos, corpos feios se lançam infinitamente ao tempo, não temendo a ordem do agora. Feioso é carne do agora. Na aula de Josélia, já chega esperando por uma prova que já passou e, entretanto, não se deixa levar por isso. O tempo ainda urge, ainda flui e, ao invés de esperar a caridade, *age*, torra a paciência de Josélia até que esta, percebendo-se diante de um corpo-fluxo-do-tempo, não vê alternativa senão lhe oferecer o presente do tempo.

---

<sup>8</sup> O *mugen tsukuyomi* é um tipo de ilusão criada por um sábio milenar que usou a luz da lua como fonte de sua arte ilusória. Desse modo, uma vez completada a ilusão, não haveria modos de as pessoas ao redor do mundo escaparem de sua habilidade.

Em momento algum, a feiura cria esperanças sobre o mundo. Há muito ela aprendeu que o sorriso de uma criança esperançosa conquista leilões de doadores pelo simples fato de expressar a segurança do amanhã. A insurreição não dá o amanhã como dado e, por isso, não o espera. Antes, ela aceita ou recusa o embate, a discussão. Sendo redundante, o Comitê Invisível (2017, p. 19) faz o mais caro dos pleonasmos para nós: “É o presente e, portanto, o lugar da presença”.

Toda feiura, sendo insurrecta, faz-se presente por obrigação.

O nascimento de Feioso – nome próprio por direito muito antes de ser um apelido – marca justamente o nascimento da presença do corpo. Feioso nem sempre está na escola, mas, em cada momento ali, ele está de corpo inteiro, é um acaso da duração. Em sua despedida, ele não anuncia onde estará, até porque a presença infinita é impossível, todavia deixa para trás um modo de encontrá-lo que é quase uma produção de sua existência. “Aê, mano, vou vazar. Quando quiser trocar umas *ideia*, só procurar por Feioso que tu me acha”.

Diz e some.

Esse tipo de corpo confabula com o presente. Não há modos de encontrá-lo sem antes produzi-lo. Aristeves, por vezes, pode ser encontrado matando aula, conversando na cozinha ou mesmo com Ismeli, que, apesar de não mostrar, tem um enorme apreço por ele. Aristeves está lá, na escola, mais vezes do que imaginamos. Mas ele passa como qualquer outro menino. Feioso, por sua vez, irrompe.

Não para menos, o século XX produziu um tipo de feiura tão pouco preocupada com padrões estéticos – “o feio de hoje é sinal de grandes transformações por vir” (ECO, 2007, p. 365). Apesar de ser criado partindo de regras culturais, a feiura surgida aí compra brigas, enuncia incompetências, desastres. Haveria, talvez, uma feiura política, seja por efeito de denúncia social, seja em razão de provocações estéticas pouco convencionais.

E nossa política não é, em absoluto, a política da reforma.

Safatle (2018, p. 16) pontua que “o desejo anti-institucional, quando realmente liberado, pode criar poderes que voltam às mãos do povo, democracias que abandonam a representação para transferir a deliberação e a gestão para a imanência do povo”. O Comitê Invisível (2017, p. 94-95) diz, por sua vez, que, em uma lógica destituente, se luta “por uma deserção das relações de merda consigo mesmo, com os outros e com o mundo”. E, em meio a tudo isso – e com uma pegada mais negriana que o Comitê Invisível –, Alvim (2011, p. 97) vai destacar que a “criação tem como pré-condição uma forte recusa”. Recusa-se o mundo, destroem-se os palácios, mas para fazer os escombros e as ruínas

existirem por si mesmos, para criar, a partir dos sem-fundo (LAPOUJADE, 2016), uma praça aberta.

Aliada à resistência, a insurreição faz amizades.

Eis o terceiro postulado da feiura.

Voltemos rapidamente à cena de escola do Capital e interrompamo-la em dado momento. Tínhamos lá um grupo de meninos competindo em uma cusparada, entusiasmados com três segundos de conquista. Um ganha, o outro que chegou bem perto se irrita; o terceiro chora por não conseguir juntar saliva e o último se diz indiferente a tudo isso, ainda que tente cuspir toda vez que o jogo recomeça. Se conseguirmos olhar a cena completa, ainda veremos que esses quatro meninos estão, de modo incompreensível, tentando conquistar a mocinha simpática se remoendo de nojo ou rolando de rir da estupidez alheia. Todos sabemos que ela é esperta e já beijou todos eles – e mais uma penca – prometendo-lhes, quem sabe, o direito de outro beijo. Essa é a cena do controle capitalístico ilustrado na escola. Coisa boba. Verifica-se de tudo um pouco: a moça bela, as subjetividades individualistas, as tecnologias pré-verbais fazendo o trabalho delas, a lógica de gozo curto *versus* gozo demorado, a traição, a heterossexualidade compulsória, o consumo subjetivo... Enfim, um pouco de tudo encontramos numa cena tão breve. Todavia, se se insere nessa cena um corpo feio – Feioso, quiçá –, ela muda radicalmente. Feioso, ousou dizer, sairia direto para beijar a mocinha. Se realmente conseguissem convencê-lo a jogar sob aquelas estúpidas regras, ele provavelmente se juntaria com um e outro até dar certo. Ou simplesmente aceitaria que nada disso dá certo e riria de si loucamente.

Sob a presença jocosa e insurrecta do corpo feio, a mocinha não teme revelar-se punk ou puta e dar a melhor das cusparadas. Quando a competição pelo corpo feminino não é mais obrigatória, talvez dois dos meninos comecem uma pegação própria, às claras. Talvez até dois deles continuem a cuspir, ainda que só por brincar, enquanto a boca esganiçada do Feioso ri de tudo.

As possibilidades são infinitas, mas, certamente, ele não precisaria encher-se de um ego enfadonho para galantear para os outros, enquanto fingia galantear para a menina. No lugar do galanteio, a feiura produz relações de proximidade.

Diante de uma carta enviada por um amigo, Deleuze (2013b) ri da acusação esdrúxula de que ele queria apenas ser o *diferentão*. Disseram-lhe que ele não cortava as unhas pelo simples desejo de não ser igual. Tão ridícula tal premissa que Deleuze lhe mandou uma carta danada dando outros milhares de causas para as unhas grandes, todas

tão loucas quanto aquela. Ele não expressou, em nenhum momento, a soberba destruição do outro capitalística. Antes, fez conluio com a denúncia, afirmando não uma humildade demasiado estimada, mas uma capacidade de rir de si mesmo que sobrepõe à necessidade de estar sempre certo.

O feio é tão danoso para o individualismo, que mesmo um toque pode levar um corpo ao desespero e criar as mais desordeiras cenas. Anael, em seu medo de contato-contágio, descobre que uma mão feia em sua cabeça o coloca apenas diante do que seu medo verdadeiramente é: uma paranoia capitalística funcional apenas para evitar que os corpos se contaiem de vida.

Bem verdade que ainda é possível manter certa competição entre feios, mas, por vezes, o estereótipo da autossuficiência é rompido.

N'algumas vezes, lembramos sermos dependentes uns dos outros. Feioso deixa bem claro que contava com o Saci para se lembrar da prova, assim como, em sua memória, deixa de agir apenas por si para ensinar ao amigo como jogar bola.

Na biologia, esse afeto que se manifesta pelo diferente a ponto de criar relação de cuidado e implicância foi chamado por Nikolaas Tinbergen de *tendência supernormal* (MASSUMI, 2017). Na biologia, esse conceito é explicado com o exemplo do filhote de cuco colocado em um ninho, mas, aqui, claramente podemos dizer do filhote de cuco – Feioso – que coloca a si mesmo em contato com outros filhotes de pássaro para se ensinarem mutuamente. Talvez, como Massumi (ibid., p. 38) destaca, seja preciso reconhecer “que os movimentos instintivos são animados por uma tendência a superar as formas dadas, movidos por um ímpeto à criatividade”.

Ou seja, talvez precisemos reconhecer que a feiura atrai outras feiuras, ou, de modo ainda mais peculiar, produz feiura onde antes aparentava haver só belezas. Diz-se que uma moça bonita anda com uma amiga feia para se fazer mais bonita; ao contrário, a bela moça de *King Kong* anda com a besta para não precisar estar sempre certa, sempre sob controle. E, no lugar de competirem fatalmente entre si, passam a vivenciar, juntos, experiências infinitas de vida passível de ser vivida na mutualidade.

No limite, onde a amizade se cria, surge a vagabundagem como condição.

Eis o quarto e último postulado.

Nos contextos capitalísticos em que tudo deve ser funcional, pausas inoperantes são vistas com péssimos olhos (ROSEIRO; SILVA, 2018) e, por isso mesmo, são da ordem da feiura.

Vivendo uma era em que o controle sobre o corpo é acessível a todos e largamente difundido como desejável, os corpos vagabundos – inoperantes, desocupados, despreocupados – são apontados a torto e a direito como preguiçosos, como improdutivos (SANT’ANNA, 2014, 2011), como corpos inócuos e apáticos.

Bastar-lhes-ia apenas um toque de dedicação e boa vontade para serem, ao menos, reconhecidos.

A feiura vagabunda é do tipo de feiura que se ocupa em não dar continuidade às operações demasiado lucrativas à maquinaria Capital. Sabemos, logicamente, que, quando até o ar foi capitalizado, é impossível acreditar haver qualquer coisa improdutiva, mas gostamos da ilusão desse termo, gostamos da possibilidade de, pelo menos, fazer uma engrenagem do maquinário girar mais devagar ou criar um curto-circuito rápido.

Isso é algo que qualquer feio – estético ou político – sabe muito bem fazer: contrariar as rocas e as engrenagens. E, quando possível, talhar nelas uma armadilha ou outra para trair, aos poucos, a malandragem capitalística. Afinal, como João Antônio (2009, p. 153) lembra, é imperdoável o malandro orgulhoso, o malandro que se desfaz das amizades. “Malandro ganhar vinte contos, não dar mimo a ninguém, não distribuir as estias! Que malandro era esse? Aquilo era um safado precisando de lição!”.

Em 1947, Fernand Deligny (2018) publica um livro maravilhoso intitulado *Os vagabundos eficazes* em que faz um relato sobre seu período como diretor de um instituto de educação-correção de jovens. E, para que não restem dúvidas, Deligny acusa largamente seus alunos de serem vagabundos que ora fogem do trabalho, por isso aparecem à sua porta, ora fazem fanfarra pelas ruas, por isso são impedidos de fazer figuras públicas.

Em resposta, os alunos apontam-no como o maior dos crápulas.

Seja como for, Deligny mostra-nos, em seu trabalho, justamente o quanto a vagabundagem é indecorosa, e, por isso mesmo, feia até seu último fio de cabelo. O corpo-vagabundo é da ordem da delinquência, da insensatez, mantendo, em suas ações, o máximo possível do deboche.

Para se proteger da polícia e da prisão por reincidência, os meninos do Centro que iam à cidade levavam no bolso uma permissão devidamente datada e carimbada. Com essa permissão, exibida em qualquer ocasião, tentavam conseguir meia-entrada no cinema, dar voltas gratuitas nos carrosséis das feiras, não pagar o bonde, evitar fila nos guichês da estação de trem. E eles eram tão persuasivos, em sua alegria elementar



de estar “em ordem” na participação de um grupo, que a extravagância do oportunismo encontrava pouca resistência (DELIGNY, 2018, p. 67).

A vagabundagem diz, portanto, de um corpo que se sabe em jogo e, por isso mesmo, faz usos das forças para questionar a ordem, para se passar por desinteressado, corpo distante. A vagabundagem faz juras de amor às inquietações, às perguntas que não permitem respostas pré-fabricadas.

Em um navio pirata no oriente, talvez pudéssemos observar a vagabundagem ganhar sua forma mais singela em um sorriso totalmente errado: um sorriso que se estica demais, faz barulho demais e, ainda por cima, faz o barulho errado. *Shi shi shi shi shi*, ri o pirata a bordo<sup>9</sup>. Ainda assim, é uma risada marota que conquista amizades e faz guerra contra todos os imperadores do mar, contra o céu e a polícia; uma risada que, de quando em vez, coloca outros em perigo apenas para serem obrigados, juntos, a pensar em alternativas.

Aliada à insurreição, resistência e amizade, a vagabundagem junta quatro vezes para dizer: *Juro solenemente não fazer nada de bom* (ROWLING, 2000).

Ora, é exatamente esse movimento indecoroso e debochado, sorridente e companheiro que o corpo-feio se vale para enfrentar as situações em que as regras lhe são contraproducentes. A feiura vagabundeia e cria para si tempo de encontros, estratégias insurrecionais, mapas inventivos. Em uma lentidão criadora, a feiura não bate continência, antes dá no pé diante de qualquer organela libidinal.

Porque sempre acompanhada, a sem-vergonhice do corpo-feio sai em debandada.

Em miúdos: a feiura é tão criativa quanto os agenciamentos exigem dela um controle. Se lhe exigem beleza, ela responde na vagabundagem; se lhe querem controlada, ela se insurreciona; se lhe rogam para tomarem conta de si, ela chama pelas amizades; se se deseja seu fim, ela resiste.

Eis, simplesmente, o insulto da feiura.

---

<sup>9</sup> O pirata em questão é Monkey D. Luffy, personagem criado por Oda Eiichiro em julho de 1997. Por não trabalhar com um volume específico, não foi feita a referência.



Título: *Cusparadas: gozo interrompido* (acrílica).



Título: *Cusparadas: a mocinha à espera do cuspe* (acrílica).





Título: *Cusparadas: cuspida jocosa* (acrílica).



Título: *Três ensaios sobre uma cusparada* (acrílica).



### **[post scriptum da feiura]**

**PS1.** Evite deixar-se usar de sua feiura para virar artífice comparatório da beleza d'outro. “Um certo Durandean percebe que, quando se vê passeando juntas duas mulheres das quais uma é visivelmente feia, todos, por contraste, acham a outra mais bonita. Decide, então, fazer um *comércio de feiura*” (ECO, 2007, p. 293).

**PS2.** Toda feiura pode, sem exceção, ascender ao patamar de vanguarda. Proíba-se isso.

**PS3.** Não seja o *bom feio*, o feio adereço. Faça da feiura uma vida a se espriar.

**PS4.** Na feiura, nunca perca a força da violência contra o presente.



## [escola de gente feia, parte 2]

Talvez devêssemos partir do princípio de que, como Ismeli ressalta, existem *escolas de gente feia*. E, por mais estranha que essa afirmação possa parecer, ela não é, de maneira alguma, leviana.

A afirmação de *escola de gente feia*, antes de implicar valores estéticos, diz de escolas que não se limitam a tentar controlar os insultos da feiura. Logicamente, não dizemos com isso não haver nenhuma maquinação capitalística ou sequer que, dentro desses espaços, a vida não encontra tecidos organizadores. Não é questão de apontar para a escola como um magnífico corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

Não, a questão é mais se reconhecer como espaço de luta.

A escola nunca é ponto de passividades.

Em 2015, Carvalho e Roseiro (2015) fizeram uma provocação para pensar o quanto os corpos estudantis invadem os dispositivos de controle. Na escrita dos autores, enxerga-se uma vida fugidia e não apenas uma vida nua, com vivacidade o suficiente para fazer os operários do controle disfarçarem sorrisos e fazerem vista grossa para as interrupções maquínicas operadas pelos alunos e alunas alvo dos poderosos espaços estriados. Isto é, ainda que lhes peçam sossego, que lhes exijam uma vida alunada, também professoras e professores se dão conta da própria maquinaria que os abarca e os consome.

Se voltamos ao Deligny e a seus vagabundos transeuntes, vamos encontrar essa mesma premissa: o diretor do centro, ao invés de preferir professores bem-formados, instruídos nas mais finas artes, optava pelos operários, pelos jovens que nada tinham a



oferecer, pelos indigentes refugiados de guerra. No prefácio escrito em 1970 para o livro do Deligny, Émile Copfermann (2018, p. 133) anunciava:

Nossos educadores não eram educadores de verdade. Fugidos dos esgotos do gueto de Varsóvia, judeus alemães e intelectuais sem identidade, como nós esperavam o retorno à normalidade para se misturar com os outros. Quanto a nós, gostávamos muito deles. Não nos ensinavam nada ou bem pouco.

A questão, como Deleuze e Guattari (2012) lembram, não é nos livrarmos das organelas – professoras e professores demasiado diplomados bem-intencionados –, mas do organismo, dessa máquina que envia códigos às máquinas menores, exigindo-lhes cortes, fluxos. É preciso fazer a paranoia controladora cacarejar anunciado seus ovos, mas, ao mesmo tempo, dar-lhe o golpe de não ter nenhum ovo sob suas penas.

E, por isso mesmo, a própria escola, vendo-se girar sem muito controle, abre mão – em parte – dos controles que se esperam dela.

A campanha eleitoral dos presidencialistas em 2018 evidenciou, de modo peculiar, a força política da escola como nenhum outro presidente fez antes. A escola – e a educação em geral – sempre foi bem “visada” por nossos governantes. Todavia, foi durante esse processo que o obscurantismo se voltou, sem piedade, para a escola, envolvendo a todos os corpos transeuntes daquele espaço. Ao final de 28 de outubro, data do segundo turno, uma deputada do PSL (Partido Social Liberal) incitou alunos de todo o país a gravar as aulas de seus professores porque aquele seria o momento de provar a doutrinação realizada nas escolas. “Amanhã é o dia em que os professores e doutrinadores estarão inconformados e revoltados”, dizia ela em seu convite (ESTADÃO, 2018).

A campanha do presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, foi exatamente em cima desse discurso: *precisamos nos livrar dessa ameaça comunista que paira sobre nosso país*<sup>10</sup> (VEJA, 2018). E, para os que pensavam nisso apenas como falácia, bastou que o dia primeiro de janeiro chegasse para que todas as ameaças fossem reafirmadas: em sua posse, o presidente eleito lembrou as esquerdas e suas ideologias perigosas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Afinal, como Galeano (2013, p. 82) destacou, a internalização do inimigo público é sempre reavivada pelo risco comunista. As forças armadas foram

---

<sup>10</sup> É importante ressaltar nesse discurso a presença nefasta das bancadas evangélicas conservadoras. O Projeto de Lei 867/2015, conhecido como “Programa Escola Sem Partido”, teve grande repercussão entre conservadores. No estado do Espírito Santo, é o vereador Davi Esmael, do PSB (Partido Socialista Brasileiro), o responsável pela inserção dos ideais da Escola Sem Partido no sistema de ensino da rede municipal de Vitória via Projeto de Lei 225/2017 (VITÓRIA, 2018).



ensinadas “a se ocupar do *inimigo interno*, [d]a subversão guerrilheira e suas múltiplas incubadoras, porque assim o exigia a defesa do mundo livre e da ordem democrática”.

Para quem não lembra, o mundo livre, como o cinema hollywoodiano ensina com maestria, é a figura dos Estados Unidos da América. Lá sempre reside o “líder do mundo livre”.

Daí, então, a necessidade de se livrar das esquerdas, das insurreições, das desobediências militares e econômicas, e, por isso, o retorno às narrativas do monstro comunista comedor de criancinhas.

A esperança era que, diante dessa liberdade de filmagem e de denúncia, alunas e alunos de todo o país gravassem suas aulas ideologicamente comunistas, que delatassem os doutrinadores de prontidão, que acabassem com a ameaça comunista pairando sobre o país. Curiosamente, nenhum de nós foi capturado. A deputada, por sua vez, respondeu legalmente por seus atos.

Rimos descaradamente dos tolos que acreditam termos doutrinado alguém em salas de aula. A direita psicopática ainda não entendeu que há sempre resistências. Não doutrinamos nossas alunas e alunos, e, todavia, algo é inegável: os afetos produzidos dentro de uma escola são muito mais fortes do que essa deputada ou o presidente eleito são capazes de compreender.

Não fomos capazes de criar um exército comunista. Mas os afetos estão ali, os corpos preparados para lutar. Nessa cena, ganhamos todos um par extra de mãos, de abraços, de laços. Diante da ameaça tão declarada às esquerdas, lembramos de ver o marxista, o negriano, o foucaultiano, o savianista, o freiriano e todos os outros como aliados, como corpos tão insultosos quanto os nossos. “Ninguém solta a mão de ninguém” virou um princípio autocrítico, um lembrete de outros corpos que se colocam conosco em batalha.

Não conseguimos os monstros comunistas, mas temos muitos laços ao redor.

Uma escola de gente feia requer esse mínimo cuidado autocrítico.

A cena de Aristeves e Josélia em sala é digna dessa leitura crítica do controle exacerbado espalhado pelas escolas. Josélia nunca recebeu um apelido, muito embora todo e qualquer aluno tenha essa tendência louca a implicar com professores, dar-lhes apelidos e rir deles. Mas não Josélia. Imagem do controle, aquela mulher possivelmente poderia acalmar uma guerra ocorrendo em sala. E, todavia, quando diante da feiura de um corpo, não se comporta como uma figura militar, antes, aviva-se com fulgor e responde às implicâncias do Feioso como quem quer lembrar-se jovem novamente.

Josélia teme envelhecer, por isso, diante de qualquer corpo extrapolando juventudes, ela se vale do que vaza.

Antes de uma destruição indiferente do outro, nessa escola preocupada com a vida “está latente a necessidade de construção de uma vida comum” (CARVALHO, 2009, p. 146), isto é, um comum que “seja entendido como proliferação de atividades criativas, relações ou formas associativas diferentes” (ibidem, p. 162).

Se Eduardo Galeano (2013) evoca um *mundo avesso* para fazerem sentido as atrocidades anunciadas nos jornais do final do século XX, evocar um plano de imanência na qual o comum se faça o desejo primeiro é nada menos que apostar nos corpos enquanto força de vida. Se a escola do mundo avesso “nos ensina a padecer a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer o passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo” (GALEANO, 2013, p. 8), na escola de gente feia, fazemos tudo errado apenas por implicância.

Talvez, se nos aproximássemos mais da Josélia, acabássemos percebendo que ela, na verdade, é uma das professoras mais politizadas e mais pega no pé de suas turmas, para que eles tomem dianteira nos movimentos estudantis, nas manifestações, na afirmação e explicação de suas decisões.

Ela pode ser velha e, decididamente, pode ser brava. Sua braveza, entretanto, talvez não seja sinal de quem segue ordens militarmente. Quiçá vemos nela a braveza de quem está acostumada a lutar pela sobrevivência. Afinal, 25 anos numa mesma escola que afirma, desavergonhadamente, ser uma escola de gente feia não é um compromisso fajuto.

Josélia não apenas deve carregar traços geneticamente feios. Devem existir feiuras imanentes a ela em seu andar, seu olhar, seus afetos. No mínimo, é preciso partilhar aí de alguns conluíus.

Os graus de feiura de um corpo variam infinitamente.

Na feiura, a ordem comparatória não é necessária. Deveras, há, sim, tentativas de criar graus de comparação. A cena oscilante da violência no campo de pesquisa é sempre um risco à feiura: feiura apaixonada pelo poder. Mas a feiura, extremamente inquieta, tem esse apreço por estar na pior, e, se tentam lhe fazer competir pelo pior lugar, traça linha errática e faz amizade com o corpo mais feio. Partilham feiuras.

E talvez seja justamente por esse excesso de atividade afetiva, por esse excesso de vida é que as lógicas embelezantes, por serem destruidoras de mundos, fazem

cafetinagem com os corpos. Precisam seduzir-nos, precisam que fiquemos sob o feitiço da seguridade e, ao mesmo tempo, sob o torpor da paranoia (ROLNIK, 2018).

Querem que desconfiemos de tudo e de todos, para que, de algum modo, vejamos nesse outro – o belo corpo – a estabilidade de uma vida justa. Eis o motivo de, em plena era das tentativas de controle total de nossas capacidades cognitivas, a beleza, a aparência e o autocuidado estético emergirem em um documento autodeclarado como a *base* para a educação nacional.

Essa perspectiva quase cômica de pensar o corpo não nos diz de forças intoleráveis ou de um regime estético reinante. Claro, como Denise Bernuzzi Sant’Anna (2014, 2016), Georges Vigarello (2006) e a própria Virginie Despentes (2016) salientam, vivemos, sim, uma época em que todas as imagens que circulam na sociedade nos intimam à vida de modo a pagar com nosso próprio embelezamento. “Só é feio quem quer”, dizia uma propaganda analisada por Denise Sant’Anna (2014). Ou, ainda, só é feio quem é muito burro! Afinal, há um barateamento escancarado dos produtos cosméticos, há um enriquecimento estético dos produtos diários da vida, há um alargamento amplo das redes médico-estéticas (VIGARELLO, 2006; SANT’ANNA, 2014, 2016). A moça bela serve, como Despentes viu a partir do filme *King Kong*, como a armadilha da feiura, a armadilha da monstruosidade.

Ainda assim, antes de vermos as políticas intoleráveis da beleza cafetina, vemos o *medo* delas.

A Base Nacional Comum Curricular é *apenas* um documento.

Se é verdade que, uma vez homologada, altera radicalmente os livros didáticos, as formações de professores, os conteúdos disciplinares e tudo o mais o que conseguimos pensar, também é evidente o desespero político para garantir esse controle como princípio básico. Michel Foucault (2014a) destacou o caráter da *positividade* do poder para que esse viesse a conseguir estabelecer-se com primazia. Todavia, ao fazer isso, também faz o devido alarde ao medo dos mecanismos de poder. Se não fossem essas desordens instaladas em partes aleatórias pelas cidades – e, em nosso caso, pelas escolas –, as relações de poder poderiam ser unicamente repressivas, como tanto insistem em nos fazer acreditar. Essa estratégia marca, com precisão, o ponto fraco do controle corpóreo. Como diria Foucault (2014b), diante de nossos olhos, uma estratégia sem sujeito<sup>11</sup> articula a

---

<sup>11</sup> O conceito de estratégia sem sujeito é um conceito que Foucault utiliza apenas em uma entrevista em particular, na qual o autor atribui ao conceito de dispositivo a ideia de uma multiplicação infinita e, ao mesmo tempo, ínfima. Se o dispositivo é um conjunto heterogêneo de elementos que se entrelaçam

beleza com o rosto, faz o corpo embelezar-se a ponto de assumir identidades e rejeitar a multidão incomparável de diferenças.

Os dispositivos de governança temem as escolas por sermos esse espaço em que os mais infinitos corpos entram em contato uns com os outros. Na escola entra o pobre, o preto, a gorda, o viado, o *bi*, a travesti, a menina certinha, o vagabundo, a professora entusiástica, a professora secular... tudo é imagem de escola, todos os corpos compõem esse plano de imanência. E, se não nos restar a sede competitiva e uma fastuosa paixão por nós vemos, veremos noutros corpos pontos de contágio, forças insultuosas.

Porque a feiura, decerto, faz isso.

Se Roseiro, Rodrigues e Alvim (2018) diziam que a beleza se torna um grande agenciamento maquínico de servidão imensurável, dizemos, antes, haver uma infinidade de forças que deslocam os corpos em direção ao incomparável. *Embelezar-se* implica, sob a lógica do controle, saltar aos olhos do outro de modo a lhe amortecer os juízos.

Insultar, então, o capital é trabalho dos corpos.

Ao contrário do que dizia o Foucault da disciplina, não somos corpos dóceis. Como Davis Alvim (2018) vocifera em um auditório, as filosofias da educação raramente dão conta de pensar a educação porque, enfaticamente, elas tendem a ignorar os clamores estudantis, tendem a ignorar os corpos e os afetos dos estudantes.

Feioso – vulgo, Aristeves – não está só nessa empreitada.

Nos últimos anos, somos lembrados de escolas com muito mais vida que o controle gostaria de admitir. E a tudo fazem para tornar o corpo insultuoso das escolas um corpo de alto grau de periculosidade social. Nos termos de Galeano (2013), há uma *democratização do delito*. Curiosamente, o delito cai, sempre, sobre o pobre, o politizado, o feio, o desocupado.

Em muitos períodos da história da arte, o bom era o belo e o feio era ruim. No mundo artístico, isso vem sendo quebrado em frangalhos desde a industrialização do mundo (ECO, 2007).

Todavia, essa ainda é uma imagem que o Capital vende aos corpos.

---

continuamente para atender às urgências dos grupos que ativam e/ou desativam os dispositivos, a estratégia sem sujeito corresponderia a um modo de fazer com que o dispositivo se tornasse imperceptível. Poderíamos citar, na temática que estudamos, o barateamento e a popularização de revistas de moda/casa em um lado e a multiplicação em massa de programas televisivos para crianças. Aparentemente, entre eles não há nenhuma ligação direta, contudo basta que se enxergue o dispositivo de um embelezamento capitalístico para sermos capazes de não apenas estabelecer as devidas ligações como também de notar outros elementos infinitos na trama desse dispositivo.

Apesar de nossa insistência até aqui em delegar ao feio um lugar não estético, é também possível falar da feiura ligada aos valores estéticos. Todavia, corpos indisciplinados irrevogavelmente caem também no lugar de uma feiura moral-patológica. A delinquência democratizada cai, quase majoritariamente, sobre o corpo feio. Não mais acreditamos na lógica que imperava com Oscar Wilde em *Dorian Gray* que a feiura da alma deixa no corpo traços de sua brutalidade, porém, a qualquer sinal estético de feiura, desconfiamos piamente. Na coordenação, um dos discursos mais rasteiros é a alegação da beleza que, por algum motivo, deveria acalmar alunas e alunos. “Minha linda” e “meu lindo” viram tentativas de desarmar a postura combativa no interior das escolas.

O ideal comercial – *bom, bonito e barato* – passa a ser aplicado aos corpos tornados produtos. Não basta ser bonito, é preciso também ser bom e economicamente viável.

Não que isso nos assuste. Há muito sabemos disso.

Alvim (2017) lembra-nos movimentos estudantis organizados, ocupações de espaços escolares para a transformação horizontalizada das atividades curriculares. Fora da vista controladora, portões fechados, alunas e alunos assistiam a filmes, faziam vídeos, abraçavam-se, contavam histórias, faziam relatos, invertiam papéis curriculares sedimentados. Em acordos estudantis, mesmo os corpos mais indecorosos traçam linhas afetivas que superam, em muito, as hierarquias.

É que eles estão cansados de carregar um fardo há muito já incompreensível.

A feiura insultuosa é real, mas não fechada aos afetos, ao sensível.

As histórias fabuladas com os corpos discentes, se nada mais fizerem, mostrarão exatamente o quanto os corpos nunca fazem insurreições *solo*, nunca insultam de modo recatado ou tímido. Aristeves, apesar de uma força da feiura, não é capaz de provocar corpos inertes, corpos inaptos aos afetos. O que ele faz, na verdade, é justamente isso: fazerem gritar os afetos. E ele jamais faz isso sozinho. Ao seu lado há sempre um Saci, uma Ismeli, uma Josélia, uma Idril, um Anael. Muito se engana quem pensa que apenas o Saci – fiel escudeiro – é quem se lança nas aventuras da feiura; nesse jogo, Ismeli é jogadora tão ávida quanto o menino de cabelos azuis. É Ismeli, coordenadora, quem escancara a escola em sua face mais provocadora. É Josélia, em jogo com Feioso, que provoca na turma controlada risadas ensurdecedoras. É Anael, temeroso de todos os afetos, que se surpreende com qualquer contato mínimo e, por isso mesmo, escancara-se para cada onda afetiva provocada sobre sua pele.

Idril e Saci são apenas dois corpos mais próximos às infestações insultuosas do Feioso. Os dois, por vezes, são apenas pontes de passagem entre as insurreições e os corpos. Afinal, não importa quais corpos se lancem na insurreição contra o Capital, mas importa que *haja* corpos.

Se olhamos os corpos dessa escola de gente feia, vemos, em cada corpo, um insulto se insinuando. Vemos uma Idril aparentemente dócil, mas que, estranhamente, se apaixona por um corpo indômito. Não é questão de controlá-lo, apesar do que a teoria King Kong possa dizer; também não é o risco antropoedipiano de apaixonar-se pelo poder. Não. Idril, diante daquele corpo magricelo e com ares de desonesto, apaixona-se por uma certa liberdade. Com Feioso, Idril se nutre contra uma *anemia vital* (ROLNIK, 2018) que lhe exaure de sua própria vida para viver o corpo dos outros. Vemos Saci, que, temeroso de sua pretensa inutilidade, aprende a fazer de cada contato seu uma explosão afetiva. Mas mal sabe ele que, justamente por ser inútil, é que seus contágios são leves, fáceis, cambiáveis aos corpos desejosos de vida.

Talvez os três devessem organizar-se mais politicamente, talvez pudessem compor, junto a outros estudantes, grêmios estudantis, ser representantes de turma. Porém, a tudo isso descartam. Não lhes interessa. Antes, preferem multiplicar escutas quando essas não são muito bem-vindas.

Aí, talvez pudesse fazer nosso olhar enviesado para as lógicas curriculares.

Aristeves, sempre presente na escola, não é o tipo de aluno que deixa baixo qualquer coisa. Apesar de uma aparente estática, de uma falsa indiferença, o corpo dele transita por entre a escola sempre pronto para espalhar o que querem em todos nós combater: a feiura enquanto insulto.

Nos jogos curriculares, as tentativas de banimento vinda de professoras e professores não são poucas. Todavia, ainda assim, o corpo dele transita indecoroso com todos os olhares rancorosos que lhe deitam. “Josélia, minha querida, sentiu minha falta?”, pergunta ele toda vez que entra na aula da professora. Ela, velha conhecida dele, dá-lhe uma resposta sempre tão indevida quanto o sorriso do próprio menino. Mas os dois não se detestam. Há, inclusive, boatos de que já tenham se *pegado*. A bem da verdade, tem uma boa chance de eles se gostarem, embora, na maioria das vezes, eles estejam em lugares muito diferentes nos jogos curriculares para concordar um com o outro.

Ambos se desentendem frequentemente, mas, ao invés de sangue, aumentam-se os afetos entre eles e ao redor. Cada vez que Feioso invade a sala, o risco de uma derrota

curricular de Josélia é grande e, ainda que isso aconteça, eles se bicam, se entrosam, dão continuidade às lógicas curriculares não controladoras.

Brota, entre eles, um comunismo do desejo curricular (CARVALHO, 2015) que rompe com códigos relativamente estáveis. Suas conversas podem ser ácidas e, às vezes, parecer discussões, mas há uma certa *ginga* cruzando os corpos.

A professora não ri de suas ousadias, mas a bronca também nunca chega.

Reconhecimento mútuo entre exímios jogadores curriculares.

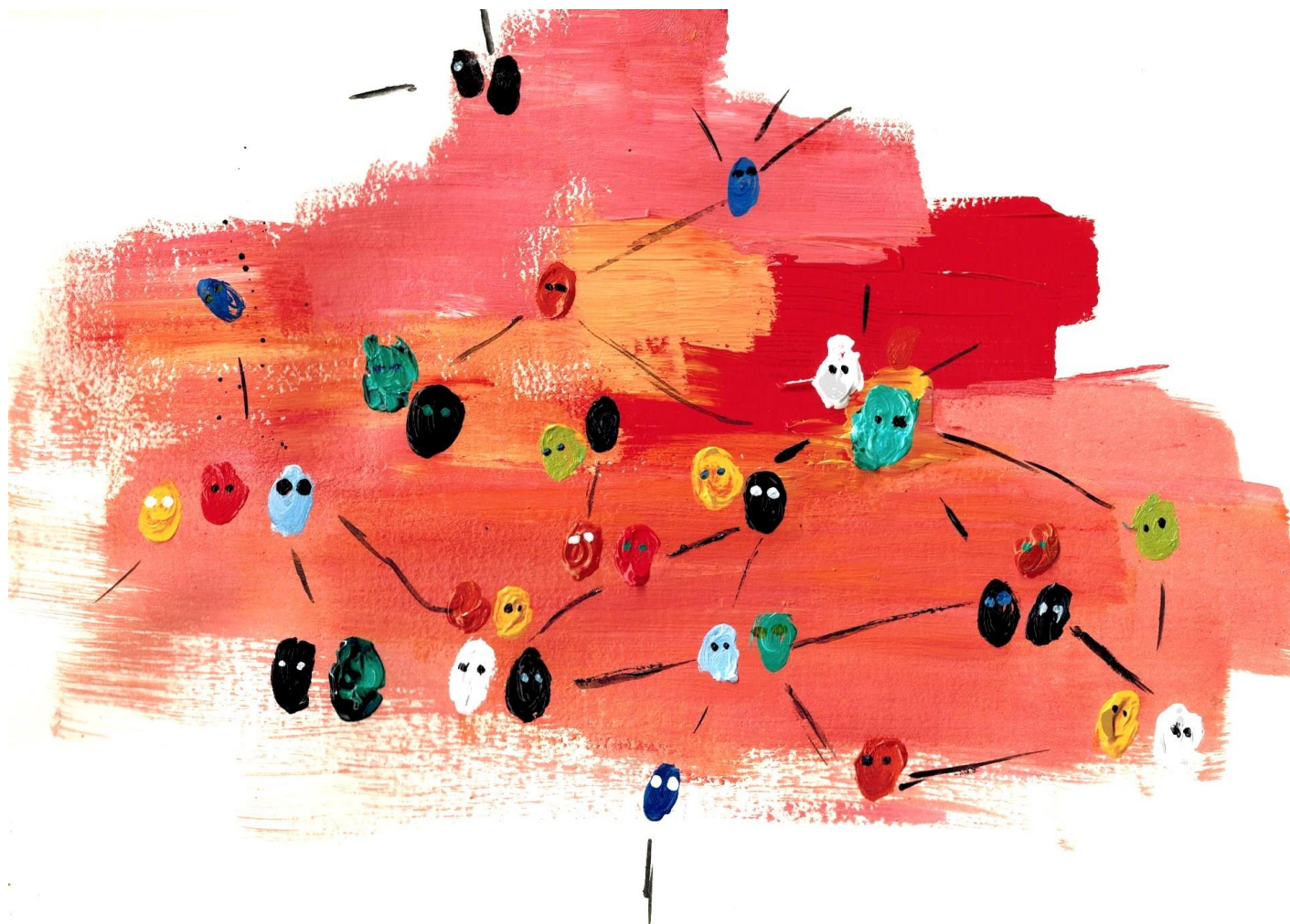


Título: *Escola de gente feia* (acrílica).





Título: *A ameaça comunista* (acrílica).



Título: *Ninguém solta a mão de ninguém* (acrílica).

## **JANEIRO DE 2019**

O presidente eleito assumiu e, em uma das suas primeiras ações, declarou publicamente seu ódio à escola, anunciando a caça ao “lixo marxista” e prometendo ao país as escolas cívico-militares como modelo de inspiração para todas as entidades federativas via Decreto 9.465, de 2019. Em janeiro de 2019, vivemos o presente como nunca antes. É hora do combate: ninguém solta a mão de ninguém.



## [fabulate ergo sum]

Começemos com uma citação: “Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa” (DELEUZE, 2011, p. 12-13). E, como Deleuze, logo em seguida, destaca, os personagens, decerto, são facilmente “individuados, e não são imprecisos nem gerais”, mas, uma vez criados, não são, de modo algum, um *eu* porque jamais podemos criar o verbo da primeira pessoa do singular no outro. Por mais que nos esforcemos para lhe fazer falar em primeira pessoa, o personagem, porque criado, fala sempre pelo menos sempre com mais uma voz. Por isso Deleuze diz, tão claramente, que o excesso de realidade ou de imaginação não passa de uma muito bem estruturada relação edipianizada, em que papai ou mamãe aparecerão, no fim, para salvar, para sobrecodificar os desejos e fazer valer a estrutura: quem nada deve ao real, já fugiu há muito de suas potências; quem nada quer com a invenção, com as fábulas, sequer imagina ser possível viver. Daí que, sem qualquer enrolação, a fabulação é possível apenas se pensada em um modo de resistir e de dar a ver as resistências, as insurreições, as amizades e as vagabundagens. Todavia, é preciso nos demorarmos um pouco nalguns pontos.

\*

O volume 1 da edição brasileira de *Mil Platôs* ficou célebre em nosso país por seu primeiro platô, o texto primeiro escrito entre Deleuze e Guattari após a grande repercussão de *O Anti-Édipo*. *Rizoma* é decerto um texto emocionante e deixa para qualquer aventureiro uma sensação de dívida para consigo mesmo. Não é nenhum segredo que, ao nos aproximarmos dos estudos deleuzianos, o rizoma acabe por ser um dos conceitos mais peculiares e ao mesmo tempo um dos mais básicos para pensar em

qualquer abordagem teórico-epistemológica-metodológica. Sem qualquer drama, as cartografias da Suely só fazem sentido a partir do conceito de rizoma, de *mapa*, de conectividade. Silvio não conseguiria fazer aproximações de modo tão singelo entre a filosofia da diferença e a escola, se não fosse permuta contínua do rizoma no seu grito pela multiplicidade. Virgínia<sup>12</sup> e seu grupo também jamais conseguiriam escrever um guia de pistas se, em algum momento, Gilles e Félix não tivessem se digladiado para escrever esse que foi o primeiro de seus platôs.

Sim, *Rizoma* é um excelente texto e, disso, não é possível lhe tirar a razão.

Todavia, para os fins que aqui propomos, é o menos interessante. Muito mais peculiar tomar *Um só ou vários lobos?* e *10.000 a.C.*<sup>13</sup> como modos de começar a pensar a fabulação. Rizoma já falava muito, mas, estranhamente, é um *manual*. D-G estavam muito inspirados em sua escrita, decerto, mas chegaram a ponto de fazer o que lhes incomodava: escrever um *pas a pas* daquilo que lhes seria, de certo modo, a aposta estilística dos próximos textos que viriam a escrever juntos.

Porque, em suma, é isso que *Rizoma* é – apenas um prelúdio.

Lindo, mas, por algum motivo, preferimos o nome próprio que o Homem dos Lobos recebe. Preferimos justamente o texto em que um personagem é criado – ainda que roubado de Freud – e levado ao extremo da seriedade em que ele passa a ser cômico. “Quem ignora efetivamente que os lobos andam em matilha? Ninguém, exceto Freud. O que qualquer criança sabe, Freud não sabe” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 54).

O exercício de Deleuze e Guattari nesse platô, *Um só ou vários lobos?*, é justamente um exercício de fabulação. Ao inserirem um personagem – nesse caso em particular, personagem conceitual – em meio à escrita, eles não apenas fazem um personagem acompanhar a trama toda, como fazem a trama se revolver em torno dele. Não é que ele tenha feito ou dito ou presenciado todos os problemas, dilemas e questões da escrita deleuzo-guattariana, mas, simplesmente, *estava lá*. Afinal, lembremos, é ainda

---

<sup>12</sup> A utilização, aqui, do primeiro nome para os três autores – respectivamente, Suely Rolnik, Silvio Gallo e Virgínia Kastrup – é uma tentativa de não fazer referência a eles sem, contudo, não deixar de prestar as devidas reverências. Apostamos nisso como um duplo de nos aproximarmos dos autores para além de seus sobrenomes e, ao mesmo tempo, de não precisar recorrer a trabalhos pontuais e, conseqüentemente, não parecer que citamos apenas para encher referência.

<sup>13</sup> Apesar de não discutirmos aqui o platô *10.000 a.C.* – *A geologia da moral (quem a Terra pensa que é?)*, esse é outro texto pertinente para o exercício de fabulação que Deleuze e Guattari parecem tomar como aposta. Ao roubarem o personagem do professor Challenger de Connan Doyle, D-G tomam a Terra e suas estratificações como ponto de partida e de ruptura para fazer emergir uma dupla-pinça e um grito que apenas a fabulação é capaz de dar.



um *platô*<sup>14</sup>. Ele não precisa ser evocado a todo o momento, em todas as linhas e em cada página, mas, antes, sua presença *está lá*, é passível de ser evocada em qualquer momento. “Impossível separar, no Homem dos Lobos, o devir-lobo do sonho e a organização religiosa e militar das obsessões” (ibidem, p. 62). Do mesmo modo: impossível separar um pretense “conteúdo” da escrita de sua expressão, afinal, a “expressão deve arrastar o conteúdo” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 107). O pretense par binário decididamente é qualquer coisa menos isso. Não há conteúdo e expressão, mas, antes, expressões que nos arremetem a conteúdos tais; conteúdos exprimíveis sob tais e quais regras e possibilidades de expressão.

A questão na criação de um personagem quase nada importa pelo próprio personagem; quase nada importa por uma fraca – e talvez vã – tentativa de apenas fazer a escrita mais bonita, mais fluida. Não é o elogio da fluidez que cabe à fabulação, mas, antes, a força da resistência. Voltando a um ponto que nos é caro, caberia, no limiar, o elogio do *insulto*.

O Homem dos Lobos, personagem tão caro ao exercício fabulador, não nasce nem morre, não tem história edipiana (ainda que Freud tanto tente lhe forçar uma!) e sequer um fim trágico para acabar com os movimentos. “De certa maneira, a noção de fabulação assume em Deleuze um significado eminentemente contemporâneo. Ela vai associar-se ao intempestivo [...] como um insulto contra o presente” (CUNHA, 2014, p. 93).

*Rizoma* pode ser um hino ou um manifesto, mas é no *Um só ou vários lobos?* que D-G verdadeiramente se arriscam ao que se propõem. Ali o *eu* foge tanto quanto o guia técnico, o manual compromissado.

\*

Vamos, então, tomar a fabulação como uma abordagem metodológica, e não apenas um conceito ou uma escrita. E dizemos mesmo de uma abordagem metodológica e sem medo. *Método: fabulação*, aos modos do livro organizado por Regina Leite Garcia

---

<sup>14</sup> Deleuze e Guattari (2012) roubam de Bateson o platô e o definem como um pedaço de imanência, isto é, como um plano em que absolutamente tudo existe e é capaz de continuar a existir independentemente. Desse modo, não há platôs sobre algo (um platô sobre o vento, sobre o Homem dos Lobos, sobre um sanduíche, sobre currículo). Isso seria impensável. Antes, existem platôs em que esses mesmos componentes podem vir a ser intensidades puras, podem ser linhas marcantes atravessando o plano de imanência desses platôs. Por isso, jamais diríamos haver um platô sobre feiura; por isso, em absoluto, a história criada com as alunas e os alunos transitam tão erráticamente por cenas, territórios, tempos e desejos tão dispersos.

que, em 2003, lançava o livro *Método: pesquisa com o cotidiano*, ou aos modos de Deleuze/Bergson em *A intuição como método*. A fabulação enquanto conceito é maravilhosa, sem qualquer sombra de dúvida, e, como trabalhos recorrentemente insistem em lembrar, ela em muito se aproxima com o conceito de *literatura menor* de D-G. De certo modo, a fabulação enquanto conceito corre para qualquer lugar e, fatidicamente, acaba por perder um pouco de sua força. Bem aos modos da conversa entre Deleuze e Foucault (2013) no texto *Os intelectuais e o poder*, optamos por fazer da fabulação uma caixa de ferramenta. Daí por que sua instrumentalização. Talvez nos cobrassem alguma lista procedimental, contudo isso é inviável. Em muito já nos fere essa lógica de inserir, aqui, um agrupamento desorganizado de ideias sobre a tal fabulação. Far-nos-ia muito mais felizes apenas fazê-la e depois nada dizer sobre ela. “Fabulei com uns menino aí umas história. Taí”. Sejam, contudo, honestos: precisamos disso, ainda que minimamente, ainda que por uma questão de lembrança.

\*

Mas, afinal, a que se deve a *fabulação*?

Dissemos antes que o exercício fabulador acontece no presente e *contra* o presente. A fabulação é, a um só tempo, resistência e insurreição. É bem verdade, Gabriel Cunha (2014, p. 91-92) lembra, que o conceito de faculdade fabuladora é roubado de Bergson e nesse o conceito tinha tudo a ver com o passado, com o virtual e com a estruturação do presente. "Bergson via na faculdade fabuladora a mediação ou a transformação da experiência desarrazoada em cálculo político" capaz de estabilizar as virtualidades, sendo, ainda, "responsável por produzir um conjunto de ficções que trazem estabilidade para uma ordem social e identitária fechada a partir da difusão de uma moralidade exemplar". Ou, nos dizeres do próprio Bergson (2005, p. 100), “a ficção [efabulação/fabulação<sup>15</sup>], quando portadora de eficácia, é como uma alucinação nascente: é capaz de contrabalancear o juízo e o raciocínio”, isto é, a função fabuladora esteve, em tempos infinitos, ligada à função moralizadora. E, entretanto, mesmo em Bergson há, noutros momentos, uma retomada resistente na fabulação que a desloca da função conservadora das organizações sociais para situá-la ao lado da literatura e do teatro.

---

<sup>15</sup> A tradução aqui presente apresenta os termos *efabulação* e, em outras, a própria noção de *ficção*, embora, hoje, tomemos certo cuidado com o uso ambíguo de termos como *ficção* e *fabulação*.

Contra as verdades individuais e quaisquer tentativas de edificação e moralização das histórias ou das narrativas, a fabulação articula-se com o *falso*, com o fictício evocado por Foucault. Afirmamos, antes, a fabulação no lugar da “simultaneidade de presentes impossíveis, ou [d]a coexistência de passados não necessariamente verdadeiros” (DELEUZE, 2013a, p. 161). Ora, o que está em jogo na simultaneidade de presentes é, simplesmente, as relações não cronológicas, não orgânicas.

O “verídico” organiza os tempos de acordo com uma linearidade que não capta as virtualidades e os paradoxos. O falso da fabulação é, justamente, aquilo que paira sobre o tempo real – isto é, é o virtual convertendo-se em histórias, em cenas, em linguagens.

\*

Na fabulação, fazemos qualquer história grande virar algo pequeno e distribuimos em cenas de acordo com as possibilidades de estranhamento, insurreição, resistência, insultos. Na fabulação, a resistência é de ordem primeira e, imediatamente, é da ordem dos desarranjos cronológicos, de pessoalidade, de organicidade. Roubando de D-G, fazemos os estratos sumirem, mas, para não chamar muita atenção, criamos falsos estratos. “Imitem os estratos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 26), eles dizem.

Uma certa prudência necessária.

Na guerra contra o controle capitalístico, não basta que arranquemos todas as divisórias organizadoras. Não é questão apenas de remover todos os traços visíveis: história, pessoas, códigos, clichês. Félix Guattari (2016, p.109) adverte: “Não se trata de apagar o quadro completamente”.

A questão a ser colocada é a de como criar, com os elementos disponíveis, singularidades e planos de imanência. Faz-se ruir as divisórias das organelas, mas tem-se em mente que elas precisam ser recriadas para a passagem de intensidades.

\*

Assim, a fabulação se apresenta: não é uma questão de dizer que não importa quem fala ou de que não importa quando ou como é falado. É evidente que tudo isso importa. O ponto, entretanto, é que há possibilidades de deslize em que o tempo raramente importa, em que o corpo falante em questão pode ser confundido por um ou outro sem que muitos prejuízos sejam tomados. Na fabulação, o tempo pode dar voltas e encontrar



outros corpos para enfrentar o presente, para resistir às organizações. A narrativa fabuladora “quebra o sistema do julgamento” (DELEUZE, 2013a, p. 163), entrelaça o “real” e a “ficção” aos limites de manterem a mais coesa das conversas – “a personagem está sempre passando a fronteira entre o real e o fictício (a potência do falso, a função fabuladora)” (Ibidem, p. 186).

Diante do verdadeiro unificante, a fabulação – por rir debochadamente do corpo fixo, apático e demasiadamente “verdadeiro” – está sempre se modificando, está sempre a traçar virtualidades na imanência.

\*

Não nos iludamos: desde a campanha presidencial de 2018, vemos agigantar-se, para todos os lados, o risco fabulador que tanto assombrou Henri Bergson. A criação de histórias com teor moralizante, silenciador e setenciador parece nunca ter sido tão bem utilizada quanto agora. A campanha presidencial do candidato eleito até hoje não deu conta de responder à acusação de *fake news* financiada por caixa 2. A função fabuladora teve seu passado atrelado à criação de histórias apaziguantes e anti-insurrecionais e, aparentemente, esse uso está novamente em voga.

\*

– *Você estuda o corpo na escola e quer vir pesquisar aqui? Sério? Não tinha um lugar melhor lá perto do seu curso não?*

– *Mas por que eu tinha que ir para lá?*

– *Ah, sei lá, lá pelo menos você poderia ficar olhando professores gostosos, pais gostosos... às vezes até os alunos são gostosos mesmo, você sabe, né? Só pegar uns repetentes do nono ano ou ir para o ensino médio... mas aí com tudo isso para você olhar e você vem parar aqui? Nesse buraco?*

– *Mas eu não quero esses corpos perfeitos... eles não me interessam...*

– *O que? Então veio aqui porque a gente aqui é tudo feio mesmo?*

*Ergui bem as sobrancelhas para ela e concordei com a cabeça.*

– *Basicamente.*

*Não gastou nem 10 segundos.*

– Ahhhhhhhh! Por que não falou logo antes? Se você quer falar de gente feia, tô aqui, oh! Pode começar a me pesquisar!

\*

Talvez aí, justamente aí onde o corpo fabulado ri debochadamente, é que ela encontra um modo de ser praticada enquanto método, enquanto metodologia. Ali, no contágio do corpo feio, a mudança é brusca: não a ofensa, mas a amizade imediata. O corpo parece dizer “*Assim é melhor!*” Essa mudança brusca é justamente uma questão metodológica. Em Bergson o método depende substancialmente de saber fazer perguntas e, ainda por cima, perguntas cabíveis, lembra-nos Deleuze (2012). Todo método precisa conseguir elaborar as perguntas que criarão o tecido-pesquisante na imanência. No contato com a coordenadora declaradamente feia, a pesquisa livrou-se de certos receios. Enquanto ali nascia a *escola de gente feia*, nascia também um dos visíveis postulados da feiura: a amizade como regra. Refutando a pesquisa da lógica da falta, mesmo corpos terceiros se mostraram interessados. Bergson fala em termos de intuição e, portanto, de memória afetiva (MASSUMI, 2017) – criar um método requer superfície de contágio para com a imanência. Esse corpo, tão desejante da feiura, não faria o menor sentido em meio aos corpos de academia, aos corpos demasiado burgueses, aos corpos quase nada insurgentes.

\*

Noutros termos: tem como fabular no real?

Tentando fugir à arrogância da resposta imediata – (“só se fabula no real!”) –, o convite ao deboche talvez funcione justamente como catalisador de seu *modus operandi*. A fabulação enquanto conceito é certamente bergso-deleuziana, todavia, ali em Bergson, ela também já despontava enquanto um método de existir em vida. Há um processo de criação exercido “num nível pré-individual de impessoalidade onde a linguagem encontra a forma indefinida de uma terceira pessoa que desrespeita o capital acumulado da língua para forçar-lhe a tomar uma nova direção” (CUNHA, 2014, p. 51); há um processo de criação que em nada perde por se dissipar e rasgar as próprias condições de criação ou de, pelo menos, arranhá-las.

Enquanto conceito, a função fabuladora é deleuziana, todavia, enquanto método, ela se alimenta da capacidade de um corpo em rir, em debochar, em cair na gargalhada do acúmulo de absurdos, de certezas, de seguranças e de seriedade. Quão mais séria for uma situação, mais ela poderá rir copiosamente e sem parecer forçada. Maior será sua força fabuladora.

\*

Talvez por isso que, enquanto pensando nessa relação metodológica com a fabulação, Michel Foucault seja um nome que volta a nos assombrar. Não conseguimos dissociar Foucault de um riso escandaloso. Convenhamos, é possível ler *A vontade de saber* sem lançar altas gargalhadas? Ler seus cursos, como *Os Anormais*, e não se deparar com a graça das crianças masturbadoras que fugiam dos pais que, demasiadamente bem-intencionados, se deitavam em suas camas com os filhos para lhes segurar as mãos perigosas? É mesmo tão estranho assim rir do suplício? Da descrição longínqua e quase entediante (mas ainda cômica!) do panóptico em que o tom entediante é, claramente, proposital e proporcional ao riso? É mesmo tão importante manter-se sério e concordante, sério e reticente quando Foucault fala, tão séria, das limpezas das ruas públicas francesas?

Daí por que Foucault é também uma ferramenta metodológica imprescindível à fabulação. De modo algum, ele falou sobre fabulação, bem verdade. Mas jamais poderíamos dizer, contudo, que ele nunca falou da potência do falso. Está ali, em todos os seus trabalhos, desde o curso inaugural em *A ordem do discurso*, desde sua fase comumente chamada de “arqueológica”: Foucault contamina qualquer formação discursiva com o que ela produz de real, deixando em evidência aquilo que ela toma por impensável. “[...] tenho consciência de que sempre escrevi somente ficções”, disse Foucault (2014, p. 43) em uma entrevista para *La Quinzaine Littéraire* em 1977. E, quando Foucault fala isso, ele diz justamente dessa necessidade que urge no real e contra o real. “Parece-me que há possibilidade de fazer trabalhar a ficção na verdade, de induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção, e provocar, de algum modo, que o discurso de verdade suscite, fabrique alguma coisa que ainda não existe, que, então, ‘ficione’” (ibidem).

Adoram dizer que Foucault abandona o sujeito, mata o corpo e relega sua vitalidade até sua “fase” ética nos seus dois últimos trabalhos publicados como obras.

Discordamos facilmente.

Foucault é cômico politicamente e usa sua comicidade para agredir o presente ali onde mais incomoda: no que insistem em tomar por *verdade*. Por isso, ser-nos-ia impossível fabular sem, ao mesmo tempo, fazer insurreição. Deleuze, com Guattari, tem uma força de riso às gargalhadas, mas, ao mesmo tempo, também Foucault. E, dissemos antes, mas nada custa reforçar, a fabulação só existe se ela desrespeita o presente. Pecar nem por excesso de realidade, nem de imaginação; nem de seriedade, nem de gargalhadas. Rir? Sempre. Mas de modo a fazer a seriedade risível.

\*

Tal qual o riso, outro elemento mantém a fogueira fabulante acesa: o susto.

\*

No limite, todo corpo devém-fabulador. Jean-Christophe Goddard (2017) rouba o Descartes de Leminski para confrontar um Espinosa radicalmente transmutado em um brazuca, negão e sebento para, no limite, descobri-lo ainda mulher. Eduardo Viveiros de Castro (2015) faz do corpo xamânico um hospedeiro para outros corpos. Em ambos os casos, o corpo não faz outra coisa senão fabular. Ambos os casos narram o que sempre soubemos: o controle tem medo do fantástico, do inexplicável. Como Goddard (2017, p. 20) destaca, “seres fantásticos continuam assombrando os brancos. E eles, coitados, não sabem o que pensar destes desconhecidos, a que concedem de boa a hospitalidade de seu próprio universo de pensamento, mas dos quais não sabem aprender bulhufas” Espinosa engasga-se com personagens fantasiosas antes de, finalmente, transitar por elas. De certo modo, é preciso o susto para se permitir transeunte de um mundo desconhecido. E, como Eco (2007, p. 313) constata: “a fábula sempre foi pródiga em horrores”. Por isso, apesar das tentativas moralistas da fabulação controladora, as histórias que nos contam não colam. A fábula arrasta corpos que insultam o presente; arrastam corpos plurais, mesmo que esses corpos sejam apenas uma figura. A fabulação exige a transição entre histórias, a criação do corpo, afinal, sabe que “conhecer é ‘personificar’, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido. Ou antes, *daquele*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 50). Assusta-se um corpo, vive-se o susto, contam-se as histórias.

\*

Talvez, nesse xamanismo ameríndio, aprendamos um pouco da arte da intuição – não apenas “retornar” ao corpo, mas saber diferenciar os infinitos elementos de uma história. O xamanismo exige uma percepção que, aos modos do Bergson de Deleuze (2012, p. 19), “não é o objeto *mais* algo, mas o objeto *menos* algo, menos tudo o que não nos interessa”. Um corpo fabulado agrega um sem-fim de histórias, mas nem todas são cabíveis, nem todas nos ajudam a questionar o presente.

\*

– Professor, foi mal perguntar isso – disse um aluno, depois de eu sair da sala dele  
 – Mas não acha isso meio infantil não? Sei lá. A gente senta, conversa, tenta definir como vão ser os personagens...

– Acha que tá ficando chato? – eu perguntei a ele, receoso da resposta.

– Não, chato até que não tá não – ele parecia sincero – Mas não vejo como tudo isso pode ter importância, né? Você falou que é para uma pesquisa, não foi? Você não devia fazer perguntas a gente, então? Criar gráficos? Tabelas, gravar tudo, filmar tudo? Sei lá, não manjo dessas paradas não.

Eu sorri para ele. Ele, na verdade, entendia muito bem.

– Eu não sou muito bom em seguir regras não – respondi a ele – E ia ser muito chato só ficar lá fazendo um monte de pergunta. Agora, olha que irado, a gente senta, discute toda semana algumas coisas novas sobre a história e os personagens... vocês já criaram o quê? Quatro personagens, não foi? Todos eles são coerentes, fazem sentido. Já até vi vocês fazerem gracinha com a professora de artes dizendo que tem aluno novo quando, na verdade, é o personagem de vocês.

– Hahahaha, você ficou sabendo?

– Lógico, a professora de artes mesmo já espalhou pela escola toda. Ela amou a ideia de vocês – eu dei um breve soco no ombro dele – Se eu quisesse que a *feiarada* toda fizesse algazarra na escola, não acha que só essa palhaçada de vocês já é mostra disso?

\*

Assim fazemos pesquisa.

Numa época em que a arte se reduz à criatividade (ROLNIK, 2018) e o funcionalismo responde à produtividade capitalista (ROSEIRO; SILVA, 2018; HAN, 2017), fazer pesquisa não é apenas registrar infinitamente ou mesmo pretender dar conta de tudo. Inicialmente, planejava fazer registro de áudio de todos os encontros, porém, por escolha, acabei fazendo um registro escrito em um caderno que foi separado unicamente para a pesquisa. Nele registrei as ideias, alguns desenhos, personagens, as histórias que criamos, as alterações que fazíamos, nomes dos alunos, coisas aleatórias. De fato, a pesquisa, aparentemente, não servia a nenhum propósito, entretanto, conversando com aquele menino, foi a primeira vez que consegui sintetizar o objetivo da pesquisa de modo tão simples. Nada do objetivo pomposo: *indagar sobre as insurreições que o corpo feio fabula nas escolas contra os maquinismos do regime capitalístico*. Não. Não mais. Pergunta simples: *e se a feiarada toda fizesse algazarra na escola, o que restaria do controle?*

\*

Dois conceitos completamente diferentes: fabulação e insurreição. Um emerge da possibilidade de criar o mundo; outro agride o mundo. Na fabulação, a violência encontra o corpo de um personagem em um mundo impossível de respirar; na insurreição, o corpo abandona qualquer individualidade para respirar o impessoal. A fabulação agride o mundo com sua possibilidade, com sua estética da ficção iminente real. A insurreição pede passagem para outros lugares, desvendo a criminalidade de quem sorri. A fabulação agride o presente; a insurreição desfaz o amargo de um corpo no abraço. Na insurreição, o corpo feio dramatiza a ironia do corpo egocapitalizado enquanto fabula transgredir a solenidade da beleza. Ou seria o contrário?

\*

“Já que não se pode contar com a revolução oficial para romper com o encadeamento precipitado dos segmentos, contar-se-á com uma máquina literária que adianta sua precipitação” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 108).

\*

Por fim, talvez fique a dúvida: “é possível fabular no ‘real’?”. Sabemos, é claro, que isso parece algo para a escrita, algo para depois que a pesquisa “está feita”, depois que tudo já está nos seus lugares. Sabemos que o encontro com o campo, os livros, os documentos, os vídeos e afins parece ser algum trabalho “do pesquisador”. Afinal, como é possível criar um personagem antes de a pesquisa estar certa, findada, bem resolvida? Perdoem-nos, mas essa é, justamente, a intenção. Não nos interessa que a pesquisa seja feita a um modo e, postumamente, dada a fabular. Isso não seria fabulação enquanto método, mas enquanto escrita. Não. A questão é conseguir criar, em um grupo – de textos, de arquivos, de vídeos, de fotografias, de pessoas –, um personagem que faça parte daquele grupo organizado. Aos modos do Viveiros de Castro, falar de um livro que nunca foi escrito e, nem por isso, é menos real. Em meio a pessoas, é questão de fazer existir um terceiro que estava ali até agorinha e, de repente, não está mais. Falamos de um corpo fabulado para fazê-lo *vivo*. Mas que fique registrado: você nunca é dono da personagem que cria! Outros tantos a criarão com você, outros lhe dirão o que fazer. Aceite: outros corpos fabulam esse mesmo corpo-personagem enquanto você trabalha nele. De nada vale manter a fabulação em segredo ou mantê-la como mentira! Conte-lhes das fábulas e do exercício, convide-os a participar. Como em um grupo de corpos sussurrantes no deserto estéril, a vida pede para ser contada: “Você acabou de vir do mundo! Conte para nós, conte! Fale sobre o mundo”<sup>16</sup>. Numa roda, onde os outros são corpos – e, em nosso caso, eram crianças e adolescentes hábeis em nos insultar –, por que não dar a fabular? Por que não fazer com que as próprias histórias sejam fabuladas? Falar para além do “eu”, seja lá quem pronuncia, quem fala, quem escreve, quem rabisca. “É possível fabular no real?”. Ora, fabulamos *apenas* no real. Longe da imanência, a fabulação é outra coisa qualquer, não um método.

\*

O *real*, em dada medida, é destituído de toda magia, de toda a infinitude. “Um realismo engraçado: sem experiência e sem magia”, como diz Goddard (2017, p. 34). Um realismo “engraçado” que marca, simbolicamente, a metafísica melancólica europeia, a metafísica que nunca chegou aos trópicos, ao funk ou ao samba, que nunca vivenciou o calor de 35° Celsius no inverno. “Real” que, “incapaz de segurar a onda, a porrada da

---

<sup>16</sup> Cena levemente alterada referente ao livro *A luneta âmbar*, escrito por Philip Pullman.

sensação, da manifestação que convoca a existência ao mesmo tempo que aniquila, faz tudo que pode para não ter que segurar essa barra” (ibid.). Há um “realismo” que é tão sem graça, que, mesmo sendo especulativo, sequer poderia personificar a figura de uma vidente, de uma cartomante. No máximo, seria uma conversa de bistrô entre economistas que a tudo explicam.

\*

“O real tem algo intrinsecamente caótico que os humanos têm necessidade de estabilizar impondo-lhe uma legibilidade e, dessa maneira, uma previsibilidade” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017, p. 83).

\*

Aqui, portanto, já basta de dizer *real* ou “real”. O real, como o Comitê Invisível deixa bem evidente, não é o controle, mas, antes, o que a tudo abarca, é a própria imanência; também não é a pureza calculada, a ausência de magia, nos termos de Goddard. O real, nos termos deleuzianos, envolve o atual e o virtual. O que, até então, chamamos de “real” ou *real* não foi senão o atual altamente controlado pelas forças capitalísticas. O real implica também, em todas as virtualidades, no campo dos possíveis que ainda apenas se desenham, não apenas o espaço iminente. O real comporta linhas infinitas: duras, flexíveis, mais duras, menos duras, apáticas, simpáticas, nostálgicas, fictícias, vitalícias, movediças, explosivas – apenas três não bastam.

\*

“O realista, como o idealista, na real, não fede nem cheira” (GODDARD, 2017, p. 35).

\*

A imanência faz-se evidentemente fabuladora. Talvez a fabulação metodológica seja a possibilidade de criar um corpo existente apenas nas virtualidades da vida. A função fabuladora é sempre dos pobres – e, por conseguinte, sempre um insulto –, dos corpos



esdrúxulos, bizarros, da carne comum; a fabulação faz as infâmias agruparem-se, criarem um corpo (ou corpos!) coletivo, corpo desejante (“Sempre mais desejante que desejado!”); a fabulação, porque fabulosa, cria, do falso, a monstruosidade. Joga contra a lógica cartesiana! Do *cogito ergo sum* nasce o *fabulate ergo sum*. A mudança não é apenas de um termo, mas das condições de emergência. Não mais é um corpo pensante que existe por si só, mas um corpo que existe a partir dos outros que se põem em criação com ele. A questão é de corpos que se juntam, se unem, traçam comuns. Aqui a tradução não é: “Fabulo, logo existo”, mas “Fabulais, logo existo”.

\*



[ ; ]

Com o tempo, Anael acabou esquecendo-se completamente da proposta louca da menina de cabelo roxo – Idril – e do menino doido que já saiu dando um cascudo na cabeça dele. Descobriu que, realmente, o menino de cabelo azul era um garoto muito fofo, mas apenas isso: um garoto e fofo.

Título: *Anael da sala de professores* (aquarela).

– Professor – disse o menino certa vez indo à sala de professores – Vim pegar o livro com o senhor, lembra? Você disse que era para vir aqui antes do final da semana porque senão...

– Opa, foi mal! – Anael respondeu levando um susto. Estava com fones de ouvido

– José Silva, né? Que houve?

– Saci – corrigiu o aluno no ato.

– Opa, foi mal – repetiu o professor.

– Tudo bem. Mas eu vim pegar o livro que o senhor ia me emprestar...

– Ahhhhh! Claro! Toma, toma... Você disse que gosta de romances, né? Pode ficar à vontade... quando terminar, só me falar antes que já trago outro, aí você pode continuar lendo...

– Tá bom – Saci respondeu um pouco tímido – Eu te falo aqui na escola quando eu acabar então...

– Nossa, é verdade! Não, aqui – Anael pegou um pedaço de papel e anotou – Esse é meu número. Manda um *zap* quando acabar que aí eu já trago um livro no dia seguinte

e você não tem que esperar. Isso é, se você realmente curtir ficar lendo assim igual um doido... eu faço isso sem parar, então adoro quando encontro alguém para conversar sobre livros...

E parou de falar quando percebeu que estava animado demais.

Se ninguém mais lembrava, o próprio Anael se *lembrava* do convite estranho da Idril.

Mas, aparentemente, ninguém na sala de professores prestava atenção neles. Saci anotou o número e saiu dali carregando o livro. Naquele mesmo dia, o menino – Saci – mandou um *zap* para o professor perguntando se eles podiam ser só amigos. Anael, tentando não magoar o menino dizendo que nunca tinha levado a proposta a sério, disse que ele também preferia assim. Contou uma pequena mentira dizendo que estava interessado num boy já havia um tempo e, por via de dúvidas, acrescentou: “foi mal, mas prefiro homens mais velhos”.

Sem emoji de beijo e apenas símbolos.



### [dona Certinha]

“Vc é certinha demais Idril”, leu Idril na tela do seu celular. O comentário era anônimo e era direto no canal do YouTube dela. Tudo bem que *todo mundo* da escola conhecia o canal dela, mas era estranho ver alguém de lá fazer esse comentário. Ela, inclusive, sabia que era de alguém da escola porque só o pessoal de lá chamava ela assim. Nos vídeos dela, ela usava o *nick* dela, então sem chance de ser alguém de internet.

Por isso, naquela mesma hora, ela estava lá parada na frente do portão esperando o Anael. Possivelmente ele sabia quem era o aluno que tinha feito aquela postagem. Afinal, ele era o professor de português deles, né? Devia conhecer a escrita das pessoas só pelo modo como falavam. Ela, pelo menos, adorava ver essas coisas nos livros que lia.

Mas, para azar dela, a cara de atônito dele, quando ela comentou isso, acabou, de vez, com as esperanças dela.

– Sei lá, se tivesse alguma coisa a mais, algum apelido, alguma coisa específica – ele justificava –, sabe, QUALQUER COISA, até faria sentido. Mas até os erros da pessoa foram quase todos corrigidos pelo autocorretor... e não tem vírgula antes do seu nome, então certamente teria mais erros... além do “vc”, mas esse a gente já até entende...

E Anael continuou lá dando sua aula de português apenas para dizer que ele não sabia de nada.

Por *anos*, Idril tinha feito suas maquiagens, seus vídeos e seus *looks* para realmente parecerem certinhos. Ela não gostava da ideia de fazer um trabalho malfeito e, menos ainda, de não ser condizente com o que ela achava ser o melhor. Ela nem ligava de fazer o *look* de uma cartomante decrépita que aparecia em um livro de que ela gostava muito! Uma menina de outro canal uma vez a desafiou e Idril adorou fazer o papel. Gastou

quatro horas montando o *look* perfeito e depois mandou o vídeo para ela. Idril, até hoje, estava bem postada no canal da outra menina e tinha mais *likes* que a maior parte dos vídeos desta outra.

Para Idril, isso era ser *certinha*. E agora alguém vinha e falava mal disso nela?

Ela estava possessa. Esse era o sentimento.

Então foi fazer uma reclamação na coordenação. O que acabou se mostrando outra perda de tempo.

– Você quer que eu faça uma busca nos celulares de todos da escola para ver *quem* postou um comentário maldoso sobre você no seu canal do YouTube? – Ismeli repetiu para tentar entender a situação – E, só por curiosidade, o comentário maldoso é: “Você é muito certinha”?.

– Isso.

Ismeli assentiu.

– Ah sim, terei isso em mente – o tom da coordenadora *sugeriu* que ela estava se segurando para não rir – Quer que eu procure outras coisas também? Ou só isso basta?

Nem é preciso dizer que, apesar de Ismeli não ter implicado muito com ela, Idril saiu de lá ainda mais irritada. Fez, então, o que fazia de melhor. Pegou o celular, escolheu um lugar da escola que não saísse tão feia e pediu a algumas pessoas para gravarem um trecho dela. Lógico, a demora foi para encontrar alguém que soubesse usar o celular sem parecer ter mal de Parkinson. Demorou, mas ela encontrou alguém decente.

Diante da câmera, ela meteu a boca no trombone. Fez o escarcéu com aquele comentário. Fez um discurso digno de ser apresentado num Emmy ou, pelo menos, num debate político de escola. Seja como for, ficou bonito. Quando terminou, o menino que gravava teve que enxugar as lágrimas e pediu desculpas porque, certamente, ele tinha tremido. Ela verificou: ele tremeu *mesmo*, justo na hora em que começava a parte boa. Mas dava para ouvir as fungadas dele, então dava para entender que quem filmava estava chorando. Isso ficaria bem para ela.

Editou e postou ali na escola mesmo.

Quatro dias depois, numa segunda, ela chegou à escola e viu o Saci parado ao portão esperando por ela como sempre.

– ‘Miga, sua louca, sei nem como te falar isso, então vamos lá – breve pausa – Sabe aquele comentário falando que você é certinha demais? Que você fez o escarcéu depois com aquele vídeo *bombástico*?

– Ficou bom aquele vídeo, né?

– Ficou, amiga. Ficou mesmo.

– Eu faço o que posso.

– Pois sim. Amiga, aquele comentário quem fez fui eu, tá? Só para o caso de você aprender a hackear, descobrir de onde veio e tudo o mais, aviso logo, foi sua irmãzinha aqui. E eu nem precisava ouvir aquele discurso todo porque, honestamente, o tom era de elogio. E eu fiz no celular do Feioso e todo mundo sabe que ele não tem canal, por isso saiu anônimo.

Idril deixou o queixo cair.

– Mas o comentário te fez bem que eu vi. Você tá renovada depois daquele vídeo. E eu até vi o Aristeves assistindo seu vídeo, tá? Aquela represália contra minha pessoa. Ele viu e até assoviou, amiga. Igual cachorros fazem quando tão no cio.

Saci se aproximou, passou a mão por sobre os ombros da amiga e eles entraram juntos.

– Quando você quiser me agradecer por te fazer famosa de verdade, só me apresentar aquele seu irmão que tá no ensino médio, tá? Ou o da faculdade. Ou os dois porque eu sou assim...



Título: “*Vc é certinha demais Idris*” (aquarela).



## [vida pelos corredores]

– Minhas pernas doem – Ismeli reclamou ao entrar na coordenação – Nem inventa de me pedir qualquer coisa, que eu não vou fazer.

– Relaxa, Ismeli, tô aqui só te fazendo companhia.

Claro que era o Aristeves.

– Feioso, você nunca para em sala não? – ela perguntou desabando na primeira cadeira que encontrou.

– Coé, Ismeli, tô na minha sala agora. HAHAHAHA

Ismeli sorriu para o rapaz. Ele pegou uma cadeira e colocou na frente dela.

– Você gosta daqui da escola, né, Aristeves? – Ismeli ousou perguntar.

Feioso se aproximou, tirou as pernas dela da cadeira, colocou em seu colo e começou a massagear. Ismeli levantou uma sobrancelha o máximo que pôde.

– Sei que você é casada, não tô dando em cima de você – ele respondeu com um risinho.

– Conheço sua fama, garanhão. Sei que não são muitas as professoras e os professores que resistem ao seu charme...

– HAHAHAHA, tem uns que ainda não peguei... tem um que tá se fazendo de difícil...

– Eu não quero saber nomes, Aristeves, ou serei obrigada a fazer algo.

O menino continuou massageando e Ismeli relaxou depois de um tempo.

– Aqui é a única escola que conheço que o povo não me manda pra noite – Aristeves respondeu depois de um tempo – Tem amigo meu que com 15 anos os *cara* já

queria passar pra noite só porque tava no sexto ano... aqui ninguém nunca me enche o saco – Aristeves deu de ombro – Difícil não gostar quando a gente é bem-vindo num lugar, saca?

Ismeli não soube o que responder a ele, então os dois ficaram em silêncio por um tempo. Não era incômodo, ainda mais com as mãos do rapaz aliviando as dores dos pés dela. “Meu Deus, como ser coordenadora é difícil!”, ela pensava.

– Vou começar a te chamar para cá só por causa dessas mãos...

– Oooooopa! Ismeli danadinha! Eu aqui achando que você ia ser a única que eu não dou uns amassos...

Os dois sorriram.

– Você pretende fazer o que da vida, Aristeves?

– Ah, coé, Ismeli, você tá muito sentimental hoje! A gente sempre fala de putaria aqui! Que houve? Tá morrendo? Tá passando mal? Já perguntou se gosto daqui, o que vou fazer da vida, daqui a pouco pergunta se quero ter filhos, se vou divorciar...

Ismeli caiu na gargalhada.

– Aristeves. *Eu* estou grávida.

Feioso parou no ato.

– Caraaaaaaaacas, Ismeli! Tenho pena desse filhote aí, mas pô! Irado! Sabe quem é o pai? HAHHAHA, brincadeira, calma. Pô, que foda. Por isso você tá tão cansada assim? Do jeito que você é gorda, nem dá para reparar, já tá com quantos meses? Quatro? Cinco?

Ele levou um tapa no braço.

– Se enxerga, menino. Descobri ontem e estou no primeiro mês, para sua informação. E agora que você não me responde mais, eu tenho que subir e você também. Vai começar a aula do Anael na sua sala e ele reclamou que você só apareceu três vezes na aula dele... ‘Bora lá que eu tenho que tirar umas fotos dos trabalhos de vocês e você vai ficar na sala...

– Ah, para, Ismeli, tô tão bem aqui fazendo massagem nos seus pés...

– Sala, Aristeves, sa-la.

Sem discutir mais, Feioso a seguiu. Ismeli entrou na sala, rodou as mesas, viu os rascunhos dos grupos com Aristeves a tiracolo.

– Caraaaai, viado – Ismeli ouviu Aristeves falar com o professor enquanto olhava para os trabalhos dos colegas – Tô numa sala de criancinha de novo! Gostei disso, viado! Boto fé! O que é pra fazer? Tô dentro! Me coloca pra trabalhar que nem louco que já gostei.



Ismeli tirou as fotos que queria e mostrou ao professor. Os dois conversaram um pouco sobre elas e Ismeli acabou deixando a câmera da escola na mão dele. Ele parecia responsável o suficiente. Menos de um minuto depois, ela estava no corredor, voltando para sua sala.

Por um segundo – um mísero segundo! –, Ismeli achou que talvez o professor novo tivesse a chance de conhecer o Aristeves, e não apenas o Feioso. Um segundo quase inteiro! Mal saíra de perto da porta da sala, entretanto ouviu o ronco da risada do menino.

– ... VÉI! TU NÃO TEM JEITO NÃO, NÉ, VIADO? – ele berrava lá dentro – ISSO É COISA SUA, SACI! COLOCAR OS MANO TUDO SENTADO NUMA VARA VOADORA... CARAAAI, ‘CÊS SÃO DEMAIS...

– FEIOSO, SUA PUTA! É UMA VASSOURA! UMA VAS-SOU-RA!

Nessas horas, Ismeli sempre agradecia por não estar em sala de aula com ele. Saiu rindo sozinha pelo corredor.



Título: *Coordenadora bailarina* (aquarela).



### **[sempre cabe mais um]**

Apesar de toda a fama de brava, Josélia sempre foi bem vista na escola, mesmo pelos alunos. Talvez fosse só porque ela não negava carona a ninguém e, com isso, acabasse sempre levando pelo menos quatro para a cidade junto com ela todo dia. Ela nem perguntava mais. Quando saía da escola, lá estavam quatro ou cinco ou seis alunos parados perto do seu carro já esperando por ela. Às vezes, eles davam um doce a ela – ela nunca aceitava dinheiro – ou apenas contavam as últimas fofocas da escola.

A fama era de durona, mas Josélia passava os vinte minutos de viagem no carro se divertindo com os alunos que sabiam muito bem quais histórias ela gostava de ouvir, quais ela os olharia com a expressão de professora brava.

Às vezes, ela desconfiava que alguns deles iam com ela no carro só para ela não ficar tão sozinha. Em compensação, tinha dias que ela tinha *certeza* de que um ou outro aluno usava esse tempo para tentar descobrir o que iria cair na próxima prova dela ou se ela seria bondosa o suficiente na correção de algum trabalho.

Não é que ela se arrependesse desses dias – ela gostava de ser bajulada pelos alunos –, mas sempre ficava com uma sensação triste quando lembrava que, logo, não mais iria passar por isso. Não que ela *quisesse* continuar trabalhando depois da aposentadoria. Ela não seria uma dessas loucas que se aposentam e voltam a trabalhar, voltam a fazer processos seletivos e tudo o mais. Não, já tinha planos: ia se aposentar nas duas cadeiras e começar a fazer mochilão pela América do Sul com o namorado dela. Eles já vinham fazendo os planos do trajeto todo. Ele ia estar com 66 anos e ela com 50. Ao menos os dois teriam idade o suficiente para pedir água pelas casas sem causar muito rebuliço. A melhor parte de mochilar na terceira idade!

Certa vez, Josélia e os professores tinham ficado até de noite na escola para uma reunião chata de escola. Tinha começado como plano de ação e terminou com avaliação institucional, ou seja, uma chatice só. Já era tarde quando eles saíram – quase nove da noite! – e, pasma, Josélia encontrou um aluno encostado em seu carro.

Ela estava acostumada, mas não àquela hora da noite.

– Josélia, minha linda! – disse o rapaz, dando um abraço efusivo na professora – Pode me dar uma carona?

Aristeves. E ele fedia a álcool.

Ela hesitou apenas por um segundo. Abriu a porta do carro para ele, colocou ele para dentro e prendeu o cinto de segurança dele. Nunca tinha acontecido antes, mas ela conhecia as famílias daquele bairro. Ele possivelmente apanharia feio se chegasse em casa bêbado. E nunca tinha visto o menino beber ou ouvido falar disso, então alguma coisa devia ter acontecido. Não que ela estivesse curiosa, mas certamente estava preocupada.

– Você só me mete em enrascada, Aristeves – ela disse enquanto dirigia.

Ele sorriu e mandou um beijinho para ela no ar.

Ela o levou para a casa dela e, com a ajuda do namorado, deram um banho nele e o colocaram para dormir no de hóspedes deles.

– Ele é o que te dá trabalho sempre? – o namorado perguntou.

– O próprio.

– Entendo porque você gosta tanto dele. Mesmo bêbado ele inspira alegria.

Josélia não se deu por vencida.

– Não se iluda, essa alegria toda que você está sentindo é o cheiro de álcool. Vai passar.

Ele riu.

No dia seguinte, quando Josélia e Aristeves chegaram à escola juntos, a escola inteira ficou de cochicho. Josélia já esperava isso, então, para ter certeza de que a coisa ia andar como devia, ela ficou para trás e esperou Feioso passar na sua frente.

– Vai lá, gostoso – disse ela e deu um tapa na bunda dele.

– Iiiih, Feioso, domou ou foi domado?

Josélia sorriu. O segredo do garoto estava a salvo. Ele não iria apanhar quando chegasse em casa. Para ela, era o que importava no momento.



## [hogwarts]

No final do trimestre, as maquetes estavam prontas e cada turma do professor Anael iria fazer uma cena ou um cenário do primeiro livro de *Harry Potter*. Apesar de Saci ter realmente virado um amigo bem próximo do Anael – os dois conversavam todos os dias um pouco pelo *zap* –, Saci conseguiu segurar-se para não contar como ia ficar a maquete deles. Ele, Idril e Feioso tinham conseguido convencer o professor a não fazer na escola e fazer só em casa. Tudo bem que, para ser convencido, os três tinham sido obrigado a ajudar os outros grupos enquanto estavam em sala, mas valia à pena.

Afinal, seguindo a ideia do Feioso, a maquete ia ser do tamanho de uma barraca! Todo mundo ia poder entrar e ver por dentro.

*Decididamente* era uma ideia genial.

Por isso, nenhum dos três se importou em trabalhar com os outros grupos quando estavam na sala. Era até bom que, desse modo, tinham certeza de que nenhum dos outros grupos ia fazer a mesma cena que eles.

– Viado, *ninguém* lembra dessa cena! – Feioso garantiu.

Pelo visto, ele estava certo. Todos passaram batido por ela.

Então, foi o que fizeram.

Montaram o esqueleto do que fariam com bambu e cipó. Perto da escola tinha uma área de preservação, então cipó não faltava por ali. E na casa da Idril tinha um bambuzal, então também não era problema para eles. O que faltava, depois, era dar os aspectos certos, fazer as coisas que colocariam dentro.

Ia ser uma área de dois metros cúbicos. Lógico, um cubo perfeito.

– Feioso – Idril chamou certa vez enquanto eles trabalhavam no quintal da casa dela –, ainda estou surpresa que você *tenha* lido alguma coisa na sua vida. Toda vez que falam em *Harry Potter*, todo mundo pensa logo no castelo bruxo...

– Ou nos homens com um pedaço de pau enfiado entre as pernas, né, Saci? – Feioso debochou.

– Me erra, viado. Eram *vassouras*, vas-sou-ras!

– Sei.

– De todo modo – continuou Idril – você não foi nem para o castelo, nem para o esporte e nem para a batalha! Estou surpresa!

– Você sabe que tem essa cena no filme, né, Idril? – Saci perguntou.

– Na verdade, sei não, nunca vi o filme. Só li os livros, obrigada.

– Maaano! Tá insinuando que eu não li e que apenas vi o filme? Como faz um negócio desse comigo, viado? Partiu meu coração...

Saci voltou a ignorar os dois. Idril estava feliz da vida por estar no grupo com Feioso e bem, Idril feliz facilitava a vida do Saci também, embora ele estivesse sentindo falta dos vídeos dela. De todo modo, ele tirou todas as fotos possíveis e impossíveis. Iria adorar mandar para o Anael depois que apresentassem.

“Já posso ver? A apresentação é amanhã, maninha! Vai mesmo me fazer esperar até amanhã?”, *zap* do Anael. “Juro solenemente não fazer nada de bom”, Saci respondeu. E mandou um emoji de riso.

Tinha realmente crescido uma amizade entre os dois, a ponto de, de vez em quando, eles saírem para tomar sorvete juntos. Idril já tinha perguntado umas 30 vezes – por dia – se estava rolando ou se ia rolar algo entre eles. Saci já até fazia careta para a pergunta. E nem pela insistência da amiga, mas pelo simples fato de não mais conseguir ver o professor como outra coisa senão um amigo. Ou, como Anael falava, os dois tinham virado *manas* um do outro.

– Acabamos...

Já era quase nove da noite e a mãe de Idril tinha até chamado Saci e Feioso para jantarem com eles. Lógico que os dois aproveitaram sem cerimônia. Mas, assim que olharam para a estrutura montada, para aquele papel celofane parecendo água no fundo, aquela floresta em miniatura que tinham feito e aquela frente de plástico que realmente parecia vidro... é. A cena estava espetacular.

– A cobra que você fez já secou, Saci? – Idril perguntou.

– Acho que já... ao menos, já ‘tava quase seco quando vim pra cá...

– Se *alguém* não tivesse passado tanta tinta nela...

– Ela não ia ficar tão bonita quanto ficou.

Os três riram bastante. No dia seguinte, iriam fazer cada aluno da escola passar pelo que o Duda passou quando encheu o saco da cobra no zoológico. A ideia era que todos encostassem no “vidro” do serpentário e, de prontidão, Feioso empurraria a pessoa com tudo para dentro. Saci já estava até vendo os gritos quando dessem de cara com a cobra escondida. Ela tinha realmente ficado  *muito* boa. Tinha chance de enganar pelo menos um ou outro. Tinham até comprado uma tinta lá – uma tal de acrílica – que deixava a superfície da pintura gelada e meio grudenta. E também sabia que Idril iria fazer uma maquiagem fantástica nos três. Amanhã, os três seriam bruxos com aparência bem repugnante empurrando pessoas num ninho de cobra.

Mal podia esperar para ver as reações das pessoas.

## **FEVEREIRO, ANO DESCONHECIDO**

As aulas começaram esta semana e, como exercício inicial, um professor conversa com sua turma sobre as ações que serão tomadas no ano e que escola criarão para daqui a 20 anos. Após a conversa inicial, o professor tira um vasto conjunto de tintas acrílicas, pincéis e tecidos já cortados e propõe que façam, então, as pinturas de suas apostas naqueles pedaços de pano, para que possam, em algum momento, fazer uma fábula de uma escola do futuro. Aquele já é o quarto ano que o professor realiza aquele trabalho e ele nunca se cansa. É sempre seu trabalho inicial e, recentemente, ele ouviu de alguns alunos que esperam o momento de tê-lo como professor apenas para fazer tal trabalho. O corredor da escola onde os quadros ficam expostos mostram, já, pequenas mudanças, pequenas escolas do futuro que já começaram a se instalar no presente.



## **[imanência, uma escola]**

Talvez vivamos, efetivamente, em uma época na qual os regimes estéticos se tornam cada vez mais abrangentes e, paradoxalmente, mais controladores. Talvez seja verdade que o capitalismo atual seja um devorador de mundos, como Viveiros de Castro o chamou, e não reste muito mundo para a vida. Talvez, inclusive, as maquinarias capitalísticas se alimentem de nossos cérebros, gozos, amizades e vidas e regurgitem sobre nós com ousadia o suficiente para que sejamos cobrados por esse vômito.

Mas são muitos corpos e, embora jamais nos despluguemos completamente, algumas fugas somos capazes de fazer. A perversa máquina Capital pode-se alimentar de nossos corpos, mas também nos alimentamos, de modo errôneo, de seus signos, de suas linguagens e de seus espaços.

Fazemos da alimentação maquinica uma arte insultuosa.

O período de criação com as alunas e os alunos na escola não foram apenas um período de produção de dados da pesquisa. Ali, nas conversas com eles, vivi momentos de tensão grande entre as turmas e outros professores, entre eles e a escola muito determinada em seguir à risca algumas regras social-capitalísticas. Um aluno, de uma das turmas, perguntou-me em dado momento por que eu ainda não o colocava para fora de sala. Não nego que o rapaz era realmente tagarela e animado em demasia com qualquer coisa que fosse falada, mas um aluno ainda assim. Noutra turma, uma menina foi surpreendida pelo simples fato de eu conhecer a letra de um funk meio pesado que ela cantava baixinho.



Não vou dizer sequer que consigo lembrar os nomes dos alunos – lembro de um ou outro apenas –, todavia lembro suas histórias, suas lutas não para *permanecer* na escola, mas para fazer daquele espaço algo que lhes é veementemente negado fora da instituição, naquele bairro em que o ponto de ônibus parece ser o único *point* dos vivos.

Em miúdos: lembro os corpos fazendo da escola espaço borbulhante de vida.

Lembro e sinto, em cada um dos rostos que ainda vejo de vez em quando, a possibilidade de fazer da escola outro lugar, de afirmar, na escola, esse espaço de desobediência, aquele laboratório para experimentar as insurreições cabíveis na vida comum.

As desobediências restam, por fim, nestas páginas que chamei de dissertação. Umhas poucas e boas desobediências que ora cresce e ganha repercussão, ora não vinga e é esquecida.

Há desobediências em todas as escolas. Falta-nos, talvez, tato para com elas.

Se há algo que me agrada na proposta do Ian Masschelein e no Maarten Simon (2014) é a possibilidade de profanação do mundo. Qualquer corpo que adentre uma escola percebe isso em alguns momentos entre os alunos. Pode até ser que eles já estejam familiarizados demais com a vida capitalística para sair dela por completo; todavia, ainda assim, percebemos vislumbres de vidas que fazem do capitalismo simples pedrinhas para pular.

Não conseguimos, de modo algum, destruir uma engrenagem por completo da maquinaria capitalística, mas, quiçá, conseguimos trocar algumas poucas peças de lugar.

Há, mesmo na rabugenta Josélia e na controladora Ismeli, afeto o suficiente para fazer um coquetel de anestésicos falhar. Feioso pode ser a “estrela” das histórias – o rompante de feiura que insurge em cada mania embelezante –, mas se as duas ainda estão ali e há tanto tempo já se dedicam à chamada escola de gente feia, não é por uma questão monetária apenas. Devem também ter topado com um vislumbre do futuro.

Por isso, na entrada deste último capítulo, a proposta de pensar uma escola do futuro, uma escola que não seja essa tão enraizada na necessidade de podar os corpos, de embelezá-los e de mantê-los sob controle exagerado.

“Fevereiro, ano desconhecido” é um lembrete para os corpos produzirem não um exército de “eus”, mas uma malha intrincada de vidas que só é possível quando o comum é traçado. “Fevereiro, ano desconhecido” é, talvez, uma ode a uma época em que os corpos não mais precisam ser feios para criar insurreições; é, talvez, um tempo em que a *feiura* é o traço comum a todos.

A maquinaria capitalística se dedica com afinco a minar as insurreições, a fechar o cerco sobre as vidas em luta, não tenhamos dúvida disso. Mas, antes de fazerem isso, por já terem a guerra vencida, fazem-no por verem que estão em frangalhos. Querem a todo o modo nos enfraquecer e talvez os filmes populares distópicos sejam uma dica desse mote. Sejam nos sucessos de bilheteria hollywoodianas (*Divergente*, *Jogos Vorazes*, *Matrix*, *Maze Runner*, *Uma noite de crime* etc.), sejam na lista de filmes e séries *cool/cult* da Netflix (*Anon*, *3%*, *Altered Carbon*, *The Rain* etc.), a jogada das megamáquinas Capital visa justamente fazer secarem nossas possibilidades insurrecionais.

Como o Comitê Invisível (2017) e Suely Rolnik (2018) sugerem, a máquina Capital vive por produzir agenciamentos anti-insurrecionais. Os filmes distópicos parecem dizer-nos, com precisão ímpar, que não temos alternativas, que nosso presente já foi minado e que devemos, agora, esperar uma nova geração de humanos para nos render um futuro estável.

Para nós, “Fevereiro, ano desconhecido”, entretanto, nada teme desse futuro distópico. Não que faça, ao contrário, uma utopia. Todavia, o campo de batalha, para nós, não está apenas onde as maquinarias capitalísticas dizem estar. Sabemos que elas se proliferam em toda a parte e, por isso mesmo, lutamos onde podemos, com os afetos que nos são disponíveis. Certa vez, indagados pelo futuro, pelos sonhos do Feioso, um dos alunos do sexto ano respondeu com um dar de ombros. “Ele só quer fazer carrinho de rolimã”, falou após alguma insistência. Seus colegas riram e gritaram: “Ele ou você?”. “O quê? Não é culpa minha se ele é esperto, né?”, o rapaz respondeu sorrindo de lado.

Alguns corpos nos lembram que o futuro requer tanto nossa alegria quanto nossa capacidade de atrair outros corpos para perto de nós. É preciso comungar o gosto pela vida e nossas produções de comum.

“Fevereiro, ano desconhecido” escreverá um aluno no quadro. E, imediatamente, far-se-ão conversas sobre escola de um modo que hoje não conhecemos e falarão sobre questões que hoje nos soam como zunidos. Pontos de pauta serão traçados e vidas serão comunalizadas.

As feiuras serão de todos e qualquer um.



### [pequeno apanhado fabulador]

Dica1. Crie – nunca para si! cria-se para o mundo! – um personagem que destitua o “eu” de sua boca e agrupe existências infinitas.

Dica2. Dê-lhe um nome próprio que seja “a apreensão instantânea de uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 66) e, em absoluto, “que jamais teu nome próprio vire uma máscara para um índio, uma fantasia de Carnaval” (GODDARD, 2017, p. 57).

Dica3. Faça-o berrar, bater no vidro, escancarar os escândalos tanto quanto os segredos. Não o deixe se calar, salvo momentos que lhe exijam a fala.

Dica4. Que o falso jamais seja um limite e que o imediato jamais fale demasiadamente alto.

Pequeno lembrete. É óbvio que, no trato com o falso deleuziano e com a ficção foucaultiana, com o virtual e com o enfrentamento ao presente, acabamos, também, por correr um duplo risco que, nos dizeres de Gabriel da Cunha (2014, p. 97), pode nos arremeter à "ambiguidade entre a pobreza do desfecho moralizante e o percurso fantástico de pura criação".

Esse lembrete poderia ser inserido em qualquer método.

Dica5. A fabulação só existe no real. Donde mais ela se aventurar, chamar-se-á outra coisa.

*Dica0. Fabulais, logo existo.*

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua 1. Trad. Henrique Burigo. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ALVIM, Davis Moreira. Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: a fênix, o leão e a criança. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. esp., p. 75-95, jan./mar., 2017.

ALVIM, Davis Moreira. Filosofias da ocupação. In: **I Seminário Máquinas, Gêneros e Sexualidades**: corpos em curto-circuito. Vitória: UFES, 25 e 26 de setembro de 2018.

ALVIM, Davis Moreira. **Foucault e Deleuze**: deserções, micropolíticas, resistências. (Tese de Doutorado). São Paulo; PUC-SP, 2011.

ANKERKRONE, Marcela Bezelga Francfort. **Consumo de moda e representações nas telenovelas**: a construção da identidade da mulher *plus-size*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: ESPM, 2015.

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Trad. Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.

BETTI, Marcella Uceda. **Beleza sem medidas?**: corpo, gênero e consumo no mercado de moda *plus-size*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 2014.

BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco**: discursos, corpos, e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. (Tese de doutorado). João Pessoa: UFPB, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Conselho Nacional de Educação/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (3.<sup>a</sup> versão). Ministério da Educação/SEB/CNE/CONSED/UNDIME. 2017.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Creio na insurreição dos corpos: Foucault e um esboço de anarqueologia dos vivos de outros governos. In: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio. (Orgs.). **Michel Foucault e as insurreições**: é inútil revoltar-se? São Paulo: CNPq, Capes, Fapesp, Intermeios, 2017.

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escola e constituição de um corpo coletivo em devir. **Educação Temática Digital**, Campinas/SP, v. 21, n. 1, jan./mar. p. 47-62, 2019.

CARVALHO, Janete Magalhaes. O comunismo do desejo no currículo. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kezia

Rodrigues. (Orgs.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Petrópolis: DP et Alii; Nupec/Ufes, 2015.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Vida nua, vida-criança, vida-aluno: rastros de identidade e diferença afirmando um “estado de exceção”. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, p. 599-613, set./dez., 2015.

COMITÊ INVISÍVEL. **A insurreição que vem**. Trad. Edições Baratas. São Paulo: Edições Baratas, 2013.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. Trad. Edições Baratas. São Paulo: n-1 edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e destituição agora**. Trad. Vinicius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2017.

COPFERMANN, Émile. Prefácio. In: DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores**. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

COUTrINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013a.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013b.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 20 de novembro de 1923 – Postulados da linguística. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgãos? In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011c.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores**. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DINIZ, Márcia Ramalho. **A outra face de narciso: cultura do consumo e beleza do corpo na sociedade contemporânea**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2015.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ESTADÃO. Deputada aliada de Bolsonaro cria canal anônimo de denúncia contra professores. Por: Julia Lindner. Publicado em: 29 de out. de 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputada-aliada-do-bolsonaro-cria-canal-anonimo-de-denuncia-contraprofessores-universitarios,70002571720>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

FERREIRA, Bruna Cristina. **O jornalismo nas revistas femininas Cláudia e Marie Claire. Os conceitos de beleza e saúde aplicados ao corpo feminino e ao controle do comportamento da mulher**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro promete unir o Brasil, valorizar a família e libertar o país do socialismo. Publicado em: 01 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/em-primeiro-discurso-como-presidente-bolsonaro-pede-pacto-e-acena-a-base.shtml>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 27. ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. O jogo de Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, IX**: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Tradução: Abner Chiquieri. São Paulo: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, IX**: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Tradução: Abner Chiquieri. São Paulo: Forense Universitária, 2014c.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

GODDARD, Jean-Christophe. **Brazuca negão e sebento**. Trad. Takashi Wakamatsu. São Paulo: n-1 edições, 2017.

GUATTARI, Félix. **Confrontações**. Conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-estar comum**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HERMANN, Renata Presa. **Corpo, consumo e biopolítica**: “diferentes idênticas” – convocações midiáticas para um estilo de vida feminino e ideal. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: ESPM, 2016.

KISHIMOTO, Masashi. A minha vontade. **Naruto**. Vol. 70, cap. 678. Brasil: Panini Comics, 2015.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LARROSA, Jorge. Elogio do riso. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 167-182.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades**: crítica da insegurança neoliberal. Trad. Renato Abramowicz Santos. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. Trad. Paulo Domenech Onetto. São Paulo: n-1 edição; SESC, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Trad. Eduardo Brandão. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, Paulo Ademir Delfino. **Uma arqueologia do imaginário do corpo na Revista Junior**. João Pessoa: UFPB, 2014.

MARCELJA Karen Grujicic. **A beleza como passaporte intergeracional**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC-SP, 2012.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. Trad. Francisco Trento e Fernanda Mello. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MEMÓRIA, Paula Roberta Fernandes. **A imagem da mulher na moda**: uma análise das representações dos corpos femininos nas fotografias publicitárias da marca *Dolce & Gabbana*. (Dissertação de mestrado). Fortaleza: UFC, 2012.

MILITO, Caio Anawate Kuri. **Culto ao corpo na publicidade**: tecnologias para a construção do eu. (Dissertação de mestrado). São Paulo: UESP, 2012.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Declaração**: isto não é um manifesto. Trad. Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

O HOMEM QUE RI. Produzido por Paul Kohner. Estados Unidos da América: Universal Pictures. 110 min. 1928.

OLIVEIRA, Everton Luiz de. **Concepções sobre beleza de jovens com cegueira**. (Dissertação de mestrado). São Carlos: UFSCar, 2012.

PEREIRA, Beatriz Patriota. **“O mais profundo é a pele”**: processos de construção de identidade por meio da tatuagem. (Dissertação de mestrado). São Carlos: UFSCar, 2016.

PIZZOLI, Ugo. **Pedagogia científica**. Milano: Casa Edtrice: Dottor Francesco Vallardi, 1909.

**PÕE NA RODA**. “Feministas são feias e NÓS SOMOS LINDAS”, diz Damares Alves; assista. Escrito por: Pedro HMC. Publicado em: 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <[https://poenaroda.com.br/comportamento/feministas-sao-feias-e-nos-somos-lindas-diz-damares-alves-assista/?fbclid=IwAR1luD30zH0oENDQINMSHdvM7nrIMR\\_UA19Ds0c5zfxN\\_JjkHlTivJD9yhQ](https://poenaroda.com.br/comportamento/feministas-sao-feias-e-nos-somos-lindas-diz-damares-alves-assista/?fbclid=IwAR1luD30zH0oENDQINMSHdvM7nrIMR_UA19Ds0c5zfxN_JjkHlTivJD9yhQ)>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2019.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro e Verônica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REBOUÇAS, Gabriela Vieira. **“Ser vaidoso na medida”**: estudo da relação entre as práticas corporais estéticas e as masculinidades dos clientes dos salões de beleza *Presidente e D’Flávio*. (Dissertação de mestrado). Fortaleza: UFCE, 2016.



RIBEIRO, Vanessa de Moraes. **Corpo, propaganda de brasilidade**: Gisele Bündchen na publicidade. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; RODRIGUES, Alexsandro; ALVIM, Davis Moreira. Estéticas da carne: insurreições curriculares do corpo feio. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, abr./jun., 2018, p. 277-300.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos disfuncionais: inventar as lutas contra o capitalismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1115-1130, jul./set., 2018.

ROSSI, Vanberto José. **Corpos reverberantes**: novas (re)configurações de *fitness* e *wellness* nas academias de ginástica. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: UFSCar, 2014.

ROWLING, Joanne Ketlin. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAFATLE, Vladimir. **Quando as ruas queimam**: manifesto pela emergência. São Paulo: n-1 edições, 2016. (Série Pandemia).

SAFATLE, Vladimir. **Um dia, esta luta iria ocorrer**. Série Pandemia. São Paulo: n-1, 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos**: uma história de peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. Trad. dos textos em francês Mariluce Moura. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, Simone Ganem Assmar. **Mapeando corpos femininos na história do tempo presente**: diálogos e representações. (Tese de doutorado). Salvador: PUC-SA, 2014.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCHETTINI, Christiana. O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso. In: DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Márcia. (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIMÕES, Regina Helena Silva; BERTO, Rosiany Campos. Modelização do ensino e formação docentes do no Estado do Espírito Santo no início do século XX. **Notandum**, Portugal, v. 42, set./dez., p. 161-178, 2016.

**UOL**. Educação. Grupo de escolas de elite divulga carta com críticas ao Ministro da Educação. Por: Renata Cafardo. Publicado em: 08/01/2019. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2019/01/08/grupo-de-escolas-de-elite-divulga-carta-com-criticas-ao-ministro-da-educacao.htm>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2019.

**VEJA**. Bolsonaro se compromete a consolidar luta anticomunista na América Latina. Publicado em: 08 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-se-compromete-a-consolidar-luta-anticomunista-na-america-latina/>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves. Prática, experimental e científica: a formação docente na administração Anísio Teixeira da educação carioca (1931-1935). In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; MENEZES, Maria Cristina. (Orgs.). **Anísio Teixeira, 1900-2000. Provocações em educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

**VITÓRIA**. Comissão de Justiça aprova Programa Escola Sem Partido. Câmara Municipal de Vitória. Publicado em: 17 de maio de 2018. Disponível em: <<http://www2.cmv.es.gov.br/controladoria/noticia/ler/8692/comisso-de-justia-aprova-programa-escola-sem-partido>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Penguins Classic Companhia das Letras, 2012.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha**: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. (Tese de doutorado). Vitória: UFES, 2016.